

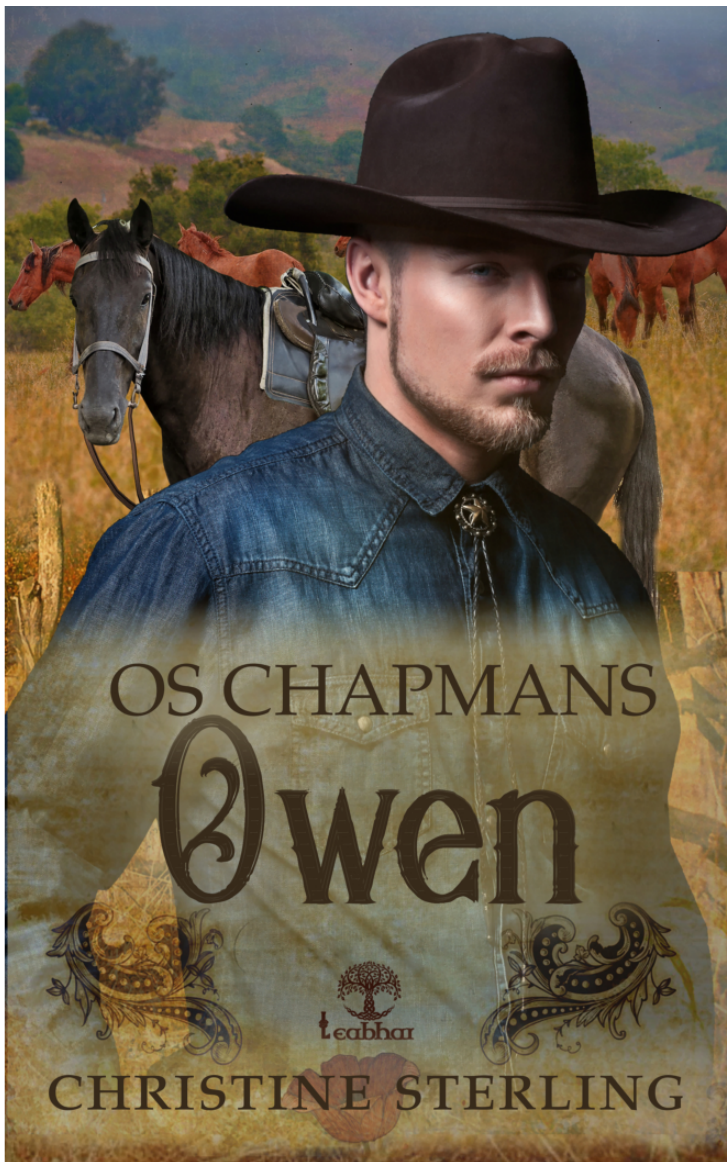
OS CHAPMANS
Owen



CHRISTINE STERLING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



OS CHAPMANS

Owen



CHRISTINE STERLING

Owen

CHRISTINE STERLING

OS CHAPMANS

1ª Edição



7007

Ribeirão Preto/SP

DIREITOS AUTORAIS



Título Original: Owen
The Chapmans #1
Copyright©2020 por Christine Sterling
Copyright da tradução©2022 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Rita Flôres
Revisão: Soraya Defavari
Diagramação e adaptação de Capa: Labellaluna Web®
Capa: Virginia McKevitt

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

S838lbe

Sterling, Christine.

Título: Owen (recurso eletrônico) - ©2022 Leabhar Books Editora

Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de: Owen © 2020 Christine Sterling

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-80754-82-3

1. Western. 2. Americano. 3. Flôres, R. I. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. Rua Sete de setembro. 1851 conj. 1 CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com

www.leabharbooks.com

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Jesus por continuar a guiar minha caneta. Sou muito grata por todas as bênçãos que você concede todos os dias.

Sempre ao meu marido Dan, que acredita em mim, não importa o que aconteça. Eu te amo, querido.

Estou tão inspirada por minhas três lindas filhas, Rebecca, Nora e Elizabeth. Vocês me ensinam algo novo todos os dias.

Eu não poderia fazer isso sem minha equipe de editores e revisores – Carolyn e Amy, obrigada por me fazerem parecer bem! Quaisquer erros que estejam no documento são exclusivamente meus!

Obrigada a Virginia McKeivitt por criar as capas mais incríveis para esta série. Eu te amo, irmã!

DEDICATÓRIA

Para minhas queridas amigas, Terri Lorah e Lauren Sorgaard, que foram as maiores líderes de torcida enquanto isso estava sendo escrito! Eu amo vocês!

Obrigada ao Chapman Street Team por tornar toda esta série possível!

Essas pessoas incríveis leram cada capítulo deste livro enquanto ele estava sendo desenvolvido e forneceram um feedback incrível! Elas também nomearam cerca de 90% dos personagens! Eu aprecio cada um de vocês!

Amy Petrowich

Dolores Howard

Jocelyn Logan

Laura Park

Lauren Sorgaard,

Márcia Montoya

Paulette Xerife I

Rhonda Myers

Sandra Branca

Sandy Sorola

Sue Krznaric

Thereza Baer

Zeinab Dehayni

Zona Fannin

Obrigada a Sue por fornecer a história de Ellie.

Obrigada a Zona por sugerir o nome de Flat River para minha cidade fictícia.

www.thechapmansaga.com

DS CHAPMANS

WESTON CHAPMAN & INGRID ALAND

OWEN CHAPMAN

OLIVER CHAPMAN

MICHAEL CHAPMAN (F)

CALEB CHAPMAN

EVERETT CHAPMAN

MARIANE CHAPMAN & ARCHIBALD GORDON

PENELOPE CHAPMAN & ANGUS HIGHTOWER

ALICE CHAPMAN

DS HARTHMANS

RANDALL HARTMAN & VERA BROWN

CHATTER HARTMAN

BAXTER HARTMAN

EVANGELINE SARAH HARTMAN & DUKE RICHARDS

REXFORD HARTMAN

WHITNEY HARTMAN

FRANKLIN HARTMAN (F)

ANNAMAE HARTMAN

PRÓLOGO



PRIMAVERA DE 1871 **ATLANTA, GEÓRGIA**

Elenore Elizabeth Brooks piscou para conter as lágrimas. Faltavam dois dias para seu casamento e ela não conseguia acreditar que estava tendo essa conversa.

Por que ele não contara antes?

Por que lhe deixou apenas divagar sobre seus sonhos, se não tinha intenção de vivê-los com ela?

Por quê? Por quê? Por quê?

Ela falava constantemente em ter um casamento cheio de amor, filhos e morar em algum lugar no Oeste. E Arlo Lloyd disse que também queria essas coisas. Uma oportunidade de sair de Atlanta e viajar por trilhos no trem de seu pai seria uma lua de mel perfeita.

Acontece que era mentira. Ele queria ficar em Atlanta. Perto daquela mulher.

— Pare de chorar, Ellie Beth.

Arlo estava zombando dela. Seu rosto bonito se contorceu em algo sinistro. Ela era chamada por uma versão diminuta de seu nome desde que era criança. Arlo nunca se referia a ela pelo nome, pois achava juvenil e bobo. Ouvir o apelido dela sair de sua boca foi como um veneno para sua alma.

— Sabe que eu odeio choro. — Ele revirou os ombros e negou com a cabeça como se tentasse dissipar algo que se agarrava a ele. — Quando estivermos casados, não vai chorar tanto. E se fizer isso... — Ele bateu o cinto ao redor de sua cintura em advertência.

— Me bateria? — As lágrimas deram lugar a uma raiva que queimava profundamente em sua barriga. — Não faria isso.

Ele se inclinou sobre ela, o cheiro da colônia que usava a sufocando enquanto se aproximava.

— Isso manteve minha mãe na linha, e vou usá-lo para mantê-la

também.

Ela acreditou nele. A Sra. Lloyd se encolheu sob o marido e o filho. Ellie fingiu não ver os hematomas enquanto a Sra. Lloyd puxava as mangas de sua camisa. O Sr. Lloyd era conhecido por seu temperamento explosivo e episódios violentos quando bêbado.

Ela se perguntou por que a Sra. Lloyd permaneceu em um casamento que parecia tão duro.

Aparências.

Tudo girava em torno das aparências.

Arlo era tão encantador quando o conheceu. Todas as senhoras estavam apaixonadas por ele. Tanto que não tinha certeza do porquê de ele querer cortejar alguém como ela. Ela era simplesmente a filha de um banqueiro. Ele, filho de um rico magnata das ferrovias.

Quando a pediu em casamento, a família dela anunciou em todos os jornais. O casamento deles seria o evento da temporada.

Então seu comportamento começou a mudar — muito ligeiramente. Ela ouviu os rumores — por que um homem rico, que poderia cortejar quase qualquer uma que quisesse, estaria com uma garota tão simples e velha quanto Ellie Beth?

Vinte não era tão velha. É verdade que a maioria das garotas da cidade já havia se casado antes, mas ela simplesmente não havia encontrado a pessoa certa. Sabia que poderia perder alguns quilos e seu nariz apontava levemente para a esquerda; mas seu nariz torto veio de uma lesão de stickball na escola. Nunca mais se curou da mesma forma.

Sua família, embora abastada, não era nem de longe tão rica quanto os Lloyds. Ela havia pensado que estava imaginando coisas, até que sua amiga Polly a informou que Arlo fora encontrado em uma posição inadequada com uma jovem.

Não queria ouvir os rumores de que ele estava se envolvendo com algumas mulheres na cidade. Mas eles a atingiram e finalmente o confrontou.

Quando lhe perguntara, ele disse que ela tinha imaginado, ou que havia entendido mal a conversa. Então a ensinaria a não o questionar novamente, ou não se preocupar, que tudo se acalmaria quando se casassem.

Até tentou cancelar o casamento, mas sua mãe a convenceu a desistir. O que as pessoas pensariam? Então, se acovardou e o fez como se estivesse sendo guiada. Bem, não mais. Fez uma lista mental de tudo o que aprendera nas últimas semanas sobre seu pretendente. E se agarraria a este momento caso se tornasse encantador novamente e tentasse reconquistá-la. Ele já havia feito isso várias vezes antes.

Ela não tinha vontade de ficar em Atlanta. Era quente durante os verões e úmido nos invernos. A cidade estava crescendo, e queria estar em outro lugar. Em algum lugar onde o céu era azul e a terra se estendia até onde a vista alcançava.

— Eu não vou me casar contigo.

Arlo agarrou seu braço e a levantou da cadeira. Ela tentou se afastar, mas ele segurou firme. Ela sabia que teria hematomas onde os dedos dele cravaram em seu braço.

— Sim, vai. Não serei motivo de chacota, Elenore Elizabeth.

— O único motivo de chacota serei eu por não ter feito isso antes. — Ellie estremeceu quando puxou o braço de seu aperto. — Não sei por que iria querer se casar comigo de qualquer maneira. Eu não sou nada como aquelas... aquelas... prostitutas com quem tem passado o tempo.

Arlo riu.

— Bem que poderia tentar aprender alguma lição com essas... prostitutas, como as chama. Se casará comigo, Elenore, e me dará um filho. Meu pai acha que é uma boa reprodutora. E eu preciso de um herdeiro.

— Criação de animais de raça para reprodução? Eu não sou uma vaca!

— Depois do nosso casamento, não haverá razão para sair de casa. Ficará lá, eu terei a companhia que quiser e manterei meu pai feliz dando um herdeiro.

— E quanto a mim? — Ellie chorou. — O que eu ganho? Eu tinha planos, Arlo. Planos com os quais sonhei desde que era uma garotinha.

— Conheço seus planos. Foi tola em pensar em ir para o Oeste. Nada além de selvagens... e mais selvagens. — Arlo começou a andar de um lado para o outro. — Não tenho intenção de ir a lugar algum. Meu pai não está bem e preciso começar a pensar em assumir a empresa e sua fortuna. — Ele girou nos calcanhares e olhou para Ellie. — Apenas pense, Elenore, como minha esposa, não terá que se preocupar em se tornar uma solteirona. Terá meu bom nome, todo o dinheiro que desejar e será grata por qualquer atenção que eu lhe der.

— Eu não posso ouvir isso — disse Ellie. Ela passou por ele, pegando seu xale enquanto se movia em direção à porta.

— Se for embora, Elenore Elizabeth, nunca mais poderá voltar.

— Volte para suas mulheres e uísque. Eu não vou fazer parte disso. — Ao se aproximar da porta, ela notou a Sra. Lloyd parada no corredor. Ellie respirou fundo. — Sinto muito — sussurrou para a mulher mais velha enquanto passava por ela.

As palavras eram tão suaves que Ellie teve que se esforçar para ouvi-las.

— Que bom que fez isso. Boa sorte.

De repente, ouviu Arlo gritando por sua mãe. As orelhas de Ellie coraram com a linguagem enchendo o ar. Viu a cor sumir do rosto da Sra. Lloyd enquanto ela corria para o escritório. A porta deste bateu e Ellie rapidamente saiu.

CAPÍTULO UM



Ellie fez uma careta quando a luz encheu o quarto, acordando-a do sonho mais delicioso. Sonhou que estava andando a cavalo com o vento em seus cabelos. Era perseguida por um homem, e ria encorajando-o a continuar a perseguição.

Ela montava um cavalo prateado com uma crina escura. Ele, um cavalo preto com um temperamento tão selvagem quanto o ar livre. Cavalgaram até um riacho debaixo de uma de árvores, na moita, e desmontaram, soltando as rédeas para que os animais pudessem descansar da corrida.

O homem se aproximou com passos decididos e pegou Ellie em seus braços. Seu rosto estava coberto por um grande chapéu que estava puxado para baixo na frente. Sua boca se moveu, mas Ellie não conseguiu distinguir as palavras, pois sua voz estava abafada. Quando a puxou para mais perto, inclinando-se para beijar seus lábios, o sonho terminou.

Ela sabia que o homem era seu marido, mas não fazia ideia de como ele era. Em seus sonhos, estava sempre de costas para ela, ou usava aquele chapéu que bloqueava sua visão.

Apenas uma vez, gostaria de ver o sonho se concretizar. Ela gemeu e levantou a mão para bloquear os raios de sol que entravam pela janela. Abrindo um olho para ver quem teve a audácia de perturbá-la, viu Polly Phillips, sua melhor amiga esvoaçando pelo quarto. No entanto, Polly não deveria ter o apelido de melhor amiga, se estivesse abrindo as cortinas enquanto Ellie tentava dormir.

— Vá embora — Ellie gemeu e se virou na cama, puxando um travesseiro sobre a cabeça. Talvez, se ela se esforçasse, pudesse voltar a dormir e continuar a sonhar com o homem e seu cavalo.

Fazia quase um mês desde que cancelara seu casamento. Um mês sem socializar, e nem mesmo saído da cama.

Ela não queria pensar nele.

Toda vez que fazia isso, ficava com uma dor de cabeça latejante e se desculpava para se deitar. Sua única saída era fechar os olhos e entrar em um

lugar que era tudo o que ela desejava que fosse. Eventualmente, simplesmente parou de sair da cama, além de fazer uma refeição ou usar o banheiro.

Sua mãe ficou desapontada por ter cancelado o casamento, mas seu pai parecia aliviado. E não sabia se havia algo que ele não estava dizendo a ela.

Ellie podia ouvir Polly se movendo pelo quarto.

— Levante-se — Polly exigiu. Ellie sentiu o colchão afundar quando Polly se sentou. Ellie espiou de debaixo do travesseiro. Polly era linda. Ela tinha cabelos claros, cor de palha, com olhos que poderiam rivalizar com o céu em um dia sem nuvens.

— O que quer?

Polly alisou o vestido e olhou para Ellie. Seus lábios estavam apertados.

— Está muito triste. — Ela se inclinou e tirou o travesseiro que cobria a cabeça de Ellie e o jogou na ponta da cama. — Eu trouxe um bolo. Sua mãe está fazendo um bule de chá, vamos ter uma visita agradável. — Ela rapidamente se levantou e foi em direção à porta. — Tem mais cinco minutos e então deve se assear e vir para a sala de estar. Eu insisto.

Ellie deu uma risadinha, levantando as cobertas até o queixo.

— Sempre me faz sentir melhor, Polly. Que tipo de bolo?

Polly balançou as sobrancelhas.

— Um pão de ló da loja da Sra. Bailey.

Ellie sentou-se. A Sra. Bailey era conhecida por seus doces. Ela usava um livro de receitas que trouxera da Inglaterra. Ninguém sabia dizer o que ela fazia com suas sobremesas, mas eram as melhores da cidade. A Sra. Bailey dizia que seu ingrediente secreto era o amor.

— Dê-me três minutos — Ellie riu.

Ela saltou da cama e puxou o xale. Nem se daria ao trabalho de se trocar se houvesse bolo e chá esperando por ela. Arrastou uma escova pelo cabelo e rapidamente o trançou antes de prendê-lo em um laço na parte de trás de sua cabeça.

Enquanto descia as escadas, podia ouvir sua mãe e Polly rindo da sala de estar. Ellie entrou e se sentou em uma das cadeiras estofadas estilo Queen Anne. Sua mãe serviu chá e lhe entregou uma xícara.

— Por que não está vestida, Ellie Beth? — sua mãe perguntou, servindo chá nas xícaras de porcelana que estavam na bandeja.

— Eu não queria. Além disso, provavelmente irei voltar para a cama. Por isso não adianta tentar colocar todos esses enfeites apenas para bolo e chá.

A mãe dela fez um *tss*.

— Deveria se vestir. Talvez dar uma volta.

Ellie bufou.

— Eu não quero ir para a cidade. Não conseguiria suportar a pena em seus olhos.

Sua mãe derramou leite na xícara e entregou a Ellie.

— Polly estava apenas me informando sobre os acontecimentos da

cidade.

— Também não sei se quero ouvir sobre tais acontecimentos. — Sabia que a notícia se espalharia rapidamente pela cidade e provavelmente seria culpada por romper o noivado, enquanto o comportamento de Arlo seria ignorado.

— Na verdade, acho que sim — disse Polly, cortando pedaços grossos de pão de ló recheados com geleia e chantilly. Ellie pousou o chá e pegou um dos pedaços.

A camada superior estava escorregando do creme e havia geleia no meio. Ellie usou o garfo para empurrar o bolo de volta ao lugar, antes de dar uma grande mordida. Ela deu um pequeno gemido. Realmente era o melhor bolo que já comera.

— Eu me pergunto se a Sra. Bailey irá compartilhar a receita. — O pão de ló era leve e arejado, os buracos do bolo pegando todos os pedaços de creme enquanto o cortava com o garfo. O chantilly era suave e a geleia adicionava a doçura certa.

Morango. Sua favorita.

— Duvido — disse Polly, dando uma mordida. — Entendo que nem as meninas da confeitaria têm acesso à receita.

— Hmmm. Eu comeria todos os dias se pudesse.

— É uma boa ideia — Polly riu. Ela colocou o prato na mesa e se recostou no sofá. Cruzou as mãos sobre a barriga e fechou os olhos. — Acho que não vou querer jantar agora — riu.

— Polly — a Sra. Brooks cutucou. — Ia nos contar o que estava acontecendo na cidade.

Polly sentou-se e se inclinou para frente, seus olhos brilhando.

— Está certo! Bem, eles se perguntam por que demorou tanto.

— Quem se pergunta? E sobre o quê? — Ellie perguntou.

— A maioria das pessoas está se perguntando por que demorou tanto para se livrar daquele cafajeste.

— Não! — Ellie ficou chocada. Tinha certeza de que seu nome havia sido arrastado pela lama. — Eles não me culpam?

Polly negou, seus cachos loiros balançando ao redor de seus ombros.

— De jeito nenhum. Acho que houve uma aposta na cidade sobre quanto tempo o noivado iria durar.

A Sra. Brooks ofegou. Ellie fez o mesmo.

— Uma aposta? Que desagradável. — Estava envergonhada porque conheciam seu noivo melhor do que ela. — Nunca mais poderei ir à cidade.

— Não é nada disso. Eles sabem o quão doce e inocente é. Só lhe querem o melhor.

Ellie pensou por um momento. Quando ela olhou para trás, talvez os olhares e sussurros estivessem mais do seu lado. Ela ergueu o canto da boca.

— Então — ela olhou para Polly —, quem ganhou a aposta?

Polly riu.

— Foi o açougueiro.

Ellie finalmente riu. Não ficou surpresa. A filha do açougueiro era amiga de Ellie e Polly.

— Bom para ele, eu acho. — Ela puxou o bolo e cortou outra fatia.

— Ellie Beth — sua mãe advertiu —, seu jantar.

Ellie deu de ombros.

— Talvez eu precise comemorar — disse, dando outra mordida no bolo.

— E vamos comemorar — disse Polly, remexendo em sua bolsa que estava ao lado do sofá. Ela ergueu um jornal e agitou-o no ar.

— O que é isso? — Ellie perguntou.

— Anúncios de casamento.

— O quê?!

— Já ouvi falar disso antes — disse a Sra. Brooks. — Homens do Oeste do Mississippi colocam anúncio para uma esposa.

— Uma esposa?

Polly assentiu.

— E não são apenas os homens. As mulheres também fazem isso. Há vários anúncios de viúvas. Depois de ver um anúncio que goste, escreve uma carta. E continua escrevendo para decidir se um casamento pode ser feito.

— Como sabe disso?

— Está bem aqui na frente do jornal. Tem até sugestões do que escrever.

— Polly dobrou o papel novamente e apontou para uma pequena seção. — Coisas padrão, como idade, altura, peso, cor do cabelo, se sabe cozinhar, ler, limpar?

— Parece que querem uma empregada, não uma esposa.

Polly colocou o jornal no colo e se recostou mais uma vez.

— Eu entendo que a vida é muito difícil. Provavelmente por isso que eles querem essas habilidades. Imagine. — Suspirou sonhadoramente. — Casar com um completo estranho.

— Eu não poderia me imaginar casando com alguém que não conheço.

— Ellie deu uma risada aguda e então olhou timidamente para o papel dobrado no colo de Polly. — Na verdade, não sei se eu poderia me casar com alguém. Talvez eu esteja destinada a ser uma solteirona, crivada na minha cama pelo resto dos meus dias.

— É tão dramática, Ellie Beth. — Sua mãe agitou o bule em um círculo antes de se servir de outra xícara de chá. — Sempre pensei que seria a próxima Gertrude Clair. — Gertrude era uma performer na diligência. Ellie e seus pais a viram quando sua trupe chegou a Atlanta.

— Não estou sendo dramática — disse Ellie, revirando os olhos e rindo.

— Por que não lê alguns em voz alta? — A Sra. Brooks provocou. — Talvez Ellie possa encontrar um marido.

— Mamãe — disse Ellie —, primeiro, queria que eu me casasse com Arlo. Agora está sugerindo que eu me case com um homem de anúncios de casamento?

— Eu estava preocupada com o que as pessoas poderiam pensar. Sinto muito, Ellie Beth. Não percebi o quão terrível Arlo realmente era. E pode ser que tenha mais sorte longe daqui.

— Quer que eu vá embora?

— Nem um pouco querida — disse a Sra. Brooks, tomando um gole de chá. — Só quero que seja feliz e sei que não está feliz aqui em Atlanta.

Ellie olhou pela janela da sala de estar. O sol estava alto no céu e ela percebeu que não tinha ideia de que horas eram.

— Está ficando tão lotada — lamentou. — As casas estão surgindo em todos os lugares. Há mais comerciantes. As pessoas se mudam para a cidade todos os dias. — Ela se virou e olhou para as duas mulheres. — Não querem estar em algum lugar onde possam sentir o cheiro de ar fresco? Onde não podem ver seus vizinhos? Quando quer um copo de leite, vai ao celeiro, e não espera que o leiteiro lhe traga garrafas.

Sua mãe deu uma risada estranha.

— Acho que não gostaria de ir a um celeiro. Mas posso entender o apelo de não ter tantas pessoas ao redor. Ainda ontem na chapelaria havia pelo menos uma dúzia de pessoas. Levei quase meia hora para cortar minha fita.

Ellie encheu sua xícara de chá com o resto do bule e tomou um gole. Ela ergueu uma sobrancelha para Polly.

— Bem, não vai lê-los?

Polly deu um leve grito.

— Vamos ver. — Ela mordeu o lábio inferior enquanto examinava o papel. — Aqui está um. Tenho 33 anos, pareço com qualquer outra pessoa. Procuro uma senhora para fazer dela minha esposa, pois estou profundamente cansado da vida de solteiro. Desejo uma senhora que não tenha mais de 28 ou 30 anos, não seja feia, educada e musical. Prefiro não ter uma senhora de origem irlandesa. Ela deve ter pelo menos US \$ 20.000. — Polly olhou para cima e piscou várias vezes. — Ele não quer muito, não é?

— Bem, isso a deixa de fora, Ellie Beth.

— Ele tem trinta e três anos, mamãe. Muito velho para mim. Leia um pouco mais — disse ela, incentivando Polly.

Polly continuou a ler os anúncios. Ela ficou surpresa com o grande número de homens à procura de uma esposa. Não deveria ser surpreendente, já que a Guerra Civil terminou apenas seis anos antes, e muitos homens se mudaram para o Oeste. Eles deviam ser muito solitários. Não à toa que colocaram um anúncio no jornal para encontrar uma parceira.

Ellie tomou um gole de chá, ouvindo Polly ler. Polly fazia comentários enquanto lia, e Ellie podia ouvir sua mãe rir.

Ao levar a xícara à boca, percebeu que a sala estava silenciosa. Os olhos de Polly estavam examinando o papel e Ellie os seguiu enquanto lia as palavras em silêncio.

— O que foi? — Ellie perguntou.

— Oh meu Deus, Ellie Beth! — disse Polly, dobrando o papel e

virando-o para mostrar a Ellie. — Olha esse aqui! — Ela apontou para uma grande caixa na parte inferior da página.

— Esse é um longo anúncio — Ellie meditou enquanto pegava o papel de sua amiga. Ela o ergueu e leu as palavras na página e percebeu que sua vida podia ter mudado naquele exato momento.

Procura-se: esposa e companheira. Alguém para amar, que será verdadeira e doce e realmente uma sábia companheira. Prvb 31. Deve querer filhos. Eu gostaria de pelo menos quatro. Tenho 25 anos, nunca me casei, tenho cabelos escuros e tenho mais de um metro e oitenta de altura. Deve ser de semblante forte, pois tenho quatro irmãos e uma irmã. Deve gostar do ar livre e ser uma boa cozinheira. Deve gostar de animais, especialmente cavalos. Responda a F. Hartman, Flat River, Nebraska.

— P-R-V-B 31? — perguntou Polly.

— Provérbios.

— Oh. nunca havia visto isso escrito dessa maneira antes.

— Quem pode encontrar uma mulher virtuosa? Pois seu preço está muito acima de rubis — a Sra. Brooks começou a recitar de memória. — Ela está preparada. Ela prepara sua família. Ela faz suas roupas, e elas são dignas da realeza. Seus filhos se levantam e a chamam de bem-aventurada — Ela olhou para Ellie e Polly. — Isso significa que ele realmente quer uma companheira.

— Mas ele está no Nebraska — disse Ellie.

— Sempre quis ir para o Oeste, Ellie. Essa pode ser sua chance.

Ellie pensou no que Polly disse.

— Acha que eu deveria escrever para ele?

— Eu sugiro que, se fizer isso, se corresponda por pelo menos um ano, antes mesmo de pensar em sair por aí.

— Sua mãe está certa — disse Polly. — Além disso, se ele tem quatro irmãos, talvez possa mencionar sua melhor amiga. — Ela riu e moveu as sobrancelhas.

Ellie virou o papel, procurando na página por uma data. O anúncio já tinha um mês. Por tudo que sabia, ele já deveria ter começado a se corresponder com alguém.

— Eu vou precisar tomar banho para que possamos ir para a cidade. — Ellie terminou sua xícara de chá e a colocou de volta na bandeja.

— Vou fazer outro bule de chá. Polly e eu iremos conversar enquanto se prepara.

Ellie deu um beijo na bochecha da mãe.

Ela iria para a cidade para encontrar seu futuro.

CAPÍTULO DOIS



FLAT RIVER GRANDES PLANÍCIES, NEBRASKA PRIMAVERA DE 1872

Os olhos de Owen Chapman percorreram a paisagem. Ele pensou que sentado em Winchester, seu cavalo, poderia ver mais longe através da terra. Mas não viu nada além de grama, um pouco de neve e uma árvore solitária.

— Hoje deve ser o dia, Tot — disse olhando para o velho parado ao lado de seu cavalo.

Aristóteles Wilson segurava uma xícara de café na mão. Seu rosto envelhecido estava olhando na mesma direção que Owen.

— Isso é o que Ollie disse — Tot respondeu lentamente, tomando um gole de café. Tot nunca fazia nada rapidamente. Owen tinha grande respeito pelo velho e o deixava seguir seu próprio ritmo.

A mãe de Tot o nomeou em homenagem a um filósofo sobre o qual ela leu em um livro. Seu nome era adequado, pois Tot era uma fonte de sabedoria para muitos dos trabalhadores do rancho do Chapman. Alice deu-lhe o nome de Tot, pois ela não sabia dizer Aristóteles.

Quando Tot reivindicou seus cento e sessenta acres sob o Homestead Act (Lei da Propriedade Rural, de 1862, EUA), ele se associou a Weston Chapman para criar gado. Tot não tinha vontade de trabalhar a terra, mas sabia que, para mantê-la, havia a condição de que fosse usada para agricultura ou pecuária por cinco anos.

Ao associar-se aos Chapmans, Tot se tornou o capataz até que Caleb tivesse idade suficiente para assumir o trabalho. E Agora cozinhava sempre que estavam nos campos e fornecia-lhes uma refeição quente na hora do jantar.

O plano era que, depois de cinco anos, uma vez que a terra fosse dele por direito, Tot a venderia aos Chapmans por um preço justo e se aposentaria em uma pequena casa ao longo do rio North Platte.

O rancho Chapman consistiria em mais de mil acres nas planícies do Nebraska, uma vez que todos os lotes fossem combinados.

Eles criavam gado de corte, mas isso estava prestes a mudar.

Os três irmãos de Owen, juntamente com vários vaqueiros, partiram uma semana antes para reunir uma manada de cavalos selvagens. Eles os perseguiram durante todo o inverno e agora era o melhor momento para reuni-los.

Owen desejou poder ir com eles. Mas ele caiu de seu cavalo quando Winchester se assustou com uma cobra. Por isso, não conseguia ficar sentado na sela por longos períodos.

Estivera em todas as rondas desde que voltara da guerra. Mas este ano foi diferente. Estava em casa esperando. Pelo menos Oliver, seu irmão gêmeo, estava com eles.

Ele se perguntou se seus irmãos encontraram o rebanho e quantos seriam capazes de trazer de volta. Independentemente de quantos cavalos conseguissem pegar, Oliver prometeu que estariam em casa novamente no sétimo dia.

Owen era o mais velho dos irmãos Chapman. Na família, havia oito irmãos. Os gêmeos Owen e Oliver foram seguidos por Caleb, Michael e Everett. Michael foi morto em um tiroteio em algum lugar perto de Denver. Mesmo tendo passado quase oito anos, Owen não achava que Caleb havia se recuperado. Eles eram muito apegados.

Depois dos irmãos vieram as gêmeas Marianne e Penelope. Ao contrário de seus irmãos que tinham cabelos claros, Marianne e Penelope tinham cabelos ruivos brilhantes. A mãe deles, a quem chamavam de Marmee, disse que era de um parente irlandês por parte da avó.

Depois das irmãs gêmeas, nasceu a bebê Alice. E já não era mais um bebê, estava fazendo dezenove anos. Owen se lembrava de quando ela nasceu. Ele tinha treze anos e não precisava de uma nova irmã. Oliver a chamou de Pint Jar (potinho), já que ela era o menor bebê que já tinham visto.

O nome Pint Jar pegou. Agora que estava mais velha, Alice não estava feliz com o apelido, mas nenhum protesto impediria seus irmãos de usá-lo.

Owen agarrou as rédeas de couro em suas mãos. E tentou manter a empolgação afastada até que soubesse que realmente ia acontecer. Respirou fundo e se levantou um pouco mais alto nos estribos.

Os olhos de Tot se enrugaram quando ele sorriu e apontou para a planície. Owen protegeu os olhos com a mão. Uma nuvem de poeira subiu da terra enquanto a manada de cavalos galopava em direção a eles.

— É melhor se mexer, Tot — disse Owen. — Os cavalos selvagens têm vontade própria, e eu não quero que seja pego sob um monte de cascos.

Tot assentiu e jogou a última gota de café no solo, antes de subir ao topo da carroça do cozinheiro. Owen já havia desatrelado os cavalos e os mandado de volta ao rancho com Slim.

O som do rebanho se elevou ao longe. Seus cascos trovejando enquanto

se aproximavam. Owen podia ver seus irmãos cavalgando ao lado, com Scratch beliscando seus calcanhares.

Ele ficou surpreso que o cachorro não tivesse sido chutado. Mas Scratch foi ágil ao sair do caminho dos cavalos. O trabalho normal de Scratch no rancho era reunir bezerros e guiá-los para os currais. Mas Parecia que estava fazendo um bom trabalho com os cavalos.

Owen deu um assobio e balançou o chapéu no ar. Ele viu Caleb erguer um braço em saudação antes de se inclinar sobre o cavalo, aumentando o galope em direção ao rancho. Batendo o chapéu na coxa, Owen soltou um grito antes de colocar o chapéu de volta na cabeça e virar Winchester em direção ao novo celeiro e curral.

Este era o seu sonho, desde quando viu pela primeira vez a manada de cavalos tropejando pelas planícies. Ele se lembrava como se fosse ontem.

Ele estava a caminho de Omaha com seu pai para leiloar os bezerros da primavera. Oliver os acompanhou, junto com vários dos vaqueiros. Era uma viagem de dois dias pela qual ansiavam todos os anos. O leilão durou três dias cheios de emoção, couro e fazendeiros regateando pelo melhor preço.

Muitos pecuaristas tinham compradores que vinham comprar gado. Weston Chapman, no entanto, gostava de passar o tempo com seus filhos, levando o gado para leilão a cada primavera.

Ao cruzarem a paisagem seca, Owen viu pela primeira vez o cavalo majestoso que os observava. A fera era grande. Muito maior do que qualquer um dos cavalos usados no rancho Chapman. Ele era negro como a noite e tinha uma longa juba que se levantava com a leve brisa.

Enquanto os observava, o cavalo lentamente virou a cabeça para seguir seu caminho. Ele soltou um bufo baixo e bateu o pé no chão. Deveriam estar perto demais, pensou Owen. Ele olhou, mas não viu um arreio ou sela no cavalo. Não parecia haver ninguém perto dele.

— Pa! Olhe — Owen disse, apontando para o cavalo preto ao longe. — Por que aquele cavalo não tem cavaleiro?

— É selvagem, garoto — respondeu o pai. — Há vários grandes rebanhos deles por aí.

— Como é que nunca os vimos? — Oliver perguntou, subindo para se juntar à conversa.

— Eles são difíceis de pegar.

— São lindos — disse Owen. — Eu adoraria andar em um desses. — Ele tinha um fascínio por cavalos desde que era um menino.

— Você e todos os fazendeiros por dez mil milhas — o Sr. Chapman riu. — Às vezes são chamados de cavalos fantasmas porque desaparecem como o vento, e ninguém sabe para onde vão.

— Os índios não os montam?

O Sr. Chapman olhou para Oliver.

— Sim. Eles pegam seus cavalos dos rebanhos selvagens. Mas, pelo que entendi, parece ser difícil domar um cavalo selvagem.

De repente um dos bezerros chorou ao ser separado de sua mãe. Owen ouviu o relincho quando o cavalo bateu os pés mais uma vez. Seus músculos ondularam quando o cavalo ficou de pé sobre as patas traseiras, chutando o ar enquanto soltava um ronco alto, seguido por um relincho.

Owen avistou vários outros cavalos atrás dele. Suas cabeças se ergueram da grama alta e eles se viraram. O cavalo preto relinchou mais uma vez e virou-se para correr pela grama, os outros cavalos seguindo logo atrás. Mais cavalos apareceram até que o grupo parecia uma nuvem de tempestade rolando pelos campos.

Era a visão mais linda que já tinha visto.

— Jimmy — Sr. Chapman chamou para o batedor que estava viajando com eles —, vá até lá e certifique-se de que o rebanho está se afastando. Eu não quero o gado em debandada.

— Sim, senhor — disse Jimmy, cravando os calcanhares em seu cavalo, partindo atrás do rebanho.

— Pai?

— O que foi, Owen?

— Se esses cavalos seriam bons para os fazendeiros, por que ninguém os pega e os doma?

— Os cavalos exigem muito espaço. Um grande celeiro. Um grande curral. — O Sr. Chapman encolheu os ombros. — Seria um bom negócio para o homem certo.

— Pai, acha que podemos fazer isso?

O Sr. Chapman riu.

— Cavalos? — Owen assentiu. — Nós criamos gado, filho. Está no nosso sangue. Não vejo vantagem em pegar cavalos selvagens. É simplesmente muito mais animais para alimentar.

— Marmee sempre disse que o “como” virá, se acreditar que pode fazer alguma coisa.

— Ela é esperta, sua mãe — disse Chapman. Ele tirou uma bandana do bolso e enxugou o rosto. — Recomendo que ore sobre ele. E se puder encontrar uma maneira de fazer isso com todas as suas tarefas, então pode ser o homem certo para o trabalho.

— Eu quero fazer isso também — disse Oliver.

— Não tenho dúvidas de que se alguém pudesse pegar e treinar esses cavalos seriam Owen e Oliver — disse Caleb.

Alguns momentos depois, Jimmy reapareceu.

— Eles estão subindo em direção ao rio — disse ele. O Sr. Chapman assentiu.

— Vamos continuar. Queremos terminar antes do anoitecer.

Owen e Oliver recuaram, planejando como poderiam tornar seu novo sonho realidade.

Mas a guerra estourou e seus sonhos foram adiados. Era 1866 quando finalmente puderam voltar sua atenção para os cavalos. A primeira tarefa foi

construir um curral e um celeiro. E Levou dois anos e cada centavo do que o Exército pagou para construir.

Owen trabalhou com Oliver e vasculhou um grande pedaço de terra perto do rio, com algumas árvores frondosas. Estava completamente limpo de ambos os lados, o que tornava mais fácil conduzir os cavalos para o curral. A área também estava longe o suficiente de onde o gado pastava, para não o perturbar, mas ainda perto da casa principal.

Se Owen algum dia construísse uma casa, ele a queria com vista para o rio. Mas não tinha planos de construir uma casa tão cedo.

Nenhum dos irmãos tinha casa própria ainda. Marmee insistira que todos ficassem na casa original até que se casassem. Owen achava que ela secretamente esperava que ficassem na propriedade depois que se casassem. A casa era uma grande miscelânea de quartos. Cada vez que um bebê nascia, o Sr. Chapman se ocupava criando uma adição.

Os quartos estavam amontoados em corredores estreitos, ramificando-se como dedos de uma mão. E se precisassem de mais espaço, o Sr. Chapman simplesmente acrescentaria um novo corredor. A casa se espalhava pelo terreno. Algumas pessoas estavam construindo para cima, acrescentando andares acima dos alojamentos principais, mas Chapman dizia que uma casa mais alta seria abalada por ventos fortes.

Assim, a casa se espalhou pelo terreno. Logo seria tão grande quanto o Chapman Ranch se novas adições fossem feitas. Com todo aquele trabalho, Owen sabia que construir uma casa para ele e a esposa que nunca teria, não era uma prioridade. Ele e Oliver preferiam dormir no celeiro e sob as estrelas. Duvidava se algum dia se casaria.

Owen desmontou do cavalo e acompanhou Winchester até o celeiro. Até que soubesse como esses cavalos se comportariam, não iria se arriscar com seu próprio cavalo.

Ele colocou Winchester em sua baia e lhe deu um pouco de feno fresco. Enquanto o cavalo mastigava alegremente, Owen saiu para abrir o curral para os cavalos.

— Parece que eles estão quase aqui — disse Jimmy, caminhando para ajudar Owen a levantar o portão de madeira. Ele se aposentou do escotismo e agora estava ajudando Owen a se preparar para a chegada do rebanho.

Jimmy queria os cavalos tanto quanto qualquer um.

Owen ouviu cascos e o som de risos vindo por trás deles. E se virou para ver Penelope e Alice, suas irmãs mais novas se aproximando.

Era um dia perfeito.

CAPÍTULO TRÊS



— Jake disse que os cavalos estavam vindo — Penelope disse sem fôlego, seus cachos ruivos caindo debaixo de seu chapéu.

Ela puxou as rédeas, parando seu cavalo bem ao lado do celeiro. Pulando para baixo, um cacho saltou na frente de seus olhos. Penelope bufou e levantou o chapéu, empurrando os cachos rebeldes para baixo.

— Eles estão quase aqui, Penny — disse ele.

— Uau! — Alice disse, parando seu cavalo. Penelope agarrou as rédeas do cavalo de Alice.

— Por que não desce, Pint Jar? — Penny disse com carinho. Segurou o cavalo de Alice enquanto ela deslizava. Ela moveu sua saia para frente e para trás para liberar as rugas de montar. Penny deu a Owen um olhar suplicante, enquanto conduzia os dois cavalos para o celeiro.

Esse foi o sinal dela para não dizer ou fazer qualquer coisa que pudesse perturbar Alice. O problema era que ninguém sabia o que poderia detoná-la a qualquer momento. Mas pelo menos Penny foi capaz de levá-la para fora e para o ar fresco. Pois Alice passava a maior parte do tempo enfiada em seu quarto, rabiscando no diário ou dormindo o dia inteiro.

Caminhou até a beira do curral e parou no degrau inferior. Ela era uma garota bonita, mesmo sendo sua irmã. Não faltaram pretendentes que vieram fazer uma visita. Se os meninos descobriam que um homem estava interessado, encontravam motivos para polir seus rifles na varanda.

Caleb era o melhor em dissuadir pretendentes indesejados. Quando um visitante e uma de suas irmãs estavam na sala de estar, ele passava o tempo atirando ao alvo do lado de fora da janela.

Marianne e Penelope aceitavam com calma, pois não desejavam um pretendente. Alice, no entanto, não era tão compreensiva. Ela via isso como se seus irmãos estivessem tomando as rédeas e impedindo qualquer oportunidade que pudesse ter de deixar Nebraska.

Uma vez que a notícia de que para cortejar Alice Chapman, precisariam lidar com cinco irmãos se espalhou, muitos não retornaram a aparecer mais de

uma vez. E agora, ninguém aparecia. Alice se recusava a ver alguém.

Porque Alice não gostava do Nebraska, Owen não sabia. Ele o amava mais do que qualquer outro lugar do mundo. E ele havia viajado para vários estados diferentes quando serviu como parte da cavalaria do Exército da União.

Nebraska era seu lar. Owen sabia que nunca mais partiria. Ela deu um leve sorriso para Owen. Ele baixou os olhos e olhou para as mãos dela que tremiam. Ela o pegou olhando para ela e se inclinou para que não pudesse ver suas mãos.

Owen não conseguiu olhar por muito tempo. Cada vez que a olhava, seu coração doía e sua mente se enchia de raiva.

O “potinho” deles havia sido levado. Ela foi roubada bem debaixo de seus narizes por alguém que eles achavam que confiavam. Um pregador viajante convenceu Alice a acompanhá-lo a São Francisco. Desesperada para sair, Alice não era páreo para o pregador hipnótico.

Os irmãos saíram imediatamente atrás deles, mas ela não foi encontrada. E Depois de uma semana de busca, precisavam retornar ao rancho. Penny viajou para Denver na esperança de que Marianne pudesse ajudar. Marianne trabalhava para a Agência de Detetives Pinkerton e os Chapmans esperavam encontrar Alice.

Infelizmente, quando Penny chegou, ela soube que Marianne havia partido para Chicago. Penny enviou um telegrama informando que um agente havia sido enviado para encontrar Alice e que Penelope pretendia segui-lo até São Francisco.

Penelope voltou várias semanas depois casada com o mesmo agente. Eles encontraram Alice em uma situação horrível e a trouxeram para casa o mais rápido possível. E não era a mesma garota despreocupada que era antes de partir. Nunca comentou o que aconteceu enquanto esteve fora e se recusava a responder qualquer pergunta.

Mas a família podia ver os sinais. Seus olhos avermelhados, o balbucio incoerente que não fazia sentido, coçando a pele de seus braços até sangrar, e os tremores em suas mãos e rosto. A primeira semana foi a mais difícil, pois Alice chorava no escuro.

Owen ficava na porta de seu quarto e observava Marmee balançar sua filha mais nova para frente e para trás. A raiva que o consumia era esmagadora. Ele sentiu como se tivesse falhado de alguma forma, já que simplesmente descartou a paixão de Alice como apenas isso... uma paixão. Ah, como estava errado. Como todos eles estavam errados.

Owen ficou feliz em vê-la finalmente sair do quarto. Ele voltou sua atenção para o rebanho. Estava se aproximando, pois podia ouvir os chamados de seus irmãos.

— Ah, olhe, Owen — Alice disse, ficando na ponta dos pés e se esticando o mais alto que podia sobre o curral. — Lá vêm eles. Acha que o preto está com eles?

— Não parece — disse Owen. O majestoso cavalo os iludiu por seis anos. — Precisa voltar, querida — disse suavemente. — Eu não quero que se machuque.

Alice foi até o final do curral, mais perto do celeiro. Ela foi acompanhada por Penny, que estava acenando para seus irmãos.

— Ah! Uau! — Oliver gritou, acenando com o chapéu para os cavalos enquanto passavam pela carroça de Tot. Scratch começou a guiar os cavalos pela esquina do celeiro e para dentro do curral enquanto Oliver montava seu cavalo até o outro lado do curral e parava.

Ele foi seguido por Caleb, então Everett. Os capatazes do rancho Lucky, Rich, Smokes e Goodie, seguiram atrás. Quando o último cavalo entrou, Goodie pulou para ajudar a levantar o portão de volta ao lugar.

Enquanto os cavalos circulavam ao redor do cercado de madeira, Owen começou a contá-los. Um... dois... três... quinze.

— Quantos contaram? — perguntou para Alice e Penelope.

— Eu contei quinze.

Owen virou-se para o irmão.

— Quantos? — ele perguntou com um sorriso.

Oliver empurrou o chapéu para trás.

— Quinze.

— Boa contagem — disse, tirando um bloco de notas do bolso e escrevendo o número em uma das páginas. Os cavalos estavam suados e ofegantes da corrida. Ele deslizou o caderno de volta no bolso. — Vamos lavá-los.

— Há várias éguas prontas para saltar. Deve haver cinco ou seis potros que possamos usar para iniciar a reprodução — disse Everett.

— Criação de animais de raça para reprodução? — Owen disse, levantando a sobrancelha. — Eu pensei que a criação de gado estava em seu sangue.

— Pode ter acabado de ser substituído — Everett riu. Seus olhos castanhos brilhando de excitação. Era a primeira “caçada” de Everett de cavalos selvagens.

Owen sabia exatamente como Everett se sentia.

Penny se aproximou e segurou os arreios de Whiskey, o cavalo de Oliver.

— Vamos esfregar e alimentar esses meninos. — Ela tocou a espuma nos flancos do cavalo e esfregou-a entre os dedos, fazendo uma careta. — Realmente deu a eles uma corrida — disse.

— Esses Mustang realmente correm — disse Oliver, deslizando do cavalo. — Obrigado, Penny — disse, batendo no nariz dela. Alice se aproximou para pegar as rédeas de Caleb e Everett. Quando ela passou, Oliver a agarrou em um abraço de lado e deu um beijo em cima de seu cabelo loiro.

— Fico feliz em vê-la, Pint Jar — disse ele. Alice congelou e sua máscara voltou ao lugar. Oliver deu outro aperto rápido, alheio à reação de

Alice, então a soltou.

Alice torceu o nariz.

— Está fedendo.

Oliver riu.

— Vamos nos limpar assim que todos se estabelecerem.

Owen observou Alice e Penelope conduzirem os cavalos de volta ao celeiro. Ele se virou para seus irmãos que caminhavam ao seu lado.

— Algum sinal do preto? — perguntou.

Oliver negou com a cabeça. — Achei que o tínhamos visto, mas parecia ser uma versão mais jovem. Talvez dois anos no máximo. O preto que estamos procurando pode ter movido seu harém mais para o norte.

Um harém consistia em um grupo de éguas reprodutoras e um garanhão forte. Os garanhões lutavam pelas melhores fêmeas para cruzar. Durante a gestação e por um ano após o nascimento, o garanhão ficava com as éguas para proteger a prole.

— E esse harém?

— Conseguimos separar. Parece que o *grullo* lá protege este rebanho — Oliver disse, apontando para o cavalo cor de ardósia que estava circulando as éguas.

Owen acenou para os trabalhadores do rancho.

— Vão se limpar. Tot tem comida quente. Jimmy e eu vamos arrumar esses cavalos. Bom trabalho, homens — gritou para eles.

Com isso, levaram seus cavalos em direção ao celeiro. Owen levantou a perna e colocou a bota na grade do meio do curral. Oliver se aproximou e se apoiou em seus braços, olhando para os cavalos.

— Parece muito bom.

— Nós podemos conseguir um preço justo por eles — Oliver disse, então riu. — Acho que estou ficando velho demais para esses rodeios. Meu traseiro está me matando. Tenho trinta e dois anos e ando como um velho.

— Não me conte seus problemas — Owen riu, estremecendo enquanto esfregava a perna. Era como olhar no espelho quando olhava para o irmão. Eles eram idênticos em todos os aspectos, exceto por uma pequena característica. Oliver tinha uma marca de nascença no pescoço, onde Owen não tinha.

Eles tinham cabelos castanho-claros e olhos castanhos. Owen os manteve curtos enquanto Oliver usava-os mais longos.

Nenhum dos dois havia se casado, embora Owen quase tenha uma vez. Ele se livrou da lembrança e viu mais três mãos encherem o bebedouro e fornecerem grama fresca para os cavalos.

— Chefe — disse Jimmy. — Temos companhia.

Owen virou-se para ver cinco cavalos cavalgando até o celeiro. Seu sangue ferveu quando reconheceu o homem que os liderava.

Eles cavalgaram até o celeiro e o curral. O líder colocou os braços no chifre da sela e se inclinou para frente.

— Hartman — Owen disse com os dentes cerrados —, o que está fazendo em nossa terra?

Owen se manteve firme, seus três irmãos flanqueando-o de cada lado. Ele olhou para Chat Hartman e depois cuspiu no chão.

Chat Hartman era o mais velho dos irmãos Hartman. E era apenas um ano mais novo que Owen.

Os Hartmans moravam do outro lado do Rancho Chapman. O Rio Flat dividia as duas propriedades. Eles tinham longhorns (tipo de gado) também. Quando crianças, foram criadas juntos e todos frequentaram a pequena escola de um cômodo em Flat River, onde a Sra. Hartman era professora. Ao mesmo tempo, Chat era o melhor amigo de Owen. Era bom ter um melhor amigo que não era seu irmão. Mas agora Owen mal conseguia olhar para o homem.

Poucos sabiam o que ocorreu entre Randall Hartman e Weston Chapman. Houve especulações na cidade, mas Owen tentou não ouvir fofocas. Um dia eram parceiros de negócios; e no dia seguinte não.

Não só os Chapmans perderam um parceiro de negócios, mas os irmãos perderam seus amigos em uma tarde e uma das mais ferozes rivalidades começou nas planícies. Mesmo tendo passado mais de dez anos, o ar ainda estava pesado com raiva e mágoa.

— Chapman — disse Chat, seus olhos vagando pelos Mustang do curral. — Está roubando cavalos agora? — Os homens atrás dele riram.

Caleb avançou, seus punhos cerrados no ar.

— Saia desse cavalo, seu covarde...

Oliver colocou a mão no ombro de Caleb, puxando seu irmão para trás.

— O que quer, Hartman? — Oliver perguntou

Chat olhou em volta. Owen notou que seu olhar parou no celeiro. Owen olhou e espiou Alice parada na porta, com os braços cruzados enquanto observava os acontecimentos se desenrolarem.

— Senhora — disse Chat, inclinando o chapéu. Alice relaxou visivelmente os braços. Owen observou a boca de Alice abrir e fechar. Ele reconheceu aquele olhar. Ele se moveu para bloquear a visão de Chat de sua irmã.

— Não fale com ela — disse ele. — O que quer?

Chat sentou-se na sela e esfregou o queixo.

— Parece que ela tem idade suficiente para falar, se quiser.

Owen apertou a mandíbula.

— Caleb? — ele perguntou sem tirar os olhos do homem na frente dele.

Caleb foi atrás.

— Vamos levá-la para a casa, Alice — disse ele, levando-a para longe.

— Eu não quero ir — disse, olhando por cima do ombro para os homens a cavalo.

— Alice, vá para a casa — Owen disse suavemente.

Ele ouviu Alice bufar e o som de passos enquanto Caleb a levava para longe.

— Vou perguntar mais uma vez, Hartman, antes que minha Remington faça o pedido por mim. O que quer?

— Estamos procurando por Frank.

— Frank? Seu irmão? — Owen reconheceu dois dos três homens que cercavam Chat em seus cavalos, como os outros irmãos Hartman: Baxter e Rex. Mas não reconheceu o terceiro. Deveria ser um ajudante.

— Frank desapareceu cerca de três dias atrás. Não voltou para casa.

— Talvez ele esteja na cidade, bêbado. Ouvi dizer que passa muito tempo na cidade — Oliver disse.

— Porque... — disse Baxter avançando. — Eu deveria descer deste cavalo...

— E o quê? Lamber-me? — Oliver se afastou. — Não posso evitar se seu irmão é um bêbado.

— Pare com isso! — Chat disse levantando a mão para silenciar seus irmãos. — Frank não é um beerrão. Nunca foi. Ele era o único com um pingão de bom senso. — Chat passou a mão pelo rosto. — Parece que Frank foi explorar aquele grande garanhão em Mustang Hill. Nunca mais voltou.

— Ele levou alguém com ele?

— Estava apenas explorando. E eu sei que estavam lá.

— Nós não o vimos — Everett afirmou.

— Hmmm — disse Chat. — Se estava atrás do mesmo cavalo que ele, talvez o tenha visto. Talvez não gostasse de ninguém explorando onde estava. Será que se livrou dele?

Owen avançou, colocando a mão na arma presa à cintura.

— Cuidado com suas palavras, Hartman.

Chat parecia que ia dizer alguma coisa, mas então parou.

— Seu cavalo voltou. A sela estava faltando, mas o cabresto ainda estava no lugar. Ma está bem preocupada.

Owen assentiu. Ele podia entender a Sra. Hartman se preocupando com seu filho. Ela era uma mulher dura, mas Owen reconhecia o amor de uma mãe. Marmee ficara inconsolável após a morte de Michael e depois quando Alice desapareceu.

Owen relaxou.

— Se meus irmãos disseram que não o viram lá fora, então eles não o viram. Coisa estúpida sair sozinho; por que ele fez isso?

— Não importa porque ele fez isso. Ele simplesmente fez.

— Ele estava bravo por que...

— Cala a boca, Rex — disse Chat. — Isso não é da conta de ninguém, só da nossa. — Virou os olhos para Owen. — Se não estava na montanha, por acaso ele passou por aqui?

Owen negou com a cabeça. — Eu também não o vi passar por aqui. Duvido que viesse à nossa terra. Parece que pelo menos um de seus irmãos tem um pingão de bom senso.

— Provavelmente está certo. — Chat recostou-se na sela. — Pa não

queria, mas mamãe insistiu. — Ele fez um som de cacarejo com a língua e virou o cavalo para longe do celeiro. — Podemos atravessar e ver se ele caiu em algum lugar?

Owen assentiu.

— Sim, mas então saia de nossa terra e não volte. Caso contrário, podemos acertá-lo.

Chat tirou o chapéu. — Vamos — disse ele a seus homens e eles atravessaram o pasto em direção a Mustang Hill.

Apesar do nome, Mustang Hill não era exatamente uma colina. Era uma grande pedra plana que se projetava do chão. Se Frank estivesse lá em cima, poderia ter caído entre qualquer uma das fissuras.

Não era problema dele, Owen pensou.

— O que acha que aconteceu com Frank? — Oliver perguntou.

Owen olhou para o irmão. — Não sei. — Oliver tirou o chapéu e passou os dedos pelo cabelo castanho sujo. — Não sei e não me importo. Alice está certa. Está fedendo.

Ele sentiu a mão de Oliver apertar seu ombro.

— Deixe-me me limpar e podemos ir comer. Espero que Marmee esteja fazendo bife.

— Espera por isso todas as noites.

Oliver balançou as sobrancelhas.

— Isso Faz de mim o irmão previsível. Ei, Everett, espere! — ele chamou e trotou para alcançar seu irmão mais novo.

Owen seguiu seu irmão. E olhou por cima do ombro, olhando furtivamente para os cavalos e depois mais uma vez para os homens que partiam.

CAPÍTULO QUATRO



Ellie puxou sua melhor amiga para um abraço.

— Eu não posso acreditar que está realmente indo embora! — Polly chorou enquanto abraçava Ellie. — É a primeira de todos os nossos amigos a fazer uma viagem de trem!

Ellie se afastou e olhou para a grande locomotiva a vapor que bufava na estação. Isso com certeza seria uma aventura.

Quem teria pensado que sua vida mudaria tão rapidamente? Fazia quase um ano desde seu noivado rompido.

O Sr. Lloyd morreu e Arlo não perdeu tempo em gastar sua considerável herança. A última vez que Ellie ouviu, Arlo havia se casado com uma mulher de posses.

Ellie desejou-lhe felicidades e fez uma oração pela mulher. Havia rumores de que ela não era vista desde o casamento.

Estremeceu ao perceber que teria sido ela. Ela escrevia para Frank duas vezes por mês. Eles trocaram cartas fielmente e no mês passado ele enviou dinheiro para uma passagem e pediu para ela ir até Flat River e fosse sua noiva. Custou tudo o que Ellie tinha para não pular no trem imediatamente.

Ela havia se despedido de seus pais em casa. Seu pai lhe deu uma pequena bolsa de linho amarrada com um barbante. Ficou surpresa quando viu quanto dinheiro ele tinha colocado nela. Para uma emergência, disse ele. Sua mãe não parava de chorar, então Polly veio se despedir de Ellie.

Seu grande baú já havia sido embalado e carregado no trem. Ela estava carregando sua pequena bolsa e uma cesta que Polly havia embalado para a viagem.

Ellie se virou para sua amiga.

— Prometo que escreverei assim que chegar a Flat River. — Ela sentiu que precisava dizer muito mais, mas não havia tempo.

— Última chamada! Todos a bordo!

— É melhor eu ir — disse Ellie, dando um último abraço em Polly. Ela pegou sua bolsa e a cesta que Polly ofereceu.

— Não sei quantas paradas o trem fará, então mamãe embalou alguns sanduíches, algumas maçãs e um prato de biscoitos. Há uma jarra de limonada. Tenho certeza de que pode recarregá-la ao longo do caminho. — Polly enxugou uma lágrima e virou Ellie em direção ao trem. — Vai. Não quer perder seu trem. E não se esqueça de que estou sempre disponível para ir te visitar!

Ellie correu para a porta e subiu a bordo. O trem soltou um apito estridente. O ar se encheu com o som das rodas girando contra o metal enquanto o trem avançava. Ela deu um último aceno para Polly e depois desapareceu no trem.

Ellie seguiu pelo corredor até encontrar um compartimento com o mesmo número de sua passagem. Frank enviou dinheiro suficiente para que não tivesse que se sentar nos bancos duros da *terceira classe*.

Sentiu-se culpada por gastar sessenta e cinco dólares em uma passagem de trem, mas ele insistiu que usasse. Porque isso era mais dinheiro do que já havia visto. Ele deveria ter economizado por muito tempo para ter tanto dinheiro.

— Olá — ela disse, enquanto se movia para o compartimento semiprivado. Já havia um casal com uma criança dentro.

A mãe pegou a criança e foi para o outro banco.

— Pode se sentar aqui — disse ela enquanto desocupava o assento. — Para onde está indo?

Ellie colocou as malas no banco e tirou o chapéu.

— Nebraska — murmurou. Havia uma área acima do assento onde poderia colocar suas malas de viagem.

Tirando o casaco, dobrou e o colocou no cabide. Ela enfiou a mão dentro de sua bolsa e tirou uma pilha de cartas com uma fita azul em volta, e então colocou a bolsa na prateleira acima de sua cabeça. A cesta, decidiu, ficaria no banco a menos que houvesse outras pessoas que se juntassem a eles.

— Estamos indo para São Francisco. Eu sou Susan Henshaw. Este é o meu marido, Richard. E esse rapazinho — ela disse pegando seu filho do chão, — é Richie.

— Ele é adorável. Quantos anos têm?

— Acabou de fazer dois anos e mexe em tudo. Tem filhos?

— Não. Ainda não, mas espero que logo. — Ela colocou a mão contra a barriga. Frank queria filhos, então ela tinha certeza de que acabaria tendo uma grande família.

— Nome, mamãe — disse o menino, apontando para Ellie.

— Pode me chamar de Ellie — disse ela, pegando o brinquedo que o menino ofereceu.

— Não deixe que ele te incomode. Seria muito caro para um vagão particular, mas não queríamos ter que nos preocupar com ele ficando inquieto no trem.

— Está tudo bem. Eu só vou descansar.

— Vai visitar a família?

— Susan, deixe a pobre mulher em paz. Ela não quer ser interrogada durante toda a jornada.

Susan deu uma risada estranha.

— Me perdoe. Receio ser um pouco intrometida.

Ellie riu, tentando aliviar a tensão no vagão.

— Está tudo bem, realmente. Estou indo para Nebraska para me casar.

— Que maravilhoso! — Susan pegou seu filho de volta, que tinha caído no chão. — Não o conheceu, não é?

— É tão óbvio? — Ellie riu. — Respondi a um anúncio no Matrimonial Times.

— Não é inédito. — Susan inclinou a cabeça para o marido. — Foi assim que nos conhecemos.

— Foi?

Susan assentiu.

— Depois da guerra, não havia muitos homens disponíveis. Richard morava em San Francisco e eu morava em Atlanta. Escrevemos por vários meses e depois saí para me casar com ele. Era isso ou acabar solteirona.

Ellie fez uma careta. Isso a atingiu profundo demais; aos vinte e dois, perto do fim da idade de se casar.

— Quanto tempo estão casados?

— Cinco anos. — Susan olhou para o marido com um sorriso suave. — Não consigo imaginar não o ter na minha vida.

Richard levantou a mão de Susan e deu um beijo em seus dedos.

— Eu concordo plenamente, meu amor. — Ele se virou para Ellie. — O homem que encontra uma mulher para se mudar para o Oeste e amá-lo é realmente um homem de sorte.

Ellie tentou não suspirar. Só de pensar em Frank trouxe um sentimento caloroso ao seu coração. Ela foi sortuda. Casar-se em uma família tão unida e respeitável.

Ellie aproveitou para olhar pela janela a paisagem. Não demorou muito para que saíssem de Atlanta e fossem para o campo. Se o resto da viagem fosse assim, Ellie adoraria viajar por todo o país.

Na hora do almoço, vasculhou a cesta que Polly lhe deu. Dentro havia vários sanduíches, cheios de presunto e queijo assados. Ela podia ver algumas maçãs, vários biscoitos e o pote de limonada. Havia até mesmo vários romances de dez centavos.

Ela compartilhou seus biscoitos com Richie, que provou ser uma criança de dois anos deliciosa. Ele conversou sem parar, cantou hinos e até se sentou no colo de Ellie para poder olhar pela janela.

Quando Richie finalmente adormeceu, Ellie tirou os livrinhos finos de sua cesta. Ela leu a capa. Dime Novels de Beadle: Livros para as massas.

Nunca havia visto nada parecido com os livrinhos antes, mas não ficou surpresa que Polly os incluiu em seu pacote de cuidados. Polly era uma leitora

voraz e achava que todos deveriam ler também.

Ela olhou para o primeiro livro, seus dedos traçando as palavras estampadas na capa enquanto as lia em voz alta. Malaeska, a Esposa Indiana do Caçador Branco, escrito pela Sra. Ann S. Stephens. Uma autora mulher era desconhecida. Que bom! Ela mal podia esperar para mergulhar no livro. O segundo livro chamava-se Seth Jones. Tinha um homem na capa que usava um chapéu feito de algum tipo de pele e uma jaqueta com franjas. Ele parecia selvagem e primitivo

Abriu o primeiro livro e começou a ler. Ellie se viu instantaneamente transportada para a fronteira Oeste. Um mundo cheio de índios, caçadores, homens da lei e romance. Ela ansiava pela parte do romance e rezou para não encontrar nenhum índio em sua jornada.

Estava tão envolvida na leitura que não percebeu que o dia havia se transformado em noite. O camareiro parou para oferecer café e comida de um cardápio limitado. Ellie olhou para os preços no menu que ele ofereceu e rapidamente o devolveu.

— Café será bom — disse ela, entregando-lhe um níquel.

À medida que o trem passava pela noite, o som das pessoas se movendo ao redor do trem se dissolveu no silêncio. O pequeno Richie estava deitado debaixo de um cobertor com a cabeça apoiada no colo da mãe.

Foi um dia perfeito, pensou Ellie enquanto adormecia. E mal podia esperar para ver o que o resto da viagem lhe proporcionaria.



— Acho que há um bom estoque naqueles cavalos que adquirimos na semana passada. Passe-me o leite. — Owen apontou para o jarro na ponta da mesa. Alice passou para Caleb, e ele encheu seu copo antes de passar o jarro para Owen.

Marmee insistia que a família fizesse as refeições juntos. Pois havia percebido que assim que a ronda começasse, levaria semanas até que alguém tivesse uma pausa para uma refeição ao meio-dia.

— Irão ficar amarrados com aqueles cavalos? Ou ajudarão com a contagem? Devemos ter pelo menos duzentos bezerros nesta primavera. Eu gostaria de colocá-los no mercado antes que Hartman o faça.

— Eu vou ajudá-lo, pai.

— Eu sei que vai, Caleb. E você? — Ele esfaqueou o ar com o garfo, apontando para Oliver.

Oliver limpou a boca e colocou o guardanapo na mesa.

— Eu gostaria de ajudar Owen a domar os cavalos, pai.

— É o melhor vaqueiro, Ollie — disse o pai, espetando um pedaço de batata e colocando-o na boca. — Eu não acho que posso te perder. Everett pode ajudar Owen.

—Concorda com isso, Owen? — perguntou Everett. Ele era o mais novo dos irmãos e o pacificador. Ele faria o que fosse preciso para manter a harmonia na família.

— Pai, eu realmente preciso da ajuda de Oliver. Ele tem experiência com cavalos. — Owen lançou um olhar para Everett. — Não é que eu não queira tê-lo lá; simplesmente não há muito tempo para treinar alguém novo.

— Everett vai pegá-lo rapidamente. Eu preciso de Oliver. — O pai deles empurrou o prato para o centro da mesa. — Chega de discutir isso. Apenas para esta temporada. Pode fazer bem aos dois ficarem um pouco longe um do outro.

— O que isso significa? — Oliver perguntou.

— Os dois estiveram juntos por toda vida. Pode fazer-lhe algum bem-estar separado. Até lutaram juntos na guerra. Talvez possa até pensar em se estabelecer e conseguir um lugar só seu. Porque quando eu tinha a sua idade, Marmee e eu já tínhamos três meninos.

Owen sentiu um pedaço de batata alojar-se em sua garganta. Por que seu pai teve que trazer à tona o casamento? Toda a sua família sabia como ele se sentia depois que Sarah o deixou de pé no altar.

Era o dia do seu casamento e, em vez da noiva que esperava, tudo o que recebeu foi uma carta entregue em mãos do pai de Sarah. Ele mal podia suportar a humilhação de ler a carta na frente de seus amigos e familiares que vieram comemorar.

Não é à toa que Owen fora lutar assim que a guerra começou. Ele esperava ser morto, mas Oliver estava lá para garantir que isso não acontecesse.

Owen bateu no peito e engoliu, tentando fazer a batata se mexer.

— Isso não vai acontecer.

— Mas Owen... — sua mãe começou colocando a mão em seu braço.

— Marmee. Isso não vai acontecer. — Seu tom não convidava a discussão.

— Não fale assim com sua mãe.

Owen respirou fundo.

— Desculpe, Marmee. — Ele era um homem adulto e era incrível que seus pais pudessem fazê-lo se sentir com cinco anos de idade. Talvez fosse a hora de construir sua própria casa. Mas ele ainda não ia se casar.

Seu pai assentiu.

— Está resolvido. Vou usar Oliver para o ajuntamento da primavera e Everett pode ajudá-lo com os cavalos.

Uma batida soou na porta.

— Eu vou ver — disse Alice, de pé.

— Não vai fazer isso, mocinha. Sente-se aí. — Weston empurrou a cadeira para trás e foi até a porta.

Owen podia ouvir seu pai falando baixo para quem estava na porta. Provavelmente um dos trabalhadores do rancho. Ele ouviu a porta se fechar e

seu pai entrar com um olhar solene no rosto.

— Rapazes, montem seus cavalos e encontrem Jimmy no lote sul. — Weston olhou para sua esposa.

— O que está acontecendo, pai? — perguntou Everett.

— Os meninos estavam consertando a cerca e encontraram Frank Hartman.

— Tenho quase a intenção de esmurrar Frank no chão por estar em nossas terras — disse Oliver. — Especialmente com seus irmãos aparecendo o tempo todo.

— Não vai fazer tal coisa — respondeu Weston, sentando-se. — Os irmãos dele passaram por aqui?

Owen assentiu.

— Disseram que estavam procurando por Frank. — Owen deu uma mordida em seu bife. — Disseram que ele estava indo para Mustang Hill.

— Para o preto? — Penny perguntou.

Everett apontou o garfo para Penelope.

— Ninguém vai pegar o preto além de nós, Chapmans. Nem sei por que esses Hartmans estão tentando.

— Bem, eu acho isso terrível — Alice disse, pegando uma tigela e colocando algumas ervilhas em seu prato. Owen observou-as se espalharem, muito parecido com seus pensamentos agora.

— Por que isso, Pint Jar? — Owen perguntou a sua irmã suavemente.

— Porque ele não merece ser pego e colocado em um curral, e depois domado. Ele tem espírito. — Caleb soltou uma risada curta. Alice olhou para ele. — Ninguém ou coisa alguma merece ter seu espírito quebrado. — Ela colocou a tigela de volta na mesa e olhou para o prato.

Owen pensou ter ouvido uma leve fungada vindo de baixo dos cachos loiros. Caleb moveu a comida em seu prato e Owen pôde ver a mandíbula de seu irmão endurecer.

Ele estava prestes a dizer algo para preencher o silêncio constrangedor, mas Marmee o salvou de dizer algo que poderia deixar Alice mais chateada.

— Eles têm Frank? — perguntou Marmee. — O que ele estava fazendo? Vão apenas mantê-lo lá? — perguntou Marmee.

— Não se preocupe. Ele não vai a lugar nenhum — Weston olhou para Alice, como se estivesse pensando em dizer mais alguma coisa.

— Não deixe ninguém o machucar, Weston.

— Eu não vou, amada. — Ele se afastou da mesa e se inclinou para beijar a cabeça de sua esposa.

— Pai, eu quero ir junto — Alice disse.

— Eu quero que fique aqui. Me entende?

— Eu posso ir com ela — Penelope ofereceu. Weston negou com a cabeça mais uma vez. — Quero que fiquem aqui. Os meninos e eu podemos lidar com isso.

Owen seguiu o pai e os irmãos até o grande celeiro. Quando chegaram

aos estábulos e começaram a selar seus cavalos, Owen fez a pergunta que estava em muitas mentes.

— Pai? O que realmente está acontecendo?

Weston subiu na sela em cima de uma égua vermelha chamada Stockings devido às marcas brancas em suas pernas. Ele esperou até que todos os seus filhos se reunissem.

— Eles encontraram Frank no rio onde ele vira para alimentar o riacho. Preso em alguns galhos.

Caleb soltou um assobio baixo.

— Deve ter ficado muito preso se não conseguiu sair daquelas árvores crescidas.

— Ele ficou. — Os olhos de Weston endureceram. — Frank Hartman está morto.

Antes que alguém pudesse responder, Weston assobiou para Stockings e eles saíram galopando do celeiro.

CAPÍTULO CINCO



Se ele não conhecesse Frank Hartman, Owen não o teria reconhecido. Seu corpo estava encharcado e inchado. Ele deveria ter sido identificado por seu cinturão de armas, já que nada mais era reconhecível.

— Não faz sentido — disse Smokes, um dos trabalhadores do rancho. Recebeu seu nome porque gastava a maior parte de seu salário em cigarros. Tirou um fósforo do bolso e o raspou no calcanhar da bota. O fósforo chiou e o enxofre encheu o ar, seguido pelo cheiro de tabaco queimado.

— O quê? — Goodie perguntou.

Smokes apontou com seu fósforo aceso antes de extinguir a chama.

— Ele não está com as botas. E sua arma não está faltando.

Owen olhou para o coldre de Frank. O revólver de seis tiros ainda estava seguro sob a alça de couro. E até Smokes mencionar, ele não havia notado que as botas de Frank estavam faltando. Seus pés estavam envoltos em meias de lã que agora estavam encharcadas.

Smokes jogou a cinza de seu cigarro na água.

— Ele deve ter sido atacado por índios.

Todos começaram a falar rapidamente e olharam em volta como se fossem ser atacados. Weston ergueu as mãos.

— Preciso que todos se acalmem. Se fosse um ataque de índio, teriam levado sua arma, seu cavalo e seu couro cabeludo. O cavalo voltou para a casa de Hartman quase uma semana atrás. — Weston passou a mão pelo rosto. — Alguém deveria ir buscar Briggs e o agente funerário.

— Eu vou, pai — Owen ofereceu. Ele precisava de um pouco de ar fresco e a viagem até a cidade lhe permitiria tirar as imagens de Frank de sua mente.

Weston assentiu.

— Vamos garantir que nada seja movido até que Briggs possa chegar aqui.

Owen montou em Winchester e fez a curta viagem até Flat River. A cidade era bem pequena, mas tinha os comerciantes típicos de uma pequena

cidade ocidental. Algumas casas foram construídas próximas umas das outras nos arredores da cidade. Depois vieram os prédios comerciais. Havia um mercado, um consultório médico, um ferreiro, uma escola e uma igreja. Um edifício fortificado servia de banco. A estrutura maior ao lado continha o escritório do Xerife, a prisão e uma parada para o extinto Pony Express.

As únicas coisas que faltavam era um hotel e um café. Não havia razão para um hotel na cidade e se os homens quisessem comer alguma coisa, poderiam fazê-lo em um dos saloons. Ninguém nunca veio visitar Flat River. Se alguém precisasse de um lugar para ficar, havia cerca de três quartos que podiam ser alugados na casa de Srta. Marcy.

Owen podia ver o limite à frente. Era uma linha invisível separando as seções norte e sul da cidade. O lado norte da cidade era residencial, e armas não eram permitidas. Todas as armas de fogo deveriam ser entregues no escritório do Xerife.

No lado sul estavam aqueles que apoiavam a ilegalidade com uma série de saloons, bordéis e tiroteios frequentes.

Além dos saloons, havia várias casas de má fama, sendo a de Srta. Marcy a maior. Proclamando o nome das garotas mais bonitas nos arredores, em grandes letras amarelas. Quase como se fosse uma luz chamando aquelas almas perdidas e errantes.

Marmee deixou perfeitamente claro que eles sofreriam o castigo de suas vidas se algum dia se aventurassem em tal estabelecimento.

Owen podia ouvir o trovão de cascos enquanto a montaria se aproximava da cidade. Ele deu um empurrãozinho em Winchester com os calcanhares e guiou o cavalo na frente do escritório do Xerife.

Quando entrou no escritório, não havia ninguém, a não ser Max Butler, que era uma espécie de deputado. Ele não foi nomeado pelo estado como o Xerife Briggs foi, e Owen não conseguia se lembrar da cidade ter tido uma eleição.

Max estava recostado na cadeira com os pés sobre a mesa lendo um jornal. Owen derrubou as botas de Max e se sentou na beirada da mesa.

— Briggs sabe que não está trabalhando?

Max riu e dobrou o jornal.

— Isso é trabalho. — Ele inclinou a cabeça para a parte de trás do edifício. — Estou observando nosso convidado lá atrás.

— O que ele está fazendo?

— Até onde sabemos, roubo de gado. Mas isso cabe ao juiz decidir.

Owen absorveu a informação. Houve um problema com ladrões de gado na época..., mas não queria pensar nisso.

— Devemos ficar preocupados?

— Não. Ele sairá daqui até sábado, na próxima etapa do Giant Platte.

Owen assentiu e se levantou.

— Onde está Briggs?

— Foi ao médico. Parece que ele tem um dente ruim e esperava que Doc

pudesse ter algo para isso.

— Obrigado, Max — Owen falou por cima do som de carruagens retumbando pela cidade.

— Tudo certo?

Owen assentiu.

— Será assim que eu conseguir o Xerife. Obrigado! — Owen não queria que as notícias sobre Frank circulassem até que os Hartmans fossem notificados. Não queria problemas. Ele tinha uma ideia razoável de como os Hartman reagiriam quando descobrissem que Frank fora encontrado nas terras Chapman.

Ao sair para o sol brilhante, viu que a diligência havia parado em frente ao mercado.

O guia saltou e abriu a porta. A primeira passageira tinha uma sombrinha e a abriu antes de pisar na estrada de terra batida.

Ela certamente não estava vestida para Nebraska. Usava uma saia marrom clara e uma blusa branca. Ambos pareciam ser feitos de um tecido mais fino do que o linho áspero que a maioria das pessoas usava a Oeste do Mississippi. E parecia ter chinelos nos pés em vez de botas resistentes.

Owen bufou. As visitantes femininas de Flat River eram raras. Ele se perguntou se ela estava visitando um amigo ou era uma das novas pombas de Srta. Marcy. Fosse qual fosse o assunto dela, não era problema dele.

Seu nariz enrugou como se cheirasse algo desagradável. Quando ela levantou a cabeça para olhar ao redor, Owen parou por um momento. Quem quer que fosse, era a mulher mais bonita que via em um bom tempo.

Ela tinha cabelos castanho-claros e ele podia ver mechas douradas sendo apanhadas pelo sol brilhante. Tinha um nariz empinado e um conjunto de lábios da cor de frutas maduras. Ele se perguntou se tinham um gosto tão doce quanto pareciam.

Balançando a cabeça, descartou esses pensamentos. Veio para a cidade em uma missão, não para zombar de uma jovem. Ele passou pela diligência a caminho do consultório médico.

Ela se virou para olhar para ele, seus olhos se arregalando. Owen notou que os olhos dela eram da cor do céu de verão. Ela se aproximou como se fosse falar com ele.

— Senhora — disse Owen, tirando o chapéu e passando por ela.

— Estava esperando por alguém? — ela perguntou, movendo a sombrinha para o outro ombro.

— Não senhora. Eu não estava. Quem deve estar esperando chegará em breve, tenho certeza.

Ela pareceu desapontada, mas pegou sua bolsa e foi até a passarela em frente à loja. Owen não lhe deu outro pensamento enquanto se dirigia ao consultório do médico.

O consultório do doutor Mueller ficava do outro lado da rua. Owen entrou no pequeno prédio.

— Doutor? Briggs? — Chamou.

— Nos fundos — Doc Mueller chamou.

Owen atravessou uma cortina. Um homem mais velho, Doc Mueller, estava em um armário vasculhando uma gaveta.

O Xerife Orrin Briggs estava sentado em uma cadeira. Ele se levantou quando Owen entrou na sala. O Xerife Briggs era alto e esguio. Ele tinha a mesma altura de Owen, que tinha alguns centímetros a mais de um metro e oitenta. Owen podia ver que sua bochecha estava inchada.

— Chapman — disse Orrin, movendo-se para apertar a mão de Owen.
— Faz tempo que não te vejo.

— Estive ocupado no rancho. Como está seu dente? Max disse que eu poderia encontrá-lo aqui.

— Não é nada que Doc não possa consertar.

— Está aqui para me ver ou ao Xerife? — Doc Mueller perguntou enquanto entregava uma lata para Orrin.

— Precisava ver o Xerife. Parece que Frank Hartman foi encontrado morto em nossas terras. O pai me pediu para vir buscá-lo.

O Xerife pensou no que Owen disse por um momento.

— Doc, vai precisar vir também. Alguém vai ter que trazer o corpo de volta para a cidade. — Orrin entregou uma moeda ao médico e enfiou a lata no bolso. — Poderia muito bem pegar Jake. — Jake Sides era o agente funerário da cidade. — Nós podemos usar a carroça dele. Para onde estamos indo, Owen?

— Extremo sul do rancho. Os capatazes o encontraram na margem do rio.

O doutor negou com a cabeça.

— A água faz coisas terríveis com o corpo. — Ele pegou seu chapéu e casaco. — É melhor irmos — disse, conduzindo Orrin e Owen porta afora.

Owen e o Xerife galoparam seus cavalos de volta para onde o rio corria ao longo do lado do rancho.

A multidão era menor. O pai deve ter mandado todos de volta ao trabalho, pensou. Ele notou que Marmee e Penelope estavam lá. Alice estava longe de ser vista. Pelo menos uma das mulheres Chapman teve o bom senso de ficar na casa.

Eles subiram e Orrin desceu de seu cavalo e foi se ajoelhar ao lado do corpo de Frank.

— Ele deve ter ficado na água por alguns dias.

— Faz sentido. — Owen coçou o queixo. — Chat Hartman veio com seus irmãos no início desta semana procurando por ele. Tivemos aquela tempestade ruim que fez o rio transbordar, e me pergunto se ele foi pego nisso.

O Xerife passou por cima do corpo e se ajoelhou do outro lado.

— Caleb, me ajude a rolá-lo. — Caleb fez uma careta, mas colocou suas luvas de couro e ajudou o Xerife. — Não vejo nada que pudesse ter causado

sua morte. Talvez ele tenha caído do cavalo e batido a cabeça.

— Não parece que ele tem uma lesão na parte de trás da cabeça — disse Caleb.

— Ele não pode ter caído. Seu cavalo voltou ao rancho Hartman sem a sela. Talvez ele tenha encontrado algum tipo de gente hostil?

— Pode ser, Owen. Poderia ser.

— Acha que ele encontrou os ladrões de gado? Max disse que tem um na cadeia. — Owen viu Caleb se levantar e flexionar os punhos.

— Era a gangue dos Richards? — Ele perguntou.

Duke Richards era um ladrão de gado bem conhecido em Nebraska. Ele havia levado várias cabeças de gado de todas as fazendas ao redor de Flat River.

Se não fosse por ele e sua gangue de canalhas, Michael ainda estaria vivo. Os irmãos Chapman não teriam se separado tentando encontrar o ladrão de gado.

Sua irmã mais nova, Marianne, não estaria do lado de fora do saloon esperando por Michael quando rastreara Duke Richards em Denver, Colorado, e o confrontou. E Duke não teria atirado nele a sangue frio naquele bar antes de desaparecer mais uma vez.

O corpo de Michael chegou de trem, depois de carroça, junto com um bilhete de Marianne informando que ela permaneceria em Denver. Levou vários anos para a família se recuperar da perda devastadora.

Eles se curaram ainda mais quando descobriram que Marianne havia contratado seu novo chefe, Archibald Gordon, da Agência Pinkerton, para ajudar a rastrear e levar Duke à justiça.

Sua gangue desapareceu, mas faria sentido que tivessem ressurgido, dado o crescimento da indústria de gado em Nebraska.

Doc e o agente funerário chegaram e colocaram Frank na carroça. Marmee saiu com um cobertor para que Frank não ficasse exposto na parte de trás da carroça.

— Alguém vai precisar dizer a Verna que seu filho se foi. — Marmee começou a chorar. Marmee e Verna eram próximas até aquele terrível dia em que as duas famílias foram separadas.

— Está tudo bem, Marmee — disse Weston, dando tapinhas nas costas de sua esposa. — Vou até lá e os aviso.

— Pa! Não pode fazer isso. — Caleb insistiu.

— Eles vão atirar à queima-roupa — Everett entrou na conversa.

— Eu vou fazer isso — Owen sussurrou. — Eles me procuraram no início desta semana; é justo que eu seja o único a dizer a eles. — Olhou para seus irmãos. — Além disso, eles acham que teve algo em Mustang Hill.

— Eu vou junto, Owen. — O Xerife se aproximou e montou em seu cavalo. Owen subiu em Winchester. — Doc, se descobrirem alguma coisa, me avise. Eu não acho que Randall Hartman vai levar a perda de seu filho mais novo de maneira leve.

CAPÍTULO SEIS



Ellie viu a cidade se erguer à distância e observou da janela da diligência enquanto ela crescia. Parecia ser ridiculamente pequena em comparação com Atlanta. Era tudo o que Ellie sonhava.

Flat River, ela tinha certeza, estava cheia de pessoas gentis e ela mal podia esperar para ser recebida pela família e amigos de Frank. Provavelmente era uma cidade onde todos sabiam os nomes de todos e criavam suas famílias juntos. Ela suspirou quando os cavalos se aproximaram dos poucos prédios que compunham a cidade.

A terra estava seca, e Ellie se abanou, tentando escapar do calor e da sujeira que entrava na diligência. Seu vestido estaria imundo quando chegasse. Ela se trocou naquela manhã antes que o trem chegasse à pequena cidade de Grand Platte, e antes de pegar a diligência para Flat River.

Havia outros dois passageiros. Um homem que parecia estar mais interessado em seu jornal do que conversar na viagem de três horas. Ele parecia ter um ar assustador ao seu redor, como o de um pistoleiro, então Ellie estava bastante contente por ele ficar quieto.

A outra era uma mulher. Pequena e tímida. Ela tinha cabelos escuros, quase pretos com olhos de corça. Seu rosto estava coberto de pó e Ellie pensou ter visto hematomas em sua pele pálida. O pó estava fazendo um péssimo trabalho em disfarçar o amarelo e o verde ao longo da borda de sua mandíbula.

A mulher devia estar viajando com o homem, pois ela pulava toda vez que ele pigarreava. Um estremecimento a percorreu. Poderia ser ela se tivesse se casado com Arlo.

Ellie tentou conversar com a mulher, mas quando o homem pigarreou, a mulher se mexeu no assento e olhou pela janela. Que par estranho, ela pensou.

A diligência finalmente chegou à periferia da cidade e começou a descer a rua. Parecia que havia apenas uma rua nesta pequena cidade e todos os prédios estavam montados nos lados esquerdo e direito. A cidade era muito menor do que Ellie tinha percebido. Havia menos de uma dúzia de empresas,

vários saloons, e o resto parecia ser residencial. Por que uma cidade tão pequena precisava de tantos bares?

Por fim, a diligência parou em frente a um prédio com uma varanda de madeira coberta de tinhas, vassouras e sacos de farinha. Ellie esperou até que o condutor viesse abrir a porta. Saiu para o ar seco e abriu a sombrinha para se proteger do sol do meio-dia.

Olhando em volta, torceu o nariz. Sim, a cidade era menor do que imaginava. Isso estava bem, no entanto. Flat River seria perfeita. Não queria uma cidade maior.

Olhou em volta e não viu ninguém que parecia estar esperando por ela. Então o viu. Oh meu Deus, ele era bonito.

Ele era pelo menos trinta centímetros mais alto. E usava um chapéu — um Stetson, acreditava — e ela não conseguia ver a cor de seu cabelo, pois estava curto contra sua cabeça, mas sua barba era castanho-claro. Ela emoldurava sua mandíbula quadrada, mas não cobria suas bochechas. Ele tinha um bigode bem aparado e apenas uma mecha de cabelo conectando o lábio inferior à barba. Quase parecia uma âncora.

Barbas mais cheias estavam na moda em Atlanta. Na verdade, a maioria dos homens usava costeletas de carneiro; estreitas na parte superior do rosto, grossas e espessas na parte inferior. Ela teria que escrever para Polly e contar o que tinha visto.

Ela continuou sua leitura. Os ombros do homem eram largos e ele usava uma camisa feita de um tecido que ela não conseguiu identificar. Parecia ser muito mais grosso que o linho. Ele tinha uma corda amarrada em sua garganta, com um ornamento segurando as cordas juntas em vez de um arco. Gravata *Bolo*. Ela se lembrava de ter lido isso em um dos livros.

Seus ombros afunilavam até uma cintura fina e pernas grossas cobertas de um material azul escuro que desaparecia em um par de botas de couro desgastadas. Enquanto ele passava, Ellie viu os olhos mais castanhos que já tinha visto.

Talvez fosse Frank? O homem parecia mais velho do que seus vinte e poucos anos, possivelmente perto dos trinta, se não mais velho. Ellie não tinha uma foto de Frank para comparar com os homens ao redor. Ah não! E se ele mentiu para ela? E se tivesse mais de vinte e três anos?

Em toda a correspondência que tinha com Frank, percebeu que tinha apenas uma vaga descrição de como ele era. Frank era alto, magro, tinha barba curta e bigode. Mas isso descrevia a maioria, se não todos, dos homens que ela tinha visto depois de chegar a Ohio.

Não foi sua descrição física que a fez se apaixonar por ele, foram as palavras floridas que descreviam a vida em Flat River, bem como seus planos de começar seu próprio rancho e começar a criar cavalos. Ele já havia comprado o terreno e só precisava de uma esposa. Parecia um arranjo maravilhoso. Quando Frank finalmente propôs por carta, tudo o que Ellie pôde fazer foi não pegar um trem imediatamente.

Ellie voltou ao presente e negou com a cabeça com as lembranças das cartas de Frank. Ela deu um pequeno sorriso para o homem que se aproximava dela.

— Senhora — disse ele, tirando o chapéu enquanto se movia para passar por ela.

Ellie mudou a sombrinha para o outro ombro.

— O senhor não estava esperando por alguém, não é?

O homem de olhos castanhos profundos negou com a cabeça. — Não senhora, não estava. Quem deveria estar esperando-a deve chegar em breve, tenho certeza.

Ela se sentiu desapontada, mas murmurou seus agradecimentos. O condutor baixou o baú até o chão.

— Poderia muito bem tirar isso da estrada.

— Obrigada — disse ela ao condutor. — Acho que o homem que deveria me encontrar está atrasado.

Uma carranca gravou o rosto do condutor.

— Se fosse minha mulher, eu não a deixaria esperando. — Ele grunhiu enquanto levantava seu baú e o colocava na plataforma em frente à loja.

Ellie deu uma risada estranha. Pegando sua bolsa, se moveu para dentro do mercado. A loja estava quente, o cheiro de canela e maçã enchia o ar.

Uma mulher apareceu por trás de uma cortina e parou quando viu Ellie. A mulher segurava a torta mais deliciosa entre duas toalhas.

— Eu não ouvi a campainha tocar — cumprimentou. — Não que eu possa ouvir muito quando estou lá atrás. O que posso fazer pela senhorita?

A mulher colocou a torta no balcão. Era daí que vinha o cheiro tentador.

Ellie ouviu seu estômago roncar em protesto. A última vez que comeu foi no café da manhã. Não sabia que o trajeto na diligência levaria quase três horas, ou ela teria tido uma refeição mais saudável.

— Estava me perguntando se havia alguém aqui esperando pela diligência? — Se aproximou do balcão, olhando para a vitrine de queijos e doces atrás da mulher. — E eu gostaria de um pedaço de queijo, por favor. — Ela tinha certeza de que Frank a levaria para jantar quando chegasse. Embora agora que pensara sobre isso, não parecia haver um restaurante na cidade.

— Não vi ninguém esperando — a mulher respondeu enquanto cortava uma fatia grossa de queijo e embrulhava em uma folha de papel. — Biscoitos?

O estômago de Ellie borbulhou novamente. Ela deu uma risadinha.

— Sim, por favor.

A mulher colocou vários biscoitos em um saco encerado e acrescentou o queijo por cima.

— De onde é? — ela perguntou, entregando o pacote para Ellie.

— Atlanta. Eu vim para conhecer meu marido.

Os olhos da mulher se arregalaram.

— É uma daquelas noivas por correspondência? — Ellie assentiu. — Ouvi falar delas. Na verdade, nunca conheci uma antes. Bem-vinda a Flat

River. Eu sou Rose Arden. Meu marido é Dillon. Ele está lá atrás em algum lugar.

— Obrigada. Eu sou Elenore Brooks, mas meus amigos me chamam de Ellie.

— Muito prazer em conhecê-la, Ellie. Não há muitas mulheres respeitáveis por aqui. Terra dura essa. Quem estava esperando?

— Frank Hartman. — Rose se engasgou com a respiração que estava tomando. Ellie olhou para ela com preocupação. — Tudo certo?

— A mãe dele sabe que viria?

Ellie foi pega de surpresa.

— Eu... eu... honestamente não sei.

Frank mencionara que sua família era muito grande e poderia ser intimidante conhecê-los, mas falou mais sobre conseguir seu próprio lugar e se estabelecer em suas cartas. Ellie se perguntou se havia mais na história.

— Não deixaria que Frank não contasse a ela. Verna Hartman é muito protetora com esses meninos. — Rose se inclinou para trás do balcão e deu um sorriso para Ellie. — Apenas não se importe comigo. Que tal uma fatia de torta enquanto esperamos pelo seu Frank?

Seu Frank. Ela gostou do som disso.

— Quanto lhe devo pelo queijo e bolachas?

A mulher acenou com a mão no ar em um gesto de desprezo.

— Nem se preocupe com isso. Pense como um presente de boas-vindas. — Ela cortou um pedaço de torta e colocou em um prato, empurrando-o para Ellie, antes de cortar um segundo pedaço. Rose ofereceu um garfo a Ellie e depois mordeu seu próprio pedaço de torta. — Mmmm — gemeu em torno de sua mordida de torta. — Nunca envelhece.

— O quê? — Ellie segurou o garfo e pegou a parte do canto da torta.

— A primeira mordida de uma torta recém-saída do forno.

Dando uma pequena mordida, Ellie sentiu os sabores explodirem em sua boca. Maçãs cobertas de canela quente, com um toque de cravo e outra coisa que Ellie não conseguiu identificar.

— Oh meu Deus, isso é bom. — Seu estômago borbulhou em concordância. Ellie deu uma risada e deu outra mordida. Conversaram enquanto terminavam a torta. — Muito obrigada. Já me sinto melhor. — Ela olhou pela janela, o sol se pondo no céu. Estaria escuro em breve. Não podia acreditar que Frank ainda não tinha aparecido. Ele sabia quando ela chegaria e prometeu estar lá para cumprimentá-la quando saísse da diligência. Um sentimento de decepção encheu seu peito. — Eu não sei o que está prendendo Frank — ela disse, virando-se para Rose.

— Ele provavelmente estará aqui em breve. É o início da temporada de *roundup*.

— O que é isso?

— Quando os homens saem e reúnem todo o gado. Ele provavelmente perdeu a noção do tempo.

— Existe alguém que possa me levar ao rancho Hartman?

Rose colocou o dedo em sua bochecha. Ellie podia vê-la mordendo o lábio inferior.

— Vá ver o Xerife. Três prédios adiante. Ele faz as rondas e provavelmente poderá levá-la.

Ellie agradeceu à mulher e desceu a rua até o escritório do Xerife. Ela bateu na porta e entrou. Um homem estava sentado atrás da mesa com os pés em cima da mesa. Ele estava lendo o jornal, mas agora sua cabeça se inclinou para trás e um ronco suave escapou dele.

— Com licença. — O homem não respondeu, então Ellie falou mais alto.

— O-o-o quê? — O homem deixou cair os pés da mesa e se debateu em sua cadeira, olhando ao redor para ver quem o acordou.

— Desculpe incomodá-lo, mas é o Xerife?

O homem passou a mão pelo rosto.

— Não. Meu nome é Max Butler. Estou apenas observando as coisas enquanto o Xerife está fora. Como posso ajudá-la, senhorita?

O rosto de Ellie caiu.

— Eu precisava de uma carona para o rancho Hartman. A Sra. Arden recomendou que eu viesse aqui para ver se o Xerife poderia me ajudar. — Ela se virou para sair. — Vou ver se há uma carroça de aluguel que pode me levar.

— Não há. — Ellie parou e olhou para Max. Ele encolheu os ombros. — Não há vagões alugados.

Ellie deixou uma lágrima rolar pelo rosto. Estava com fome, cansada, suja e só queria chegar ao seu novo lar. Respirou fundo.

— Obrigada, Sr. Butler. Acho que vou esperar até de manhã.

— Onde vai ficar?

— Vou para um hotel. — Ela viu um olhar perplexo tomar conta do rosto do homem. — Não há um hotel, há?

— Não, Senhora. É parente dos Hartmans?

— Não. Na verdade, estou aqui para me casar com Frank Hartman.

Os olhos de Max se arregalaram.

— Verdade? — Ellie assentiu. — Bem, então, — ele disse colocando o chapéu em cima da cabeça e se levantando. — Vou te levar lá. Flat River não teve nenhuma emoção desde que Randall foi atrás de Weston.

— O que quer dizer com isso?

Max deu uma risada enquanto abria a porta.

— Apenas espere até conhecer *Ma* Hartman.



Ellie sentiu seu rosto esquentar quando a família Hartman se reuniu na

varanda para olhar para ela. Frank não estava brincando. Ele tinha quatro irmãos mais velhos. Se Frank era parecido com eles, certamente devia ser um dos homens mais bonitos do mundo.

Ellie podia dizer quem era o mais velho enquanto estava ali com os braços cruzados olhando para ela. Ele tinha cabelos escuros e olhos ainda mais escuros. Whitney era o mais novo, então era fácil de identificar. Os outros dois – ela não tinha certeza de quem era quem. Ambos eram magros e muito musculosos. Muito, muito musculosos.

Atrás deles estavam um homem e uma jovem, provavelmente não mais de dezenove anos. Ela tinha um rosto sujo e seu cabelo estava opaco por causa da sujeira que soprava no ar.

Ellie assumiu que o homem era o Sr. Hartman. Ele estava vestido com um macacão sujo e estava descalço. E nem sequer fazia contato visual. Mas Ma Hartman... Oh, Ma Hartman era outra coisa.

Ela era uma mulher pequena, pelo menos duas cabeça mais baixa que o marido e os filhos. Seu cabelo grisalho estava preso em um coque, o que dava a seus olhos uma forma amendoada. Sua mandíbula estava apertada, e ela exalou ruidosamente pelos lábios franzidos. Se Ellie estivesse mais perto, pensou que poderia contar as rugas individuais ao redor da boca de Ma Hartman. Finalmente, Ma Hartman falou, quebrando o silêncio constrangedor que preenchia o ar quando Max apresentou Ellie à família.

— É a vadia que encheu a cabeça do meu Frank com toda essa bobagem?

— Ma... — disse um dos meninos, colocando a mão em seu braço. Ma Hartman encolheu os ombros.

— Responda-me, menina. Encheu a cabeça do meu Frank com bobagens sobre se casar e se mudar?

— Eu – eu – eu — Ellie não conseguiu responder. Ela respirou fundo, tentando pensar em algo para dizer que pudesse torná-la querida por esta família que certamente estava furiosa.

— Frank colocou um anúncio no jornal procurando uma esposa. Eu respondi. Estamos nos correspondendo há mais de um ano.

— Mentiras! É tudo mentira.

Ellie notou o irmão às costas. Ele se moveu para encostar-se à parede como se fosse responsável por manter a casa firme. Usava uma camisa folgada de algodão enfiada em um par de calças escuras de tecido áspero. Ele estava a olhando para com uma expressão de dor no rosto. Talvez ela pudesse ter mais sorte atraindo-o.

— Eu juro que é verdade — disse Ellie. — Eu tenho as cartas na minha bolsa se quiser que eu as pegue. Posso pegá-las, Chatten?

— Como sabe o nome dele? — Um dos outros homens perguntou.

— Cala a boca, Rex — Chat disse avançando. — Ela provavelmente sabe todos os nossos nomes se Frank estivesse escrevendo para ela. — Ele se virou para ficar na frente de Ellie e esfaqueou o ar em sua direção. —

Ninguém me chama de Chatten. Ninguém. Entende?

— Sim. Quero dizer, eu sei todos os seus nomes. — Ellie deu um passo para trás. Ela sentiu-se ridiculamente pequena e assustada quando ele se ergueu sobre ela. — Você é Chet... quero dizer, Chat. — Ela se virou para o homem e a mulher mais jovem ao lado da varanda e apontou para cada um enquanto os identificava pelo nome. — Você é Annamae. Você é Whitney.

— Whit — disse o homem, enfiando os polegares nos bolsos e batendo os dedos nas calças. Ellie engoliu em seco e assentiu.

— Tudo bem. Whit. Então você deve ser Rex — disse apontando para o irmão a quem Chat se dirigia. — E isso faz de você Baxter. Frank me contou tudo a seu respeito. Até mencionou sua irmã que faleceu.

— Não temos outra filha além de Annamae.

— Qual é o nome do nosso cachorro? — Baxter disse avançando.

— Como?

— Se Frank fosse contar tudo sobre nós, qual é o nome do nosso cachorro?

Ellie examinou suas memórias para lembrar o que Frank disse na carta. Ela respirou fundo e sorriu.

— Batalha.

Baxter assentiu e voltou para perto de sua mãe.

— Bem, Frank não está aqui.

— Ele não está? — Ellie piscou rapidamente.

— Passei alguns dias fora por sua causa — disse Ma Hartman, balançando o dedo para Ellie. — Vá e saia da minha propriedade.

— Não tenho para onde ir. Frank disse...

— Não é problema meu. Ele fugiu depois que nos disse que você estava vindo.

— Então, sabe sobre mim.

O som de cascos interrompeu a conversa quando dois homens correram pelo campo e pararam bem diante da varanda. Ellie prendeu a respiração quando reconheceu o homem que passou por ela na cidade.

Ma Hartman saiu de sua varanda e se moveu na frente do homem com a estrela em seu colete.

— Xerife Briggs, tire essa vagabunda da minha terra agora mesmo.

— Quem é ela? — perguntou Orrin.

Ellie deu um passo à frente.

— Estou aqui para me casar com Frank. Ele não me encontrou na cidade. — Lançou um olhar para o homem que ela tinha visto antes. — Max teve a gentileza de me trazer aqui. Essas pessoas dizem que Frank não está. Sabe onde ele está, Xerife?

Orrin aproximou-se do alpendre e tirou o chapéu, olhando para a mãe.

— Sra. Hartman — disse o homem da lei, torcendo o chapéu nas mãos. — Eu não sei como dizer isso.

— Apenas cuspa — Ma sibilou. — Então poderá tirá-la daqui.

O Xerife fez uma pausa. Ellie viu seus olhos examinarem todos os membros da família Hartman antes de voltar para Ma. Ele soltou um suspiro.

— Frank está morto. Parece que ele se afogou no rio. Eu sinto muitíssimo.

Ellie viu a mulher mais velha cair no chão e colocar o rosto nas mãos e soluçar. Ellie não sabia o que fazer. Ela deveria tentar consolar a mãe de Frank? Enquanto ela avançava, o pai de Frank se interpôs entre ela e sua esposa.

— Eu acho que deveria ir — disse suavemente, mas a ameaça velada podia ser ouvida.

— Não há nenhum lugar para levá-la, Randall — Max disse, movendo-se atrás deles.

— Leve-a ao Saloon da Srta. Marcy. Tenho certeza de que aquela prostituta terá um quarto para gente como ela.

O ar parecia espesso. Ellie colocou dois dedos sob o colarinho tentando esticá-lo para poder respirar. O chão estava começando a girar. Frank estava morto. Ela veio até ali e seu pretendente estava morto.

Ela ouviu a conversa ao fundo, mas as palavras não faziam sentido. Frank. Afogamento. Selim. Banco. Ela queria vomitar. Em vez disso, fechou os olhos e permitiu que a escuridão a consumisse.

CAPÍTULO SETE



Owen observou quando a mulher que ele viu mais cedo na cidade caiu no chão. Ele pulou do cavalo e correu para ela.

Queria ter certeza de que não havia se machucado na queda, mas o chapéu dela parecia colado na cabeça. Ele levantou a aba para ver se ela abria os olhos.

— Senhorita?

Ela não respondeu. Perguntou-se qual era a relação dela com os Hartmans. Seus olhos percorreram o rosto dela. Ela tinha pele de porcelana, o que lhe dizia que nunca tinha estado no sol. Havia um punhado de sardas sobre seu nariz. Beijos de anjo, Marmee as chamava.

Ele a chamou mais uma vez. Os garotos Hartman começaram a se reunir. Owen puxou o chapéu. Deveria ser fixado com um alfinete. Ele bateu ao redor até encontrar um alfinete de pérola embutido no tecido do chapéu.

Depois que removeu o alfinete, deu outro puxão no chapéu dela. Estava mais solto agora, mas não livre. Tateando seu chapéu, encontrou mais três e os removeu, jogando-os no chão. Gentilmente tirou-o e o usou para embalar sua cabeça. Quem usava quatro alfinetes de chapéu? Pensou.

Owen passou os dedos pela parte de trás da cabeça dela antes de colocá-la no chão.

— Parece que ela não fez nada além de desmaiar — disse Owen. Uma sombra caiu sobre ele, e olhou para cima para ver Chat inclinado para frente.

— Por que está aqui, Chapman? — Chat disse com os dentes cerrados.

Owen sorriu.

— Achei apropriado, já que fez uma visita inesperada à minha casa no início desta semana. — Owen olhou para Ma, que gemeu mais alto.

— Meu menino — ela chorou. — Meu menino.

Ma Hartman segurou os joelhos e balançou para frente e para trás. O som foi como uma facada no peito de Owen. Ele se lembrou de Marmee reagindo da mesma maneira quando a notícia da morte de Michael chegou a Flat River.

— Pare com isso, Chat — disse o Xerife, aproximando-se de Ma. — Foi ele que veio me buscar.

— Te buscar? Por que ele precisaria te buscar?

— Frank foi encontrado no rio que passa pelo campo sul.

Owen viu o homem que não reconheceu quando os Hartmans visitaram o rancho no início da semana se aproximar, fechando e abrindo os punhos.

— Provavelmente foi um daqueles malditos Chapmans ou seus trabalhadores do rancho que o mataram.

Owen ficou de pé.

— Eu não sei quem é, então é melhor ter cuidado com suas palavras, senhor.

— Frank era meu irmão. — Os olhos de Owen se arregalaram. Ele não sabia que havia um quinto irmão. Os olhos do homem se estreitaram quando olhou para Owen. — Já ouvi o suficiente sobre os Chapmans para saber que se meus parentes têm um problema, eu tenho um problema.

— Por que...

Baxter colocou-se entre este novo irmão e Owen.

— Whit. Acalme-se! — Baxter disse acenando com a mão como se estivesse se dirigindo a um cachorro. — Então, qual de vocês fez isso? Devemos amarrá-lo na árvore mais próxima.

Owen estendeu o braço para trás para conectar seu punho com a mandíbula de Baxter.

— Eu te disse que meus irmãos não fariam tal coisa. — Ele sentiu Orrin puxar seu braço. Annamae gritou e correu para dentro da casa, batendo a porta atrás dela.

— Como saberemos isso? — Baxter cuspiu no chão.

— Não temos nenhuma discussão com vocês. Éramos apenas crianças.

— Owen deu um olhar aguçado para Randall. — Não éramos?

— Você era homem o suficiente — disse Randall com os dentes cerrados. — Sabia mais.

Antes que Owen pudesse responder, Randall pegou sua esposa soluçando. Ele chutou a porta e desapareceu dentro da casa. O som de soluços ainda podia ser ouvido na varanda.

Owen voltou-se para os irmãos. Ele tentou colocar as palavras que Randall disse para fora de sua mente. Teria que perguntar a seu pai sobre isso mais tarde.

— Quando nos visitou no início desta semana, disse algo sobre Frank sair com pressa. O que aconteceu?

— Não é da sua conta — Rex disse. Owen notou que ele lançou um olhar para a mulher no chão duro.

— Tinha algo a ver com ela?

Rex avançou, e Orrin moveu-se entre Owen e Rex.

— Pare com isso, os dois. — Orrin virou-se para os irmãos Hartman. — O corpo do seu irmão foi encontrado no rio. Ainda não localizamos sua sela,

então foi, provavelmente, algum vagabundo ou ele caiu na água. Ele foi encontrado na parte sul do rancho, então provavelmente caiu mais ao norte. Vou começar uma busca pela manhã.

— Que horas? — Rex perguntou. — Queremos nos juntar a você.
— Ele olhou para Owen. — Eles vão nos deixar olhar lá em cima?

— Vou falar com Weston Chapman e acompanhá-lo na propriedade. Não há nada que possamos fazer esta noite. Cuide de sua mãe e tente consolá-la. Estarei de volta ao nascer do sol.

— E a garota? — Chat perguntou.

Orrin coçou a cabeça.

— Sim. A garota. Não sei direito, mas vamos descobrir. Rapazes, vão cuidar de sua mãe.

Owen observou enquanto os Hartmans se retiravam para casa. Quando a porta se fechou, Owen se virou para Max.

— A trouxe? — Max assentiu. — Essa aí é a bagagem dela?

— Sim. Trouxe-a da diligência.

Owen virou-se para o Xerife.

— O que está pensando?

O Xerife esfregou o pescoço.

— Vai escurecer em breve. Eu posso dar uma volta e ver se há uma família que pode acolhê-la até a próxima diligência chegar. As diligências aparecem apenas duas vezes por mês, a menos que haja necessidade. Acho que posso enviar um telegrama.

— Sabe que se Marmee ouvisse sobre isso, arrancaria minha pele. Poderia muito bem levá-la até lá.

O Xerife olhou para Owen.

— Tem certeza?

— Ela está acostumada com Marianne e Alice trazendo para casa animais de rua e pessoas perdidas. Eu poderia muito bem levar uma para casa também.

Owen pegou a mulher e a puxou para perto dele. Ela não pesava mais do que um potro recém-nascido. O cheiro de flores encheu seu nariz e ele queria enterrar a cabeça em seus cachos enquanto a segurava.

Ele a acompanhou até a parte de trás da carroça onde estava o baú. Parecia que planejava ficar um tempo, com um baú daquele tamanho. A porta se abriu novamente e Chat saiu.

— Eu trouxe um cobertor — disse suavemente, entregando-o a Max. — Ela viajou bastante; parece. Não há necessidade de sentir-se desconfortável na parte de trás da carroça.

Max colocou o cobertor no chão e Owen colocou a adorável senhora em cima dele.

— Obrigado. Sabe o nome dela? — Owen perguntou. Ao mesmo tempo, ele e Chat eram amigos íntimos. Ele sentia falta daqueles dias em que ele, Oliver e Chat subiam a Mustang Hill e brincavam de cowboys.

— Lembro-me de Frank dizendo, Elenore.

Owen tinha muitas outras perguntas, mas achava que não era hora de fazê-las. Ele deu a Chat um breve aceno de cabeça.

— Obrigado pelo cobertor. Eu vou me certificar de que ele volte. Max, vá até minha casa, estarei logo atrás de você.

Max subiu na carroça e sacudiu as rédeas. Os cavalos sacudiram e puxaram a carroça para frente.

— Não julgue Ma com muita severidade — disse Chat.

— Ela jogou uma jovem nas ruas, Hartman. Não sei como eu deveria me sentir sobre isso.

— Ela não reagiu bem quando Frank disse a ela que havia pedido uma esposa. Acho que foi um choque, e disse algumas coisas que não deveria.

Owen olhou para o pasto plano em direção à sua própria casa. Finalmente, voltou os olhos para Chat.

— Foi por isso que Frank foi embora, não foi? Não era para procurar cavalos. Era para fugir disso. — Owen ergueu o queixo em direção a casa.

— Mamãe disse a ele para mandá-la de volta, mas já era tarde demais.

— A amargura é uma raiz do mal, Hartman — Owen disse suavemente. — Isso te despedaça por dentro. ‘Olhando diligentemente para que ninguém desfaleça da graça de Deus; para que nenhuma raiz de amargura que brote o perturbe, e assim muitos sejam contaminados.’ Eu oro para que encontre um pouco de paz.

— Você também, Chapman.

Owen não respondeu. Ele caminhou até Winchester e rapidamente montou nele, puxando as rédeas para virar o cavalo para casa.

Owen olhou para a jovem soluçando no sofá. Assim que a trouxe, Marmee levou a mulher histérica para a sala de estar. A mulher não conseguia falar, então Owen tentou preencher o máximo de detalhes que pôde.

— A única coisa que sei é que o nome dela é Elenore e veio aqui para se casar com Frank Hartman. — Owen passou os dedos pelo cabelo. Estava ficando mais longo. Talvez Penny pudesse cortá-lo antes de voltar para Denver e seu marido.

— Oh, minha nossa! — disse Marmee, pegando Elenore em seus braços e esfregando suas costas. — Que provação terrível.

Owen observou a jovem soluçar enquanto Marmee tentava consolá-la. Seus irmãos estavam extremamente interessados em descobrir sobre Elenore quando Max chegou com ela na carroça. Ele nunca os tinha visto se mover tão rápido quanto fizeram para ajudá-la a entrar e descarregar seus baús da carroça.

Owen beliscou a ponte do nariz. Ele precisava verificar os cavalos e fechar o celeiro para a noite. Não seria bom ter coiotes assustando os cavalos, ou um puma faminto descer em busca de uma refeição fácil. A tarde inteira foi passada lidando com Frank. E agora isso.

Olhou para Elenore agarrada ao braço de Marmee. Ele não era bom em

consolar uma mulher. Mal conseguia lidar com suas irmãs quando elas ficavam chateadas com alguma coisa.

Ele olhou ao redor, mas parecia que seus irmãos haviam rapidamente desocupado o quarto quando o choro começou. Pensando em seus cavalos, Owen se virou para segui-los.

— Não vá embora — Marmee exigiu, apontando para uma cadeira vazia.

— Eu preciso ir...

— É o único que ela conhece. Agora sente-se.

Owen fez uma pausa e olhou para a mãe. Seus lábios estavam franzidos, e seus cachos balançavam debaixo de seu chapéu. Quando ela exigia algo, todos ouviam. Não haveria descanso para ele.

— Já volto — disse. Ele foi até a porta e deu um assobio agudo, seguido por dois curtos. Oliver enfiou a cabeça na abertura. — Você e Everett podem dar água aos cavalos e se certificar de que eles estão prontos para a noite?

Oliver deu de ombros.

— Acho que sim. O que está fazendo?

Owen acenou com a cabeça em direção ao quarto. Ele observou Oliver fazer um — O — silencioso com a boca e depois se virar.

Quando voltou para o quarto, quase caiu no chão, seus pés tropeçando sob ele enquanto Penny e Alice o empurravam para dentro para ver sua visitante.

— Caleb nos disse que uma mulher que afirma ser a noiva de Frank está aqui — Penny disse sentando-se na cadeira antes que Owen tivesse a chance de se sentar. Com as palavras de Penny, a mulher chorou ainda mais.

— Shhh, shhh — Marmee disse acariciando o cabelo de Elenore. — Ela passou por uma terrível provação.

Alice bufou. — Não tão ruim quanto o velho Frank. — Elenore gemeu mais alto.

— Alice Louise Chapman! — disse Marmee. — Pare com isso agora. Alice teve a graça de parecer envergonhada. — Vá fazer um bule de chá.

— Mas Penélope...

— Para quem eu pedi, Alice? — Marmee inclinou Elenore para trás, enquanto Alice bufava para fora da sala. — Vamos tomar um chá e conversar. Deve estar exausta de toda essa viagem. — Elenore assentiu. — Owen! — Marmee chamou.

Owen enfiou a mão no bolso e tirou um lenço. Não era muito, mas era a única coisa que tinha a oferecer. Ele o entregou a Elenore, e ela assoou o nariz.

— Obrigada — ela disse suavemente, amassando o pano em sua mão.

— Eu preciso que pegue a tina e coloque no quarto de Alice — Marmee continuou. — E encha-a com bastante água quente. — Ela se virou para Elenore mais uma vez. — Pode ficar aqui o tempo que precisar.

— Onde Alice vai dormir? — Marmee olhou para Owen e piscou os

olhos como se ele tivesse crescido três cabeças. Olhou para Penny que tinha o mesmo olhar confuso em seu rosto. — O quê?

— Alice não dorme em seu quarto desde que voltou.

— O que? Como eu não sabia disso?

Penny estendeu a mão e a colocou no braço de Owen.

— Ela não quer ficar sozinha, então ela dorme na minha cama.

— É por isso que voltou? — Penny assentiu. Seu marido era um agente Pinkerton e atualmente em missão em Denver. Depois que Alice foi resgatada, Penny vinha a Flat River com mais frequência. Às vezes Angus a acompanhava, mas desta vez ela estava sozinha. — Está tudo bem contigo e Angus?

Seu cunhado tinha um tipo rude, com um passado de pugilista, mas ele adorava Penelope, e isso era a única coisa que importava para a família Chapman.

— Está perfeitamente bem. Eu vou ajudar a aquecer a água. — Penny disse por cima do ombro para Marmee. Quando chegaram ao corredor, Penny agarrou seu braço, parando-o. — Qual é a história dela? — Ela ergueu uma sobrancelha enquanto olhava para ele.

— Sinceramente não sei. Eu a vi na cidade hoje...

— Antes de ela ir para o Hartmans?

Owen assentiu.

— Quando fui falar com eles sobre Frank, Ma Hartman estava sendo muito rude com ela.

— Aquela mulher tem vinagre nas veias. — Penny meditou. — Nunca vi ninguém mais rancoroso. A raiva dela não tem limites.

— Penny — Owen avisou —, ela era a amiga mais próxima de Marmee. Elas eram como irmãs. Depois da queda... — Owen ergueu as mãos. — Bem, vamos apenas dizer que ela teve uma vida difícil.

Penélope revirou os olhos.

— Como se a pequena façanha de Hartmans não afetasse a todos nós. No que me diz respeito, eles não a merecem. — Foi a vez de Owen erguer uma sobrancelha. — O quê? — Ela fingiu inocência. — Só estou dizendo que nunca trouxe ninguém ou nada para casa e aqui está todo cavaleiro resgatando uma dama. O que há com isso, irmão?

Owen rosnou.

— Nada. Eu a trouxe aqui porque ela não tinha para onde ir. Pelo menos aqui podem cuidar dela até que ela pegue o trem de volta para o lugar de onde veio.

— Isso durará pelo menos uma semana.

Owen passou a mão pelo rosto. Ele ouviu sua mandíbula estalar enquanto tentava manter o controle de suas emoções.

— Podem ser duas.

— Eu sei. — Penny deu-lhe um sorriso diabólico. — Muita coisa pode acontecer em duas semanas.

Owen balançou o dedo no rosto dela.

— Penelope Ann, não pense nem por um momento que estou interessado nela. Ora, eu devo ser pelo menos dez anos mais velho que ela.

Penélope revirou os olhos.

— Claro que não. Por que eu iria sequer pensar nisso? Se fechou completamente desde que Sarah o abandonou.

— Não mencione o nome dela — disse Owen com os dentes cerrados. Ele caminhou em direção à porta da frente. A banheira estava no alpendre ao lado da casa.

Elenore ficaria apenas por alguns dias. Em uma semana estaria de volta naquela diligência indo para quem sabe onde. Se a diligência não viesse, ele mesmo a levaria se fosse preciso. De qualquer maneira, estaria muito ocupado com os cavalos para tentar cortejar alguém.

Cortejar alguém? Owen negou com a cabeça. Elenore teve uma grande aventura esta semana. Primeiro, viajando para Flat River de onde quer que estivesse antes. Depois, saber que o homem com quem deveria se casar teve uma morte terrível. E, finalmente, tendo aquele encontro com os Hartmans. A última coisa que ela precisava era alguém tentando cortejá-la.

Enquanto se dirigia ao quarto com a banheira, teria que convencer seus irmãos a ficarem longe dela também.

CAPÍTULO OITO



— Sente-se melhor?

Ellie assentiu. Ela olhou para a mulher mais velha que tão graciosamente abriu sua casa para uma estranha.

A Sra. Chapman era um pouco mais velha que a mãe de Ellie. Sua pele era impecável, com cor pontilhando suas bochechas. Seu cabelo escuro tinha mechas grisalhas e vários cachos escapavam da touca plana que ela usava.

— Obrigada, Sra. Chapman. Não sei o que teria feito ou para onde teria ido.

— Me chame de Marmee — ela insistiu. — Todo mundo o faz. — Marmee deu tapinhas no braço de Ellie. — Não se preocupe com isso, querida. Está aqui agora. Estou tão feliz que Owen estava lá. — Marmee se levantou e estendeu a mão para Ellie. — Vamos te limpar e depois vamos jantar.

Owen. Agora ela sabia o nome do homem.

— Não quero ser um incômodo.

— Eu nunca vejo ninguém como um inconveniente. Está destinada a estar aqui, caso contrário estaria em outro lugar. — Marmee deu uma risadinha de sua própria piada. — Siga-me. — Ellie a seguiu por um corredor estreito cheio de amostras de bordados até um grupo de quartos no final do corredor.

Ellie nunca tinha visto nada parecido antes. Parecia ser uma adição aleatória à casa. No final do corredor, havia três portas a centímetros de distância. Duas estavam fechadas e uma estava aberta.

Marmee apontou para a porta aberta.

— Vai ficar aqui. Os outros quartos pertencem a Penny e Marianne.

— Este é o quarto de Alice? — Ellie passou hesitante pela porta.

— Sim. Ela está dormindo no quarto de Penny agora, então este quarto está livre. — Ellie pensou que havia uma história maior ali, mas não achou apropriado fazer perguntas.

O quarto estava em um ângulo, então não era quadrado como ela

imaginava que seria. Havia uma cama grande com cabeceira esculpida e uma colcha colorida. Uma pequena mesa estava ao lado, com uma cadeira de madeira simples. Ellie podia ver que a cadeira era lisa onde alguém havia se sentado repetidamente. Diários alinhados na mesa, junto com uma pequena caixa plana e um tinteiro.

Marmee se aproximou e puxou um fósforo de uma caixa de ferro na parede. Ela acendeu a lâmpada na mesa e baixou o globo, que deu um brilho suave ao quarto.

Ao pé da cama havia um pequeno baú. A bolsa de Ellie estava em cima dela.

— Onde estão meus baús? — Perguntou.

— Eles estão na sala de estar. Os meninos vão trazê-los amanhã. — Marmee deu-lhe mais um abraço rápido. — Vou preparar o jantar. Normalmente tomamos café da manhã cedo, fazemos uma grande refeição por volta do meio-dia e uma ceia leve. Quando estiver pronta, a sala fica no corredor à esquerda.

— Muito obrigada pela sua gentileza.

— Estou feliz que esteja aqui. Considere esta sua casa por enquanto. — Marmee apertou a mão de Ellie e saiu pelo corredor. O som de uma conversa suave chegou ao seu ouvido, mas Ellie não conseguiu entender as palavras.

Notou que o quarto tinha uma grande janela, então foi olhar a paisagem do Nebraska que se estendia ao longe. Ela podia ver as sombras das formações rochosas sob a lua. Era tão diferente de Atlanta. Enquanto as noites em Atlanta eram cheias de barulho e risadas, o silêncio era ensurdecedor em Flat River.

Ela ouviu botas batendo no chão atrás dela. Ela se virou para ver Owen carregando dois baldes. Ele os colocou ao lado de uma tina redonda. Ela nunca tinha se banhado em uma banheira galvanizada, mas estava grata apenas por poder lavar um pouco da sujeira de seu corpo.

— Eu trouxe água quente para que tome banho.

— Obrigada — sussurrou.

Ele colocou dois baldes no chão e ergueu um para cima e para dentro da banheira. Fez o mesmo com os outros e o vapor da água encheu o quarto. Uma vez que terminou, colocou os dois baldes ao lado da banheira e enxugou a testa na parte de trás da manga.

— Precisa de mais alguma coisa? — Seus olhos castanhos a encararam atentamente. Ellie negou com a cabeça. Notou que o rosto dele estava escurecido pelo sol e que tinha uma faixa branca de pele no topo da testa, onde o chapéu devia descansar.

— N-não. Estou bem.

Ele acenou com a cabeça e pegou os baldes antes de se virar para sair. Ellie rapidamente estendeu a mão e agarrou seu braço. Ele se virou tão rapidamente que Ellie teve certeza de que ele teria derrubado um dos baldes.

— Sim? — Perguntou. Sua voz era como manteiga.

— Queria agradecer por me resgatar.

— Eu não a salvei, senhora. Simplesmente precisava de um lugar para ficar.

Ellie sentiu uma pontada de dor quando as palavras a atingiram.

— Tem uma casa adorável. E uma família adorável. — Ele não disse nada. — E ter tantos irmãos e irmãs. Não tenho nenhum. Bem, eu tenho Polly, ela é a coisa mais próxima que tenho de uma irmã. — Ela saltou de pé para pé. — Obrigada novamente por encher a banheira e tornar a minha estadia tão hospitaleira.

Ellie viu sua mandíbula apertar.

— Não se acostume. Estará na próxima diligência, voltando para onde quer que tenha vindo, dentro de uma semana.

Sem uma palavra, ele saiu do quarto e fechou a porta atrás de si. Ellie se despiu rapidamente. Ela pegou o sabonete que estava sobre uma toalha na beirada da cama e caminhou até a banheira. Olhou para a banheira redonda. Não era maior do que os tanques de lavanderia em casa.

Ela não tinha certeza de como se banhar nele. Não era espaço suficiente para sentar-se, então ela decidiu que a melhor coisa a fazer era se ajoelhar. A água estava deliciosamente quente contra suas pernas quando subiu. O metal estava duro sob seus joelhos e não havia muito espaço para se mover.

Rapidamente molhou a cabeça e usou uma barra de sabão para lavar o cabelo. Foi difícil enxaguar, pois teve que se contorcer para colocar a cabeça na água. Ela lavou o cabelo duas vezes e depois se levantou para lavar rapidamente o corpo. O quarto estava começando a esfriar, e a água ficou gelada. Rapidamente se enxaguou e saiu da banheira.

Secando-se com a toalha, chutou as roupas sujas para o lado. Descobriria o que fazer com elas mais tarde. Cavando em sua bolsa, tirou sua camisola e a deslizou sobre sua cabeça. Trabalhando os nós em seu cabelo com os dedos, espinou uma escova na cômoda. A dela estava na outra bolsa. Ela não queria caminhar até a sala de estar para pegá-la.

Contou duzentas braçadas e seu cabelo estava finalmente secando. Caía sobre seus ombros em ondas suaves.

A exaustão da viagem finalmente a alcançou e ela bocejou, esticando os braços em rendição.

Marmee disse para ir para a sala quando estivesse pronta para o jantar. Mas primeiro sentia necessidade de tirar uma pequena soneca. Ela baixou o pavio da lamparina e se arrastou para a cama.

O colchão era macio e confortável. Ellie afundou em suas profundezas suaves. Pensou nos acontecimentos do dia. Tentou pensar em Frank, como fizera todas as noites nos últimos trezentos e oitenta e dois dias.

Ela tentou imaginá-lo, mas não conseguiu. Em vez disso, seus pensamentos estavam cheios de um cowboy alto que a resgatou, concordando ou não. Gemendo, se jogou na cama e abraçou o travesseiro. Fechando os

olhos, descartou todos os pensamentos e prontamente adormeceu.

Na manhã seguinte, a luz do sol encheu o quarto, acordando Ellie. Ela se sentou e se espreguiçou, antes de colocar as mãos nas pernas cobertas. Não conseguia se lembrar de quando teve uma noite tão sem sonhos.

Devia ter sido a viagem, pensou.

De repente, a lembrança de onde estava e porque estava lá encheu sua mente. E mordeu o interior do lábio para não chorar.

Sabia que não poderia ficar ali para sempre, e se esse Owen tivesse algo a ver com isso, ela estaria de volta à diligência ainda hoje. Esta deveria ser sua aventura de uma vida. Não queria perder a oportunidade, então iria aproveitar ao máximo seu tempo com os Chapmans.

Ela virou as cobertas para trás e deixou cair os pés no chão. Rapidamente arrumando a cama, deu a volta e percebeu que a banheira estava faltando, assim como suas roupas sujas. Sua segunda bolsa foi colocada ao lado da primeira no baú do cobertor.

Ela não sabia como alguém poderia entrar em seu quarto sem que ouvisse. Então um pensamento a deixou sóbria. E se Owen entrasse enquanto dormia? O que a família Chapman deveria pensar dela? Ela não era uma mulher de moral frouxa.

Rapidamente usou o penico e pensava em descer para a sala de estar quando ouviu uma batida na porta.

— Sim? — Chamou. Enfiou a mão na bolsa para um embrulho e puxou-o sobre os ombros. Não queria que ninguém a visse de camisola!

— Está vestida? — uma voz leve chamou através da porta de madeira.

Ellie abriu a porta para espiar o corredor. A mais nova dos irmãos Chapman estava na porta. Alice, ela lembrou.

— Achei que já estaria acordada. — Alice estendeu um vestido azul com renda branca. Ellie o reconheceu como um vestido de seu baú. — Não achei que gostaria de andar pelo corredor para pegar um vestido. Ellie franziu o cenho.

— Mexeu no meu baú?

Alice assentiu. — Espero que não se importe. Simplesmente peguei o primeiro vestido que encontrei. — Um olhar de horror surgiu no rosto de Alice e ela mordeu o lábio inferior. Ellie podia ver lágrimas se formando nos olhos de Alice. — Não está chateada comigo, está?

— Alice, certo? — Alice assentiu. Ellie abriu um pouco a porta e fez sinal para Alice entrar no quarto. Quando ela ouviu pela primeira vez que Alice tinha deliberadamente aberto seu baú, sim, ficara chateada. Mas percebeu que a jovem não tinha nenhuma intenção além de Ellie não andar pelo corredor em sua camisola. — Só fiquei surpresa. Obrigada por pensar em mim. — Ellie pegou o vestido e o colocou na cama. Era um dos favoritos dela.

— Marmee está lavando suas roupas de viagem hoje.

— Ela não precisa fazer isso. — Ellie estava um pouco envergonhada

por uma estranha estar lavando suas roupas. Teria feito isso sozinha, mas nunca lavara roupa na vida.

— Acho que não faz diferença.

— Por que isso?

Alice pegou um diário de sua mesa e organizou os outros em pilhas. Ela se virou e olhou para Ellie, pulando na ponta dos pés enquanto segurava o caderno contra o peito.

— Ela tem que lavar toda a roupa hoje. — O cabelo loiro escuro de Alice balançava em seus ombros. — É muita roupa suja, suas roupas e seis irmãos. Leva o dia todo.

Ellie sentou-se na beirada da cama.

— Ela deve ter ajuda.

Alice negou com a cabeça. — Não.

— Não a ajuda?

Alice negou com a cabeça mais uma vez. — Não.

— Aquela pobre mulher. Bem, acho que certamente posso ajudá-la.

— Ela não vai aceitar.

— Quem recusaria ajuda com a lavanderia?

Alice foi até a janela e olhou para fora.

— Parece claro. Os dias chuvosos são os piores para a lavanderia. Tudo cheira a mofo por semanas. — Ela se virou para Ellie. — Marmee diz que dá mais trabalho alguém ajudá-la. Acho que ela tem sua própria maneira de fazer isso.

— Posso perguntar quem removeu a banheira?

— Oh, Marmee precisava dela para lavar. Como eu disse, há muito que fazer. — Alice fez uma pausa para efeito dramático. — Penny e eu fizemos isso. Dormiu o tempo todo. Acho que até roncou um pouco. — Alice deu uma risadinha.

Ellie soltou um suspiro de alívio. Owen não estava no quarto dela enquanto dormia. Ela olhou para os pés descalços que pendiam do lado da cama.

— Mencionou seis irmãos?

— Na verdade, somos oito. — Os olhos de Alice começaram a se encher de lágrimas. — Bem, sete agora.

Ellie deu tapinhas no edredom e Alice se aproximou e se sentou.

— Eu não queria fazê-la chorar. Conheci seus irmãos ontem à noite. Lembro-me deles ajudando na casa, mas não me lembro de como se parecem. — Isso não era verdade. Ela se lembrou muito especificamente de como era um deles.

— Há cinco irmãos. Eles trabalham aqui no rancho. Meu irmão Michael foi morto há vários anos.

— Eu sinto muito.

— Depois, tem eu, Penny e Marianne.

— Não me lembro de ter conhecido uma Marianne.

— Ela mora em Denver. Bem, morava. Acho que ela está em Chicago agora.

— Chicago?

Alice assentiu. — Ela trabalha no escritório da Pinkerton.

— Uma mulher de carreira? Que maravilhoso.

Alice deu de ombros. — Eu acho. — Ela se levantou e caminhou até a janela novamente. — Pelo menos ela escapou. Até onde viajou?

— Vários dias de trem e depois o passeio de diligência.

— Deve ser incrível ver o país. Todas aquelas cidades diferentes.

— Flat River parece incrível.

Alice bufou. — Não, dificilmente. Estive aqui toda a minha vida. Mal posso esperar para ir embora.

— Por que isso?

— Não há muitas opções para uma dama por aqui. As famílias estão espalhadas. A única coisa a fazer é casar e ter filhos. Suponho que Penny terá um bebê em breve.

— Penny é casada?

— Sim. O marido dela está em Denver.

— Mas por que ela está aqui?

— Por minha causa — Alice disse, sua voz falhando.

Ellie não respondeu. Deu a Alice alguns minutos para olhar pela janela.

— Talvez eu deva me vestir e posso falar com Marmee sobre ajudar com a roupa depois do café da manhã.

Alice rapidamente se virou.

— Oh, nós comemos horas atrás.

— Comeram? — A voz de Ellie chiou. — Que horas são?

— É quase meio-dia. Os meninos devem chegar ao campo antes do nascer do sol. Ou eles comem antes de irem, ou Tot faz alguma coisa no campo.

— Tot?

— Ele é o cozinheiro. Está aqui desde que me lembro. — Alice caminhou até o guarda-roupa e moveu uma tela do lado. — Pode se trocar aqui atrás se precisar. Quando estiver pronta, desça o corredor até a sala de estar.

O estômago de Ellie roncou em resposta.

— Acho que vou esperar até o jantar.

— Vou fazer um sanduíche e um chá. Isso deve durar até o jantar ao meio-dia.

— Que hora estranha para jantar.

— Hora mais quente do dia. Todo mundo estará de volta para o jantar, então eles voltam até escurecer.

Alice agarrou seu diário com mais força. Ela voltou para a mesa e levantou seu tinteiro e um estojo de caneta preta.

— Obrigada por me deixar usar seu quarto.

Alice deu de ombros. — Está tudo bem.

— Se quiser usar sua mesa, eu posso sair daqui a alguns minutos.

Alice negou com a cabeça. — Não. Tudo bem. Vou para a varanda escrever. Irei deixar seu sanduíche na mesa da sala de estar.

Alice deu a Ellie um último olhar antes de sair. Parecia que queria dizer mais alguma coisa, mas algo a impediu. Que conversa peculiar, pensou Ellie.

CAPÍTULO NOVE



Cada músculo do corpo de Owen pulsava. Hoje tentaria laçar o *grullo*, mas o jovem garanhão não queria nada disso. O cavalo trotou pela borda interna do cercado, evitando Owen toda vez que se aproximava.

Owen relaxou sua postura e se curvou para parecer menor, deixando o cavalo saber que não era uma ameaça. Esteve se aproximando do cavalo durante toda a semana, apenas passando uma hora para que o animal percebesse sua presença.

Ele foi até capaz de girar o laço sobre a cabeça do animal e traçar suas costas com uma longa vara que usou para acostumar o cavalo a algo que o tocasse. Mas hoje, o cavalo parecia agitado. Owen estava feliz que o cercado fosse forte o suficiente e as paredes altas para garantir que a fera não pudesse pular as grades.

Hoje esperava ser capaz de laçar o cavalo e iniciar o processo de levá-lo ao redor do curral. Se tivesse muita sorte, seria capaz de colocar arreios nele.

— Ele é difícil. — Jimmy bradou.

— Ele está apenas nervoso.

— Como sabe? — uma voz feminina chamou. O cavalo pulou com a voz e correu para o lado do curral. A madeira reverberou sob a pressão do peso do animal.

Owen rapidamente se virou para ver Alice e Elenore se aproximando da cerca.

Elenore parecia descansada. Ela usava um longo vestido azul com renda branca nos punhos e no pescoço. Seria arruinado dentro de uma hora de caminhada no solo de Nebraska. Não tinha chapéu, então seu cabelo castanho claro brilhava ao sol, fazendo com que parecesse vermelho. Isso lembrou Owen de um belo alazão que treinara uma vez, com um pelo leve acobreado.

Owen gemeu silenciosamente. Precisava se concentrar no *grullo*, não em duas mulheres que vieram atrapalhar seu trabalho. A última coisa que precisava era uma distração enquanto trabalhava com o cavalo arisco. Owen as ignorou, fingindo não ouvir a pergunta enquanto se virava para o cavalo

prateado.

— Onde está sua irmã? — Owen perguntou.

— Ela foi ao médico.

— Ela está bem?

— Disse que não estava se sentindo bem. A coitada vomitou a manhã inteira.

Owen murmurou em resposta. Tirou um cubo de açúcar do bolso e o estendeu. O cavalo levantou a cabeça e saiu trotando. Owen empurrou o cubo de volta no bolso e foi para o outro lado do curral.

— Vê como o cavalo parece na defensiva? — Alice contou a Elenore.

— Suas orelhas estão eretas e os músculos do pescoço estão tensos como se não pudesse abaixar a cabeça? Isso significa que ele está nervoso.

O *grullo* bateu novamente na lateral do curral. Ele ouviu Elenore suspirar.

— Ele é um animal lindo. Espero que não tenha se machucado. Qual o nome dele?

— Alice nomeia todos os animais. Mas ela não pode fazer isso até que Owen consiga colocar arreios nele. — Owen olhou para ver seu irmão agora encostado no curral. — Se alguém pode domá-lo, Owen pode. Ele é o melhor por aqui. Não tivemos a chance de nos encontrar ontem à noite. Eu sou Caleb.

— Eu sou Elenore. Mas pode me chamar de Ellie, ou Ellie Beth.

Ellie Beth. O nome combinava com ela. Owen tentou abafar o som da conversa atrás dele. Não ia funcionar. O cavalo não iria cooperar com tantas pessoas ao redor. E não queria arriscar que o cavalo se machucasse ainda mais.

Owen foi colocar a corda em um gancho do lado de fora do poste do curral. Achava que sabia onde estava o cavalo, pois não queria dar as costas ao animal. Mas ele o subestimou, quando se viu voando e pousando de bruços na terra. Ouviu o grito de uma mulher e rapidamente rolou.

O cavalo estava acima dele. Elevando-se nas patas traseiras. Seus olhos se arregalaram enquanto observava as patas dianteiras do cavalo no ar antes de descer. Rapidamente rolou para o lado assim que o cavalo pisou no chão.

— Git! Git! — Jimmy havia saltado a cerca e estava guiando o cavalo excitado de volta ao celeiro. Caleb puxou uma corda, levantando uma porta e o animal correu para o celeiro. Owen podia ouvir o cavalo circulando nervosamente.

Owen levantou e se limpou. Seus músculos doloridos estariam gritando amanhã de manhã. Sempre havia o perigo de tentar domar um cavalo sozinho. Homens morriam se não tivessem toda a atenção no cavalo.

Owen mancou até o portão onde Caleb havia aberto o trinco.

— Obrigado — murmurou enquanto mancava para o quintal. — Eu me pergunto, o que será que o assustou?

— Não fomos nós, foi? Alice estava me contando sobre os belos cavalos

e eu só queria vê-los.

Owen negou com a cabeça. — Não. Foi outra coisa.

O *grullo* soltou um relincho alto e Owen pôde ouvir seus cascos raspando no chão.

— Veja! — Ellie disse, levantando-se mais alto nas grades.

Alice se arrastou para o início do curral. — É ele!

Owen e Caleb se viraram para ver a causa da excitação do *grullo*. Sob as árvores à beira do rio havia um grande garanhão olhando para eles com curiosidade.

Era o preto.

Isso explicava por que o *grullo* estava tão excitado. O cavalo estava protegendo seu harém. Se o preto estivesse tão perto, o *grullo* pensaria no outro cavalo como uma ameaça.

Owen observou o garanhão preto empinar sobre as patas traseiras antes de virar e correr pelas árvores e desaparecer onde o rio se estreitava.

O som de cascos trovejantes podia ser ouvido atrás das árvores. Owen inclinou a cabeça e escutou. Provavelmente foi uma dúzia ou mais de cavalos que ouviu galopando em direção a Mustang Hill.

— Devo ir atrás deles? — Caleb perguntou.

Owen negou com a cabeça. A lembrança de Frank ainda estava fresca em sua mente. Ele não voltara do rastreamento do preto e Owen não queria que nada acontecesse com seu irmão. Marmee não seria capaz de lidar com tal perda.

O som do sino do jantar tocou. Owen ansiava por uma refeição quente e colocar linimento em seus músculos. Observou Alice e Ellie Beth caminharem de volta para casa. Sua saia azul pálida balançava contra seus quadris enquanto ela andava. Owen rapidamente desviou os olhos da tentação.

— Ela com certeza é bonita. — Ouviu Caleb dizer, tirando Owen de seus pensamentos.

— Suponho que sim. — Owen encolheu os ombros e depois estremeceu.

— Tem alguma intenção?

Owen parou de andar em direção ao celeiro e olhou para o irmão.

— Que tipo de intenções?

Caleb pegou a corda de Owen e a carregou até o celeiro.

— Intenções de cortejar.

— Por que está perguntando isso?

Caleb coçou o queixo.

— Bem, ela está aqui. Sabe que as mulheres são escassas.

— Ela acabou de perder o noivo e seu motivo é que as mulheres são escassas?

— Bem? — Caleb perguntou, empurrando o chapéu para trás.

— Bem, o quê?

— Está pensando em cortejá-la?

Owen passou a mão pelo rosto e esfregou o pescoço.

— Por quê? Está pensando em cortejá-la?

— Bem, eu queria te perguntar primeiro.

Lá estava sua resposta. Se Caleb estava interessado, então seus outros irmãos também poderiam estar.

— Bem, agora perguntou. Quero que você e o resto dos meninos fiquem longe dela. É uma convidada e não se deve brincar com ela.

Caleb olhou-o, seus olhos castanhos brilhando. Sua boca se expandiu em um sorriso e ele soltou uma risada.

— Acha que ela é bonita. Estou apenas avisando, irmão, noivo morto ou não, ela não ficará solteira por muito tempo quando os homens por aqui derem uma boa olhada nela.

Owen cerrou o punho. Ele teve vontade de lutar com Caleb no chão, mas seus músculos protestaram.

— Vou dizer novamente: você e todos os outros precisam manter distância até que ela embarque para casa.

— O que disser, irmão mais velho — Caleb deu tapinhas no ombro de Owen, fazendo-o estremecer de dor.

CAPÍTULO DEZ



Ellie nunca havia experimentado uma refeição como naquela tarde no Chapmans. Definitivamente, era algo para escrever para Polly. Isso e tudo mais que tinha acontecido. Ela não achava que Polly acreditaria, mesmo que escrevesse tudo em detalhes.

Quando voltaram do celeiro, ela e Alice se lavaram na bomba ao lado da varanda antes de seguir para a sala de jantar. E ouviu as vozes antes de virarem o corredor em uma grande sala.

Era impressionante. Era realmente uma grande sala. Parecia muito menor do lado de fora. Se estivesse de pé ao lado do celeiro, nunca teria percebido o quão grande era o interior da casa.

Ela podia ver a lareira aberta e o fogão a lenha ao longo de uma parede. Fornecia calor, bem como refeições. Havia um tripé na lareira com um gancho onde ficaria pendurado um forno holandês. Ellie aprendeu alguma coisa lendo aqueles livros no trem.

Em vez de um simples quadrado esculpido na lateral da casa, a lareira era larga na parte inferior e estreita na parte superior. Ellie não sabia que lareiras podiam ser arqueadas assim.

A parede inteira estava coberta de intrincados trabalhos de pedra que cercavam a lareira do chão ao teto. Nunca tinha visto nada tão bonito em toda a sua vida.

A grande sala foi construída com tábuas talhadas à mão, intercaladas com lama e grama nas rachaduras.

De um lado da sala havia várias cadeiras estofadas e uma pequena mesa no centro.

Do outro lado, uma longa mesa com dez cadeiras ao redor. Ela podia ver três homens e Penny na mesa.

A mesa estava posta com a porcelana mais elegante que já tinha visto. Outra surpresa que não esperava. Ela teve uma visão do Oeste sendo rústico e grosseiro. Não refinado e elegante. Avançou para a sala com Alice atrás dela.

— Boa tarde — disse. A conversa cessou imediatamente e todos se

viraram para olhar para ela.

O Sr. Chapman estava sentado à cabeceira da mesa. Um homem mais jovem, com o mesmo cabelo escuro, sentou-se ao seu lado. Penny sentava-se do outro lado do patriarca Chapman. Ao lado de Penny... Ellie deu uma segunda olhada. Owen estava sentado à mesa. Ela olhou para trás para se certificar de que não tinha percebido sua entrada.

— Esse é Oliver — Alice sussurrou nas costas de Ellie enquanto ela andava ao redor da mesa para se sentar ao lado do homem mais jovem.

— Oliver? — Ellie levou os dedos aos lábios. Havia dois deles?

— Senhora — disse ele, sorrindo para ela. — Esta cadeira está vazia. — Ele se levantou e puxou a cadeira da mesa.

Ellie apertou a saia ao redor dela e se sentou.

— Obrigada — sussurrou enquanto ele a empurrava de volta para debaixo dela. — Ah... quero dizer... eu... — Ela respirou fundo. — Eu nunca conheci um gêmeo antes. Ver alguém tão idêntico é simplesmente fascinante.

— Mas não somos parecidos — disse Oliver.

— Não?

— Sou mais bonito — disse Owen entrando na sala e rindo.

Ellie notou que toda a sua disposição havia mudado agora que estava cercado pela família. Ele se sentou em frente a ela, ao lado de Alice. Ellie observou enquanto ele puxava sua irmã para perto e lhe dava um beijo na cabeça.

— Como está se sentindo hoje, *Pint Jar*? — Bagunçou seu cabelo antes de soltá-la.

Alice o empurrou de lado.

— Pare com isso, Owen. Eu não sou um bebê.

— Sempre será nosso bebê — disse Caleb, carregando uma bandeja para a mesa. Marmee seguiu com uma tigela de batatas fumegantes e a colocou na mesa. Caleb a ajudou a se sentar e então ocupou o lugar ao lado de Oliver. — Ela não era maior do que um pote de cerveja quando nasceu. Se eu pudesse, esse seria o nome verdadeiro dela. *Pint Jar Chapman*.

Todo mundo riu.

— Parece que há uma cadeira vazia — disse Ellie, gesticulando para o assento ao lado dela.

— Isso é para Marianne — Oliver disse.

— Ah, a irmã que mora em Denver?

— Sim. Marianne e Penny são gêmeas.

— Dois pares de gêmeos? É incrível.

— Na verdade, isso foi muito trabalho — disse Marmee, rindo levemente. — Ollie, pode dizer a bênção?

Oliver agarrou a mão dela e Marmee agarrou a outra. Foi um pouco longo com a cadeira vazia entre eles. Ela nunca deu as mãos em casa. Na verdade, não conseguia se lembrar da última vez que alguém disse a bênção

em sua casa.

O rico tom de barítono de Oliver encheu a sala enquanto ele conduzia a família em uma oração de ação de graças.

— E Pai — ele disse fechando a bênção —, agradecemos por trazer nossa nova amiga aqui para casa. Deixe-a saber que ela pode ficar o tempo que precisar. Amém.

— Amém — disse Ellie, em coro com os outros. Ela sentiu Oliver apertar sua mão antes de soltá-la. Marmee fez o mesmo. Ela olhou para cima para espiar Owen olhando para ela enquanto ele rasgava um pedaço de pão e o cobria com manteiga antes de colocá-lo na boca.

Desejou saber o que ele estava pensando. Perguntando-se por que não gostava dela.

Não seja boba, disse a si mesma. Não sabe quais são os pensamentos dele. É apenas uma convidada em sua casa.

Oliver deixou cair um pedaço de carne escaldante no prato dela. Ellie pulou para trás um pouco surpresa.

— O que é isso?

— Bife — disse Caleb. — Marmee faz o melhor bife.

Seguiu-se um respingo de molho marrom. Ela olhou para Oliver enquanto ele colocava molho em seu próprio bife.

— Prefere molho? — ele perguntou, levantando a sobrancelha.

— Eu posso fazer meu próprio prato, obrigada.

Owen riu e quando Ellie o olhou, ele colocou outro pedaço de pão em sua boca. Alice a cutucou com o cotovelo antes de passar para Owen uma travessa.

— Batatas, querida? — Marmee perguntou passando a tigela para Ellie. Ellie pegou a colher e colocou uma colherada em seu prato. Ela não tinha certeza do que fazer com a tigela, então a segurou por um minuto. Owen limpou a garganta e apontou para Oliver com sua faca. Ela notou que Marmee estava cuidadosamente equilibrando uma tigela em cada mão.

— Oh — Ellie disse, envergonhada por ter interrompido o fluxo de comida. Ela rapidamente colocou a tigela nas mãos de Oliver e pegou o cesto de pão, de Marmee.

Dobrando o guardanapo que cobria o conteúdo, avistou dois belos pães fatiados. Pegou um pedaço de pão e o colocou em seu prato. Hesitando, perguntou se seria errado se pegasse duas fatias. Pão fresco era sua fraqueza.

— É melhor pegar o que quiser — disse Alice. — Com este grupo, não há sobras.

Ellie pegou um segundo pedaço e passou a cesta para Oliver. Quando as cenouras foram passadas, Ellie não sabia onde as colocaria. O prato parecia um banquete de feriado. Estava acostumada a refeições muito menores em sua casa.

— Normalmente comem assim? — ela perguntou.

— Marmee é a melhor cozinheira de todos os estados — disse Everett,

cortando sua carne.

— A maior refeição é no meio do dia. Mantém as mãos funcionando até escurecer — Marmee explicou.

Ellie se lembrou de Marmee ter mencionado isso. O Café da manhã e jantar eram refeições completas. Não era de admirar que o almoço fosse uma refeição mais leve.

Ela deu uma mordida no bife coberto de molho marrom, fechando os olhos quando o sabor explodiu em sua boca.

— Oh meu Deus, se eu comesse assim eu pesaria duzentos quilos.

— É comida para um bando de cowboys famintos — disse Ollie — Melhor do que comer feijão, o que tenho certeza de que os vaqueiros estão fazendo agora. — Ele enfiou um grande pedaço de carne na boca.

— Se posso perguntar, quantas pessoas trabalham aqui, Sr. Chapman?

— Temos duas operações. Estou criando gado e empregamos quarenta e cinco dos melhores criadores deste lado do Mississippi.

— Quarenta e cinco? São necessários tantos homens?

— Perdi três dos meus melhores em Owen, Oliver e Everett quando começaram seu negócio de cavalos. Agora irei contratar alguns novos homens. Pensando em pelo menos trezentos.

Trezentos? Esse era um número e tanto. Novos homens significavam novas oportunidades, pensou.

— São muitos homens. Por que tantos? — Caleb perguntou.

— Penso que está na hora de rodar o estoque. Entrei em contato com o comprador na Cisco. Consegui um bom preço para comprar três mil *filhotes* de dois anos. Ficarão prontos no próximo mês. Se os iniciarmos imediatamente em direção ao norte, estarão aqui antes do final do verão.

— Quanto tempo leva para trazer o gado até aqui, Sr. Chapman?

— Cerca de uns bons cem dias. Eles só podem se mover quinze milhas por dia com um pequeno rebanho. Dez com tanto gado.

— Está pensando em levá-los pela trilha Chisholm desta vez, pai? — Oliver perguntou.

Weston negou com a cabeça.

— Muitos ataques de Comanche. Acho que vamos pegar a Horsehead até a trilha Goodnight e passar pelo Wyoming. Pode demorar um pouco mais, mas não irá perder tantos.

Owen deu um assobio baixo.

— Precisa de Jimmy?

— Ia falar contigo sobre isso. Se puder poupá-lo, sim.

— Claro.

— Caleb, está no comando da operação agora. Everett pode ajudá-lo.

— Mas eu gosto de trabalhar com os cavalos, Pa — disse Everett.

— Há muito tempo para isso.

— Weston — Marmee interrompeu — não pode fazer uma viagem assim. Não é tão jovem quanto antes.

— Posso não ser uma galinha da primavera, meu amor, mas certamente não estou pronto para o cepo.

— Vou ficar de olho em tudo aqui, Pa — Caleb assegurou, um pouco de decepção rastejando em sua garganta.

— Não precisa fazer isso, garoto. Vai liderar os homens de volta para casa. Quinhentas cabeças são para você e Everett. Esse é o pagamento por trazê-los para casa.

Owen deu um tapa nas costas de Caleb. — Bom trabalho, irmão. Merece isso. — Ele se virou para Everett. — Acho que isso significa que não será um parceiro nos cavalos? É uma ótima notícia.

Weston deu uma piscadela para Owen. — Isso não é tudo. Eu tenho cerca de cinquenta cavalos extras também. É certo que estarão trabalhando na trilha, mas quando voltarem, será uma boa adição ao seu negócio. Acha que pode usá-los?

Owen gritou na mesa. Oliver se levantou e agarrou a mão de Owen, dando-lhe um tapa no ombro.

Ellie viu o rosto de Owen se transformar completamente. Seus olhos brilharam e suas bochechas se ergueram quando sorriu. Ellie podia ver seus dentes brancos olhando-o de baixo.

— Parabéns — disse Ellie. — Isso é maravilhoso para todos vocês. — Um sentimento de decepção tomou conta dela. Então, isso é o que realmente significava planejar um império familiar. Frank havia mencionado isso em suas cartas. Essa alegria era o sentimento que deveria ter com Frank, em vez de comemorar a mesma coisa com completos estranhos.

— Por que está fazendo isso, pai? — disse Alice.

Weston apontou um garfo para sua esposa.

— Está na hora de assumirem o controle e deixarem sua mãe e eu descansarmos um pouco. Eu estava pensando que poderíamos ir pescar, expandir o jardim. Talvez possamos até ter alguns netos para mimar no futuro.

— Oh, Weston — Marmee disse. — Isso soa maravilhoso.

— Caleb, precisará ir para o Texas em dois dias para chegar a tempo da compra. Quando estiver lá embaixo, encontre um cozinheiro e volte. Poderá precisar de mais de um.

— E o Tot?

— Não pode levar a carroça daqui para lá, levaria muito tempo. Fale com ele. Se quiser ir, então vai a cavalo. Compre o que precisa quando chegar ao Texas.

— E os homens? — Penny perguntou. — Eles dependem de Tot.

— Vou colocar um anúncio na cidade para um cozinheiro temporário até que Tot volte. Tenho certeza de que há alguém sóbrio o suficiente para trabalhar.

— Deveria ver o jardim de Marmee, Ellie — Alice disse suavemente. — É simplesmente lindo.

— Ainda não está florescendo, mas no verão devo dizer que é bastante espetacular — respondeu Marmee. — Talvez Owen possa lhe mostrar o lugar.

Ellie viu o olhar de Owen saltar para sua mãe.

— Oh. Tenho certeza de que ele está muito ocupado, eu não gostaria de tirá-lo de seus cavalos.

— Vou levá-la, senhorita Ellie — ofereceu Everett.

Ellie tinha certeza de que ele era um menino doce, mas era mais jovem do que ela e não queria enganá-lo com suas afeições.

— Eu irei levá-la — disse Owen, sua máscara deslizando de volta no lugar. — Arranjarei tempo para mais tarde ou para amanhã.

— Lavou toda roupa hoje, Marmee? — Ellie perguntou.

O garfo de Marmee parou a meio caminho de sua boca.

— Como é?

— Alice disse que hoje era seu dia de lavar roupa. — Ellie ouviu Penny rir. — Quando eles lavavam roupa em Atlanta, era assunto o dia todo. E só tínhamos três pessoas em casa.

— Ah, sim. Eu fiz o que precisava fazer. Eu tenho um sistema. Mas obrigada por perguntar.

Oliver soltou outra risadinha.

Weston parecia confuso.

— O que estou perdendo? Precisa de ajuda, meu amor?

Oliver riu mais alto, e logo Caleb e Penny se juntaram.

— O que está acontecendo que eu não sei?

— Pergunte a Marmee sobre seu sistema, Pa. — Penny perguntou, enxugando os olhos com o guardanapo.

— Tem muita roupa suja. Não sei como faz isso toda semana. Como faz?

Marmee largou o garfo.

— Oh. Eu tenho um sistema.

— Sistema?

Marmee assentiu.

— Eu reúno tudo e depois levo para a viúva Baker na estrada.

Oliver e Penny uivaram de alegria.

— Aquela com dez filhos? — perguntou Everett.

Marmee assentiu.

— Ela precisava do trabalho e ela tem muito mais mãos, então funciona lindamente.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — perguntou Weston.

Marmee colocou um dedo contra sua bochecha.

— Quase um ano.

— Como eu não sabia disso? — perguntou Weston.

— Oh, Weston, a casa é minha para me preocupar. Dessa forma, sua roupa bem dobrada aparece magicamente em seu guarda-roupa.

— Eu posso contratar alguém aqui se precisar de ajuda. Tudo o que tem que fazer é pedir.

— Por quê? Ela precisa do trabalho e tem todas aquelas crianças para alimentar — O marido da viúva Baker fora morto em um acidente agrícola. Ela pegou vários clientes de lavanderia para fazer frente às despesas.

— Ela provavelmente perderá aquela terra. Vou falar com o Sr. Arnold no banco amanhã. Tenho que ir vê-lo sobre a transferência de fundos para o gado. Se pudermos trabalhar a terra, ela não terá que se preocupar em perder sua casa.

Ellie queria chorar. Ela nunca tinha visto uma família mais amável ou mais amorosa do que aquela sentada ao seu redor. Eram o completo oposto dos Hartmans. Ela ergueu a mão e esfregou o peito, forçando-se a não soluçar.

— Ellie?

Ellie pulou quando a voz de Marmee interrompeu seus pensamentos.

— Desculpe, eu só estava pensando.

— Sobre Frank?

Ellie assentiu.

— Vai ficar tudo bem — falou ela suavemente. — Deus sempre tem um plano. Perguntei se queria café com sobremesa.

— Oh! — Ellie disse se afastando da mesa. — Deixe-me ajudá-la a limpar e fazer isso.

— Absurdo. É uma convidada. Todos podem levar seus próprios pratos para a pia.

— Obrigada, mas prefiro ganhar meu sustento da mesma forma.

Marmee fez uma pausa e então assentiu.

— Claro. — Ela se virou da mesa. — Vamos tomar um café antes que volte para o trabalho. Fiz um bolo de chocolate. Este é um motivo para comemorar.

CAPÍTULO ONZE



— Então, senhorita Brooks — disse Weston, enxugando a boca com um guardanapo, depois de terminar uma fatia grossa de bolo —, quais são seus planos agora?

Ellie quase se engasgou com o bolo que estava mastigando. A cobertura de chocolate ficou presa em sua garganta. Ela pegou o copo de leite na borda de seu prato e tomou um gole enquanto formulava sua resposta.

— Sinceramente não sei.

— Pai, não é como se tivesse um plano B quando veio aqui — disse Penny.

— Era uma noiva por correspondência?

— Não faça perguntas, Everett — Alice o repreendeu.

— Por que não? Pai...

— É rude — Alice retrucou como se isso explicasse tudo.

Everett resmungou e voltou para seu bolo.

— Não me importo de responder. — Ellie largou o garfo e colocou as mãos no colo. — Sim. Eu vim aqui como uma noiva por correspondência.

— Como encontrou Frank? — Owen perguntou, suavemente.

Ellie sentiu arrepios quando ele olhou para ela com aqueles olhos castanhos. Era como se pudesse ver dentro de sua alma e conhecer todos os seus segredos mais profundos sem que dissesse uma só palavra.

— Sim, como? — Alice perguntou.

Ellie fez uma pausa e olhou ao redor da mesa para os rostos ansiosos para que ela contasse sua história. Limpou a garganta.

— Eu o encontrei em um jornal.

— Um jornal? — Caleb perguntou.

— Sim. Eu tinha acabado de cancelar meu casamento em Atlanta. Havia descoberto que meu pretendido era um cafajeste.

— Já esteve noiva antes? — Owen perguntou.

A vergonha inundou as bochechas de Ellie. Iriam pensar que não tinha moral. Ele ia pensar isso. Uma mulher duas vezes noiva! Porque se

preocupava com o que Owen pensava, não sabia. Mas o pensamento de decepcionar a família que a acolheu como sua era demais. Eles poderiam expulsá-la e ela estaria perdida.

Precisava explicar as coisas rapidamente.

— Como eu disse, ele era um cafajeste. Quando terminei o noivado, minha melhor amiga no mundo inteiro, Polly veio me animar. Polly encontrou uma carta no jornal pedindo uma esposa.

— Então ele acabou por colocar um anúncio no jornal, procurando uma esposa? — Owen perguntou.

Ellie assentiu.

— Assim como faria quando procura um arado ou uma nova roda de carroça, eu acho — disse Everett. — Quem pensaria nisso? Publicidade para uma esposa?

— Acha que sua amiga Polly pode aparecer para visitá-la? — Everett perguntou, enfiando outro pedaço de bolo na boca.

— Everett! — Exclamou Penny. — Por que perguntaria algo assim?

— Parece que todos por aqui estão relacionados de alguma forma com todos os outros. Eu poderia colocar um anúncio no jornal.

— Quando já quis se casar, Ev? — Oliver perguntou.

Everett deu de ombros.

— Eu apenas pensei que seria mais fácil se eu conhecesse.

— Então, o que fez a seguir? — Alice perguntou.

— Respondi ao anúncio e começamos a escrever de um para o outro. Por quase um ano. — Enxugou uma lágrima de sua bochecha. — Ele me chamou para vir há duas semanas.

— Isso soa tão romântico. — Alice disse, sua voz cheia de sarcasmo. — Deixar tudo para trás para ir para um lugar novo.

— Alice... — Oliver disse em um tom baixo.

— Acabei de dizer que soa romântico. Eu não disse que realmente era. Deus, Ollie...

Weston limpou a garganta e lançou um olhar na direção de Alice. Ela bufou e se recostou na cadeira, cruzando os braços sobre o peito.

Ellie se perguntou o que aquela interação significava, mas não teve tempo de perguntar antes que Owen interrompesse a conversa.

— Isso meio que faz sentido agora.

— O que? — Penny perguntou.

— Quando os irmãos de Frank vieram aqui procurando por ele, Chat estava insinuando que algo havia acontecido em casa que o levou a sair. Acho que deve ter sido mais ou menos na mesma época em que recebeu o telegrama dizendo que estava vindo.

— Por que isso é significativo? — Ellie perguntou.

— Ele deve ter dito a família que mandou buscar uma esposa e eles não ficaram muito felizes. Acho que ele subiu as colinas para fugir — disse Everett. — Eu faria se eles fossem meus parentes.

— Everett, cale-se — Marmee repreendeu. — Verna era minha amiga mais querida.

— Aquela mulher é absolutamente má — disse Penny.

— Penélope Anne! — Marmee olhou ao redor da mesa. — Eu não vou deixar que mencione mais uma palavra sobre a família Hartman. Eles estão de luto por seu filho e irmão. — Ela se inclinou e deu tapinhas no braço de Ellie. — Eles passaram por uma fase difícil. Por baixo desse exterior resistente há um coração de ouro.

— Bem, eu não vi — respondeu Ellie. — Ela me odiou mesmo sem me conhecer.

— Isso é apenas a mágoa falando, querida. — Marmee deu tapinhas na mão dela. Ellie se sentiu melhor. Amava imensamente sua própria mãe, mas ela não era um tipo afetuoso. — A vida aqui é difícil e tenho certeza de que se tivesse a chance de conhecê-la, não há dúvida de que a teria amado.

— Como sabe disso?

— Porque, querida, como mãe, é minha responsabilidade amar os maridos ou esposas de meus filhos como se fossem meus. O que os faz felizes, me faz feliz.

Ellie simplesmente assentiu, sem saber o que dizer.

— Preciso voltar para o estábulo — disse Owen, afastando a cadeira da mesa. Ele se aproximou e deu um beijo na bochecha de Marmee. — Te vejo mais tarde.

Ellie observou Owen sair da grande sala e desaparecer na esquina. Quando se virou para a mesa, notou que Caleb estava olhando para ela atentamente.

— Eu tenho chocolate no meu rosto? — Perguntou, tocando sua bochecha com o guardanapo.

Caleb riu. — Pode fazer milagre.

— Que milagre?

— Estou apenas pensando em voz alta. Tenho que voltar ao pasto. Preciso falar com Tot. Gostaria de dar uma volta, senhorita Ellie?

— Ah, eu nunca andei a cavalo antes. Não sei o que vestir.

— Pode haver uma saia dividida no guarda-roupa de Marianne. É quase do mesmo tamanho que ela — Penny se ofereceu.

— Então me encontre no celeiro em quinze minutos.

Dez minutos depois, Ellie estava parada na frente do espelho admirando a roupa de montaria emprestada.

Era um verde profundo com detalhes prateados. A jaqueta tinha botões para fechar e tinha um par de calças feitas do tecido mais macio que Ellie já tinha visto.

Deu uma risadinha ao pensar em sua mãe. Ela ficaria mortificada. Damas de verdade não usavam calças ou saias que pareciam calças. Ela ficou na frente do espelho admirando as calças. De longe parecia uma saia, mas quando Ellie levantou a perna dava para ver que estava dividida no meio.

Levantou e abaixou a perna, rindo enquanto o tecido se partia e depois se juntava novamente.

— É brilhante! — Disse, olhando para Penny. — Talvez eu nunca volte a usar uma saia normal. — Deu uma última risadinha e voltou para o espelho.

— Parece uma vaqueira, com certeza.

— Vaqueira? — Ellie nunca tinha ouvido o termo.

— Alguém que cuida do gado.

— Oh — Ellie disse, de pé na frente do espelho e pressionando a jaqueta para baixo com os dedos. — Vaqueira. Gosto do som disso.

Elas caminharam até o celeiro, mas Caleb não estava em lugar algum. Em vez disso, encontraram um dos vaqueiros. O homem era trinta centímetros mais alto que Ellie, magro e tinha a pele que parecia mais dura que couro de sapato velho. Seu cabelo era preto como tinta e salpicado de branco. Suas sobrancelhas espessas pareciam lagartas acima de olhos azul-claros. Este foi o primeiro cowboy de verdade que Ellie conheceu.

— Onde está Caleb, Poke? — Penny perguntou. Ellie não queria saber como ele conseguiu seu nome. — É a abreviação de Poker — explicou Penny. — Ele aparentemente joga um jogo de cartas malvado.

— Isso é encorajador — disse Ellie.

— Ele tem dificuldade de ouvir. Onde está Caleb? — Penny perguntou novamente.

— Oh, houve complicações com um parto. Caleb teve que ir lá para se certificar de que a mamãe vaca estava bem.

— O que há de errado com o bebê? — Ellie perguntou.

— Culatra.

— Isso significa que está de para trás, não é?

Poke assentiu. Ellie notou que ele tinha um pedaço de palha entre os lábios de couro. E a movia de um lado para o outro enquanto falava.

— Sim. O cordão está em volta do pescoço. Significa que o bezerro não está recebendo ar.

— O que eles vão fazer?

— O Bezerro já pode estar morto.

— Isso é terrível!

Poke deu de ombros.

— Como as coisas são em um rancho.

— Diga a Caleb que passamos aqui, por favor? — Penny disse, puxando Ellie do celeiro. — Preciso escrever uma carta, então podemos voltar para casa.

— Estaria tudo bem se eu apenas andasse por aí? Ainda sinto como se tivesse andado de coche.

— Claro. Há um belo banco que Pa fez perto do rio. Apenas evite os homens se possível e fique fora dos celeiros. E cuidado com as cascavéis.

— Cascavéis?

— Farão um som antes de atacar, mas seu alcance é bastante longo.

— Talvez eu fique dentro de casa.

— Vai ficar bem. Basta ouvir o chocalho e ir na direção oposta. É bem mais provável que tenha mais medo de você do que tem dela.

— Eu vou — disse. Ela seguiu Penny de volta para casa e voltou para o quarto em que estava hospedada. Pegou um dos pequenos romances de celulose e seu maço de cartas que estavam embrulhados na fita de cabelo. Colocou ambos em sua cintura. Mesmo que ela tivesse lido o romance no trem e soubesse as cartas de Frank de cor, poderia lê-las novamente.

Ellie saiu pela porta da grande sala e se viu em um jardim cheio de fileiras de hortaliças. Era este o jardim que Owen ia mostrar a ela? Estava bom, mas certamente não era a obra-prima mencionada na hora do almoço.

Passou por fileiras de feijões escalando cordas e plantas de abóbora começando a florescer. Havia marcadores para identificar cada tipo de planta: abóbora, repolho, beterraba, cenoura, cebola, alface, verduras, morango e pimentão.

Sua família tinha um jardim em Atlanta, mas era principalmente para a diversão de sua mãe e consistia apenas em alguns itens. Fileiras e mais fileiras de plantas verdes brotavam do solo. Era diferente de tudo que tinha visto. Parecia ser comida suficiente para alimentar uma pequena cidade, mas então se lembrou de que havia nove pessoas na família Chapman, então fazia sentido.

No final do jardim, havia um pequeno pomar que consistia em macieiras e pereiras e fileiras e mais fileiras de bagas espinhosas. Ellie decidiu então que queria ter uma horta assim e quantas crianças precisasse para que a comida não fosse desperdiçada.

O único problema era que não ficaria mais jovem e não se casaria mais. Ela enxugou uma lágrima de sua bochecha e continuou até que o jardim se abriu na mais bela pastagem que já tinha visto.

Os campos eram exuberantes e verdes e os animais pontilhavam a paisagem. Ela viu uma carroça com uma fogueira ao lado e homens andando a cavalo.

Naquele momento, decidiu que nunca mais queria sair do Nebraska. Se Frank pedira uma esposa, deveria significar que há mais homens qualificados na área que estariam procurando por uma. Só precisava encontrá-los.

Satisfeita com esse pensamento, ela caminhou pelo pasto, tomando cuidado para evitar qualquer esterco de vaca por onde passasse. Havia uma área cercada com um degrau de madeira cruzando os fios. Deve ter sido colocado lá para que as pessoas pudessem cortar o campo.

No canto mais distante do pasto, podia ver uma vaca solitária. Havia algo de errado para que precisasse ser separada? Talvez estivesse doente e é por isso que estava ali

Ellie podia ver a área do rio do outro lado do campo e um banco embaixo de uma árvore, exatamente como Penny havia dito. Levantou a saia dividida e subiu em cima da frágil estrutura que abrangia os dois campos.

Ao atravessar, viu o celeiro de Owen e o cercado de treinamento em sua linha de visão. Dois homens estavam nos trilhos, enquanto outro estava dentro do padoque com um cavalo.

Respirou fundo, inalando o ar e franzindo o nariz. O ar definitivamente não cheirava assim em Atlanta. Eles tinham fazendas, com certeza, mas ficavam mais longe da cidade.

Um dos homens a espiou e acenou com o chapéu. Ellie ergueu a mão em saudação, mas continuou andando. As pessoas com certeza eram amigáveis em Flat River. Por que os Hartmans não podiam ser assim?

Um assobio agudo chamou sua atenção de volta para o celeiro. Quando estava se virando para ver do que se tratava, ouviu o som de cascos trovejando vindo em sua direção. A vaca parecia muito maior agora enquanto corria em direção a ela.

Ellie estendeu as mãos para o animal de corrida.

— Boa vaca — disse ela. — Boa vaca.

A vaca não ouviu. Ellie ouviu o apito novamente, mas não queria voltar e olhar. Em vez disso, cobriu os olhos e gritou. Esperou que a vaca colidisse com ela, então se agachou o mais perto que pôde do chão fedorento.

De repente, um tiro soou e Ellie teve certeza de que estava morta quando sentiu seu corpo voando pelo ar.



Mulher tola!

Owen não acreditou quando Everett gritou que havia uma mulher andando pelo campo onde Cocoa era mantida. Ficou no parapeito para dar uma olhada melhor e com certeza, havia uma mulher andando pelo campo e esquivando-se do esterco de vaca.

Acenou com o chapéu para chamar sua atenção, mas ela acenou de volta e continuou. Ela estava sob sua pele desde o primeiro momento em que a viu fora do mercado. Quando a encontrou nos Hartmans, ficou irritado que alguém tão bonita estivesse visitando os rivais da família. Pois sabia que se ela fosse afiliada aos Hartmans, nunca teria a chance de conhecê-la.

É certo que tê-la de volta para ficar na casa era parcialmente egoísta. Ele sabia que ela estava noiva de Frank, mas ele a queria para si.

Mas quando finalmente a viu enquanto servia água para seu banho, sabia que poderia cair sob o feitiço de ser seu protetor para sempre.

Ela era perigosa e ele não precisava de nada para distraí-lo de seu rancho.

Esta tarde ele havia treinado um dos cavalos do rebanho selvagem usando um animal de treinamento no ringue com ele. Splinter era o animal perfeito para a tarefa. De cor cinzenta, ela era menor do que a maioria dos outros cavalos e preferia trotar ao invés de galopar. Raramente fazia

movimentos bruscos que excitassem os outros cavalos.

E era o único cavalo disponível para ele nesta emergência. Ele pulou do parapeito e assobiou para Oliver abrir o portão. Rezou para que Cocoa não a tivesse notado enquanto pulava nas costas nuas de Splinter.

Suas mãos seguraram as tiras de couro do arreio de Splinter e punhados de sua crina quando ele saiu do curral e virou na direção do pasto ao norte. Ao passar por seu irmão, Everett jogou-lhe um rifle. Owen não hesitou em colocá-lo debaixo do braço enquanto estimulava Splinter a correr.

Ele cravou os calcanhares em seu flanco, incitando-a a ir mais rápido. Teria sido mais fácil com uma sela, mas já havia montado sem sela antes. Ela pulou a cerca de arame farpado, para dentro do curral com facilidade.

O coração de Owen foi para a garganta quando viu Cocoa atacando Ellie. Diminuiu a velocidade do cavalo apenas o suficiente para levantar o rifle até o ombro e apontar para o traseiro do touro. Ao puxar o gatilho o touro parou e mudou de direção. Foi o suficiente para Owen se abaixar e agarrar Ellie, jogando-a no colo.

Ele podia ouvir seus gritos.

— Estou morrendo! — ela disse, tentando se mexer do colo dele. Usou seu rifle para segurá-la. O touro, irritado com o sal em sua pele, virou e começou a correr em direção a eles.

Owen podia ouvir os roncoss guturais do touro enquanto se aproximava.

— Sim! —disse, batendo na lateral de Splinter com suas rédeas. Ellie continuou gritando. — Espere — disse a ela enquanto guiava Splinter sobre a cerca para a clareira perto do rio.

Ele puxou as rédeas, parando o cavalo. Seu rifle caiu no chão, assim como Ellie. Ele viu seu traseiro redondo no ar enquanto ela tentava se levantar do chão. A tentação era real.

Caindo no chão, a agarrou pelo cotovelo para ajudá-la a se levantar, mas ela puxou o braço para longe dele. Seu chapéu, uma coisa de babados com uma pena, estava torto em sua cabeça. Seu cabelo, que estava bem enrolado antes de sua cavalgada, agora estava caindo dos grampos que o prendiam no lugar.

Sua jaqueta estava suja, assim como suas calças e botas de montaria. Ela ergueu a cabeça para o céu e uivou.

— Silêncio — disse ele. — Todo mundo vai te ouvir. — Talvez tenha sido mais duro do que ele pretendia, pois só a fez gritar mais alto.

Suas bochechas estavam ficando vermelhas brilhantes. Se ela não respirasse, desmaiaria ali mesmo ao longo do rio.

— Por favor, Ellie — implorou. — Acalma-se. — Ele colocou as mãos nos ombros dela e a virou para encará-lo. — Está segura.

Quando não respondeu, Owen fez a única coisa que conseguiu pensar para fazê-la parar de chorar. Segurou seu queixo em suas mãos e a beijou.

CAPÍTULO DOZE



Fazia dois dias desde aquele beijo que pegou os dois de surpresa. Era início da noite e Ellie usou o pé para empurrar o balanço para frente e para trás. O sol estava começando a se pôr, mas não era bem crepúsculo. Levaria algumas horas antes que a luz do dia desaparecesse. As silhuetas dos vaqueiros pontilhavam os pastos enquanto o sol afundava no céu.

Ela soube que Frank havia sido enterrado naquela manhã. Sua sela foi encontrada debaixo de uma árvore perto do rio, junto com seu saco de dormir e os restos de uma pequena fogueira. Doc Mueller notou várias mordidas de cascavel nos braços e pernas de Frank. Havia muitas mordidas para ser apenas uma cobra, então foi determinado que perturbara uma toca de cobra quando fez seu acampamento para a noite.

Nenhum dos Chapmans compareceu ao funeral. Marmee queria consolar a amiga, mas Weston insistiu que ela ficasse em casa.

Owen a estava evitando.

Após o incidente com Cocoa, Ellie sentiu uma fonte de emoção que não conseguiu conter.

Ela gritou.

Ela gritou tudo o que vinha sentindo nos últimos meses.

Ela gritou ao saber que Arlo se casou.

Ela gritou por Frank.

Ela gritou por sua vida não sair como planejava.

Ela gritou porque só ficaria em Flat River mais alguns dias e não queria voltar para casa.

Ela gritou porque percebeu que realmente desejava amor e uma família, mas agora sua oportunidade se foi novamente.

Quando Owen a beijou, seu mundo inteiro se inclinou. Isso a fez parar de gritar, o que tinha certeza ser o plano dele, mas algo mudou dentro dela.

Foi o primeiro beijo dela. Arlo insistiu em esperar até o casamento; algo pelo qual Ellie estava grata agora, pois não conseguia imaginar como os lábios molhados dele se comparariam ao primeiro beijo que Owen Chapman

deu nela.

Quando parara de chorar, ele se afastou o suficiente para permitir que ela respirasse fundo. Quando ele se afastou, Ellie fez o impensável, passou os braços em volta do pescoço dele e o puxou de volta.

Ele resistiu apenas por um momento e então seus lábios reclamaram os dela com algo que só poderia descrever como desejo ardente. Ela se agarrou a ele e colocou todos os seus sentimentos e frustrações naquele beijo. Foi catártico, mas depois se transformou em algo mais.

O som de cascos os puxou para fora do abraço enquanto Oliver cavalgava, puxando Winchester atrás dele. Ellie se escondeu atrás de Owen com vergonha. O que havia acontecido?

Ele a colocou em Winchester e subiu atrás dela. Oliver pegou as rédeas do manchado e voltou para o celeiro. Owen levou Ellie em uma caminhada lenta pelo rio. Não se falaram.

Ellie apreciou a sensação dos braços de Owen em volta dela, segurando-a com força. E se inclinou para trás e descansou a cabeça no peito dele. Podia sentir seu batimento cardíaco lento e constante.

Quando eles voltaram ao celeiro, Owen a ajudou a alcançar no chão. Não dissera uma palavra. Ellie podia ver que sua mandíbula estava apertada quando começou a levar Winchester de volta ao celeiro.

— Owen — chamou suavemente.

Owen se virou e olhou para ela. Seus olhos se encheram de uma emoção que Ellie nunca tinha visto. Parecia parte angústia, parte desejo.

— Vá para a casa, Ellie. — Sua voz era grossa.

— Mas...

— Agora.

Essa única palavra fez Ellie correr de volta para a proteção de seu quarto emprestado, onde ficou o resto da noite, debruçada sobre as cartas de Frank, desejando que fossem de outra pessoa.

Agora estava sentada balançando em um balanço preso à varanda por cordas grossas, contemplando seu futuro. Desejava poder pelo menos falar com Owen.

Ele definitivamente a estava evitando.

Owen nem olhava para ela na hora das refeições e até evitara comparecer à refeição principal. Ela queria chamar sua atenção, então fez tudo o que sabia.

Ela tirou seu melhor vestido amarelo, embora fosse completamente inadequado para o clima empoeirado. Escovou o cabelo cento e uma vezes com uma escova de cerdas até que brilhasse.

Quando ele não apareceu, tentara esconder sua decepção. Oliver era um companheiro de jantar delicioso, mas não era... Owen.

Ela continuou a balançar e olhar para a paisagem do Nebraska. Poderia dizer que havia uma sensação de paz, então, mas por que estava se sentindo tão inquieta por dentro?

A porta da frente se abriu, puxando-a para fora de seus pensamentos. Alice saiu com duas xícaras na mão.

— Achei que ia gostar disso — ela disse, entregando uma das xícaras para Ellie.

— Obrigada — disse Ellie, parando o balanço tempo suficiente para Alice se sentar, antes de balançar mais uma vez.

Ficaram em silêncio por alguns minutos, tomando chá. O chá tinha um sabor adocicado e defumado que Ellie não conseguiu identificar. Era muito forte, mas depois de alguns goles tornou-se bastante agradável. Finalmente, Ellie falou.

— O que há nisso?

— Melaço.

Isso explicava o sabor defumado.

— Isso é uma coisa ocidental? Usando melaço em vez de açúcar?

Alice tomou um gole da xícara.

— Não. É uma coisa de Owen e Oliver.

— Como assim?

— Eles continuam roubando os cubos de açúcar para seus cavalos.

Ellie riu.

Alice era uma garota muito bonita. Ela tinha lindos cachos, da cor do trigo de verão, com grandes olhos azuis. Ela usava um vestido xadrez azul com gola de renda branca e botas pretas desgastadas.

— Morou em Atlanta a vida toda? — Alice perguntou.

Ellie assentiu.

— Sim. Fui para uma escola particular para meninas e depois estudei para ser governanta.

— Por que não trabalhou?

— Fiquei noiva. E mulheres casadas não trabalham.

Alice soltou uma zombaria.

— Toda mulher casada trabalha por aqui.

— Este é um estilo de vida totalmente diferente.

— Eu odeio isso.

As palavras eram tão suaves que Ellie teve que parar para ouvi-las.

— Nebraska é lindo — disse Ellie. — Eu não gostaria de ir embora.

— É molhado, sujo e malcheiroso. — Alice baixou a xícara vazia em seu colo.

— Isso soa mais como pastagens e gado, não todo o estado. — Alice deu-lhe um pequeno sorriso que não alcançou seus olhos. — Já estive em uma cidade grande?

Alice não disse nada. Ela ergueu a xícara, mas percebendo que estava vazia, colocou-a na grade que cercava a varanda.

— Fui a São Francisco.

— Que bom! Ouvi dizer que é uma cidade muito movimentada. Gostou?

— A viagem até lá foi emocionante. Eu nunca tinha andado de trem

antes. Mas quando cheguei, não gostei nada. — O silêncio encheu o ar. — Como sabe quando conhece a pessoa certa? A pessoa com quem vai passar o resto de seus dias?

Antes que Ellie pudesse responder, o som de cascos de cavalos foi ouvido subindo em direção a casa.

Alice se levantou e protegeu os olhos para ver quem estava se aproximando.

— Quem é? — Ellie perguntou.

— Parecem os Hartmans.

Ellie se levantou. Por que eles estariam parando?

Alice chamou Marmee.

Penny e Marmee se juntaram ao pequeno grupo na varanda quando Randall e Chat Hartman se aproximaram.

— Ingrid — Randall disse, inclinando o chapéu para ela.

Marmee foi até a grade e colocou as mãos nela.

— Randall, sinto muito por Frank. Como está Verna?

— Obrigado. Suponho que ela está aguentando tão bem quanto se pode esperar.

— Dê a ela meus cumprimentos, certo?

Seus olhos examinaram as mulheres de pé na varanda. Quando viu Ellie, fez uma pausa como se estivesse surpreso e uma carranca surgiu em seu rosto.

— Estou procurando por Weston — disse rispidamente.

— Ele está no celeiro.

Randall sussurrou algo para Chat e então guiou seu cavalo em direção ao celeiro. Chat permaneceu em seu cavalo perto da varanda.

— Como está, Chatten? — Marmee dirigiu-se ao jovem Hartman.

— Bem, como se pode esperar, senhora.

— Sentimos falta de te ver.

Chat empurrou o chapéu mais para trás. Ellie podia ver um músculo pulsando em sua bochecha. Ele era definitivamente um homem bonito, com cabelos escuros, quase pretos, e um início de barba no queixo. Ele se virou e olhou para o celeiro, antes de ajustar sua visão de volta para uma mulher na varanda.

— Eu acho que isso não poderia ser evitado. Mas talvez eu possa ser convencido a passar mais vezes.

Marmee não disse nada.

Alice se inclinou sobre o corrimão.

— Gostaria de uma salsaparrilha enquanto espera?

Ellie notou que os olhos de Chat se demoraram em Alice mais do que o necessário.

— Não senhora, mas obrigado por oferecer. Na verdade, vim falar com a senhorita Brooks, se ela tiver um minuto.

Marmee, Penny e Alice se viraram e olharam para Ellie. Ela colocou os dedos no camafeu em sua garganta.

— Eu — eu — eu não sei o que teria a me dizer.

— Vai levar apenas um minuto.

— Estaremos lá dentro se precisar de alguma coisa, Ellie — disse Marmee, pegando Alice pela mão para levá-la para dentro.

Ellie notou Alice olhando por cima do ombro enquanto era puxada para dentro. O olhar de Chat não parou até que a porta foi fechada.

Interessante.

— Como posso ajudá-lo, Sr. Hartman?

Ele desceu do cavalo e colocou um pé na varanda, usando o joelho dobrado para apoiar os braços.

— Me chame de Chat.

— Eu prefiro Sr. Hartman, obrigada.

— É uma coisinha engraçada — gargalhou. — Me lembra um passarinho que caiu do ninho e vai fazer o máximo de barulho que puder para chamar a atenção que deseja.

— Eu não fiz nada disso.

— Ouvi dizer que foi perseguida por um touro.

Ellie se levantou do balanço e olhou para ele. O banco balançou para trás antes de voltar para frente e bater atrás de seus joelhos. Ellie rapidamente deu um passo à frente para recuperar o equilíbrio.

Ela se levantou, notando o brilho nos olhos de Chat. Alisando a saia, perguntou:

— Como ouviu isso?

— Histórias como essa têm um jeito de se espalhar rapidamente.

— Hmmm. Bem, Sr. Hartman, tenho certeza de que não veio até aqui para ver se eu fui perseguida por um touro. Então, por favor, vá direto ao ponto.

— Bem, sei que Frank te trouxe até aqui com a intenção de se casar.

— Sim?

— Não parece certo, vir até aqui só para ter que ir para casa.

— Concordo com o senhor. Prefiro não voltar para Atlanta. Flat River tem um semblante encantador. Eu gostaria de ficar aqui por mais algum tempo. — Chat riu novamente, balançando a cabeça em descrença. — Posso perguntar o que é tão engraçado? — perguntou Ellie.

— Todas essas palavras arrogantes que usa. Não sei por que uma mulher bonita assim viria até aqui para se casar com um homem como Frank.

— Isso foi entre mim e Frank.

— Eu li suas cartas, senhorita Brooks.

Ellie ficou horrorizada.

— Como ousa! — Suas bochechas estavam coradas e ela tremeu de vergonha.

— Ele me fez ler algumas delas antes de contar à mamãe. Só não entendo por que uma mulher altamente educada como a senhorita, se contentaria com um vaqueiro como Frank.

Ellie olhou para Chat. Ela podia ver a dor sob seus olhos.

— Sinto muito pelo seu irmão. Era meu maior desejo poder vir aqui e me casar com ele. Seu irmão tinha planos, Sr. Hartman. Frank queria começar seu próprio rancho. Trabalhar sua área plantada sob o Homestead Act. E queria ter filhos. Criá-los perto de seus pais e irmãos. Lamento que nunca o conhecerei além das cartas. Ele parecia ser um homem trabalhador e leal.

Chat assentiu.

— Isso ele era. E sei que vai voltar para onde quer que tenha vindo...

— Ele ergueu os olhos em uma pergunta sem resposta.

— Atlanta.

— Atlanta. Sei que vai voltar para Atlanta, mas gostaria de lhe dar a opção de se casar comigo ou com um dos meus irmãos. Frank te fez uma promessa e discutimos que um de nós deveria cumprir a promessa de Frank.

— Seus irmãos?

— Poderá escolher entre mim, Baxter, Rex ou Whitney.

— Não sei nada sobre nenhum de vocês.

— Isso não quer dizer que não possa nos conhecer.

Ela olhou dele para a porta da frente. Ela viu um tremeluzir de uma cortina antes de se voltar para Chat.

— Acho que não tem nenhum desejo de se casar comigo. Na verdade, acho que suas intenções podem estar em outro lugar.

Chat se endireitou. — Eu não sei do que está falando.

— Seu segredo está seguro comigo. — Ela viu seus olhos arregalados de surpresa. — Que tal me levar para um passeio de carroça? Vou me certificar de que tenho a acompanhante apropriada.

Ele parou por um segundo. — Sim, senhorita — disse, sorrindo.

Elle olhou para cima para ver um homem caminhando decididamente para frente da casa.

Owen.

Sentiu seu coração pular ao ver seus músculos flexionarem a cada passo. Notou que o andar dele era muito reto, onde Oliver tendia a andar relaxado; como se não tivesse pressa de ir a lugar algum.

— Seu segredo está seguro comigo também, senhorita Brooks.

— Eu não sei do que está falando, Sr. Hartman. — Chat deu uma risadinha e apontou para o braço dela. Sua mão estava descansando em seu peito. — Oh — ela disse, rapidamente deixando cair o braço ao seu lado.

— Hartman!

— Chapman.

— O que está fazendo aqui? Eu lhe disse para ficar fora da minha terra.

Chat esfregou o queixo.

— Bem, pelo que vejo, seu pai ainda está vivo, então isso faz com que seja a terra dele.

Ellie observou Owen abrir e fechar o punho.

— Não tem nenhum negócio aqui, então sugiro que vá embora.

— Bem, na verdade, tenho sim alguns negócios. Vim falar com a senhorita Brooks.

Owen voltou seus olhos escuros para ela. Ellie desejou saber o que ele estava pensando, pois, uma miríade de emoções apareceu em seu rosto.

— Ellie?

— Sim, a senhorita Brooks graciosamente me permitiu levá-la em um passeio de charrete amanhã. Claro, seremos devidamente acompanhados.

— Não vai...

— Bem, acredito que é escolha da senhorita Brooks decidir se ela gostaria de dar uma volta.

— Ela sai no sábado. Qual é a sua intenção, Hartman?

— Bem, decidi que irei cortejar a senhorita Brooks e ver se ela quer ficar aqui. — Chat deu um sorriso largo para Owen. — Ela está muito bonita em seu vestido amarelo. Não posso deixar alguém assim escapar.

Owen negou com a cabeça. — Que ela fique aqui?

— Sim. Como minha esposa.

Aconteceu tão rápido que Ellie perdeu quem fez o primeiro movimento, quando os dois homens se chocaram e começaram a lutar no chão.

CAPÍTULO TREZE



Os gritos de Ellie trouxeram Marmee, Alice e Penny correndo para a varanda.

— Oh, minha nossa! — disse Marmee, correndo até o último degrau e tentando tirar Owen de cima de Chat. — Parem com isso! — ela gritou. Os dois homens rolaram para a direita, quase pegando a saia de Marmee enquanto caíam no chão. Ela deu um passo rápido para o lado e alcançou debaixo de sua jaqueta.

Marmee apontou um pequeno revólver para o ar e disparou um único tiro. Ellie pulou com o som. Os homens se separaram e rolaram de costas. Eles olharam para a mulher diminuta de pé sobre eles.

— Já terminaram? — Os homens assentiram. — Ora, se fossem mais jovens eu os faria se resolverem nos arbustos à beira do rio. — Ambos os homens pareciam arrependidos. — Na verdade, ainda podem. Agora, levantem-se — exigiu.

Ellie olhou para os vaqueiros correndo do celeiro em direção à casa.

Weston veio correndo e agarrou sua esposa.

— Está bem? — ele a puxou para perto.

— Estou bem. Estava apenas chamando atenção dessas duas crianças.

Randall finalmente chegou. Estava bufando como se tivesse corrido todo o caminho de Flat River, e não apenas do outro lado do curral.

— O que está acontecendo? — Perguntou.

— Nada, pai — disse Chat, ficando de pé. — Apenas queimando energia como costumávamos fazer. — Estendeu a mão para Owen, que a pegou com relutância, permitindo que Chat o ajudasse a se levantar. — É melhor se mexer, Chapman. Uma mulher bonita como ela não vai conseguir sair do condado antes que algum homem se case com ela — disse antes de soltar a mão de Owen com um puxão.

Ellie correu ao longo da varanda e desceu os degraus para correr até Owen. Seu chapéu estava no chão e foi esmagado na briga.

— Está bem? — Perguntou. Owen continuou a olhar para Chat. Ela

levantou os dedos para o queixo dele e virou a cabeça para olhar para ela. Seus olhos, que estavam duros de raiva, começaram a suavizar. — Está bem? — ela perguntou novamente.

Owen a agarrou pelos braços e a puxou para mais perto. Ela podia ver que seus dedos estavam arranhados e ele tinha sujeira e pedras incrustadas em sua pele.

— Estou bem — falou ele. Ellie se virou para olhar para Chat, mas Alice estava tirando as pedras de seus dedos.

— Ele também está bem.

Ellie voltou sua atenção para Owen.

— O que está acontecendo contigo?

Owen rapidamente a soltou e esfregou o pescoço, estremecendo quando sua pele rasgada foi tocada. Ele olhou para os homens no pátio.

— Não têm trabalho a fazer? — Rosnou, acenando com a mão ferida para eles antes de prosseguir em direção a casa.

— Espere! — Ellie gritou. Ela subiu os degraus enquanto ele abria a porta. — Deixe-me limpar suas mãos.

— Penny pode fazer isso. Seu marido é um lutador. Ela tem muita prática.

Ellie sentiu a pressão das lágrimas sob seus olhos. Fechou as pálpebras por um momento, desejando que não caíssem. Quando abriu os olhos, Owen estava ali com um olhar peculiar no rosto.

Ele levantou dois dedos e gentilmente traçou sua bochecha.

— Não tem ideia do que é preciso para viver aqui, Ellie. — Ellie queria que ele segurasse seu rosto com a mão. Queria ser capaz de virar a cabeça em sua palma. Owen baixou a mão e abriu mais a porta. Seus olhos estavam assombrados e ela se perguntou o que causou a dor, desejando enviá-la para longe. — Está muito bonita nesse vestido, Ellie — ele sussurrou antes de entrar.

Ellie se virou para ver a multidão se separando e voltando para seus respectivos locais de trabalho. Ela viu Everett tirar uma moeda do bolso e colocá-la na mão aberta de Caleb antes de voltar para o celeiro.

Randall e Chat estavam montando em seus cavalos.

Ellie viu Marmee e Weston caminhando em direção a horta. Ele segurou a mão de Marmee na sua, seu braço em volta da cintura dela. Ellie suspirou. Esse era o tipo de amor que queria.

— Te vejo amanhã, Ellie — Chat chamou enquanto começava a correr pela entrada.

Ellie observou enquanto o par desaparecia no sol poente. Ellie se virou para Alice, que a olhava com desconfiança.

— O que? — Ellie perguntou.

— O que ele quis dizer?

Ellie deu os braços a Alice.

— Quer dizer que vamos dar uma volta.

— Nós?

— Sim. Coloque seu vestido mais bonito, Alice. Amanhã tem um encontro com o destino.



Depois do jantar, Ellie encontrou Owen no jardim de flores. Havia tirado as cartas de sua bolsa e as colocado onde não se esqueceria de pegá-las, quando Chat viesse buscar ela e Alice para um passeio. Pegou um dos folhetos que leu no trem e foi em direção ao jardim.

Ainda havia luz do sol suficiente e os insetos eram poucos, então podia andar pelo jardim de flores e se sentar no banco e ler até a escuridão cair.

Marmee tinha um lindo jardim. Caixas de flores de madeira conectadas para formar a parte externa deste. Dentro havia vários outros vasos em forma de cruz. Ellie ficou impressionada com a existência de um jardim tão bonito em um local remoto de Flat River.

Isso a lembrou de um dos pequenos jardins de flores no parque local de Atlanta. O jardim de Marmee era em uma escala muito menor, mas igualmente adorável. A única coisa que faltava eram os vendedores de guloseimas ao longo do caminho.

Ela sabia que havia um banco do outro lado, então foi para lá que andou. Ao virar a esquina, se assustou ao encontrar Owen sentado lá. Ele estava segurando um livro de couro na mão e sua cabeça estava baixa.

Ellie deu um passo para trás, esperando desaparecer sem perturbá-lo, mas as pedras no caminho tinham outros planos. Seu calcanhar afundou na terra macia e se recusou a ceder enquanto tentava se virar. Ellie deu um pequeno grito enquanto caía no solo macio.

Owen estava ao lado dela em um instante.

— Está bem? — ele perguntou, ajudando-a ficar em pé.

Ellie limpou a sujeira de sua saia amarela, espalhando a sujeira úmida no tecido.

— Estou bem.

— Nada machucado?

— Só meu orgulho — disse. Owen olhou para ela por um momento e riu. — Não é engraçado — advertiu. — O que estava fazendo aqui?

Owen voltou para o banco e pegou o livro que deixara cair.

— Eu saio logo antes de escurecer e faço minhas orações.

— Não as diz lá dentro? — Ellie sempre dizia as dela quando pulava na cama. Nunca pensou em sair para dizê-las.

— Só no inverno.

— Posso te acompanhar?

Owen se acomodou para deixar espaço para que se sentasse. — O que está fazendo aqui? — ele perguntou.

— Estava saindo para ler. Achei que não estava muito escuro.

— O que está lendo? — Ellie ergueu o pequeno volume bege. Owen pegou dela. — Seth Jones, também conhecido como os cativos da fronteira. — Ele bufou e entregou de volta para ela. — Provavelmente foram escritos por alguém que nunca esteve no Oeste.

— Gostaria de ler? — Ofereceu o livro de volta para ele.

— Não tenho muito tempo para coisas como ler.

— O que faz, então?

— Eu trabalho.

— O tempo todo?

— O tempo todo.

— Isso não é bom, Owen. Precisa de algum tempo para se refrescar.

— Estou tentando construir um rancho de cavalos. Leva todo o meu tempo.

— Não pode deixar seus irmãos ajudarem mais? Na maioria das vezes eu os vejo parados no portão.

— Eles ajudam bastante.

— Não quer se casar? Começar uma família. Essas coisas podem ajudar com seu rancho também. — Quando Owen não respondeu, Ellie pensou que uma abordagem mais direta poderia funcionar. — Por que brigou com Chat hoje?

— Ele não tinha nada que estar aqui.

— Por quê?

— Faz muitas perguntas, Ellie.

— É a única maneira de obter respostas.

Owen esfregou as mãos enquanto formava uma resposta.

— Caleb me contou sobre a intenção de Chat falar contigo sobre se casar com um dos irmãos Hartman. Admito que eu não sabia como me sentiria sobre isso. — A esperança ganhou vida em seu peito. — Eu pensei que nunca teria outra oportunidade de me casar novamente, mas foi como se o próprio Deus te trouxesse para Flat River para que pudéssemos nos encontrar.

— Novamente?

— Foi há muitos anos. Dez, para ser preciso. Estávamos noivos, mas ela não apareceu no casamento.

— Eu sinto muito.

— Ela mandou uma carta. Acontece que estava fugindo com um homem chamado Duke Richards. Disse-me para não a procurar.

— E fez isso?

— Nós fizemos isso quando o novo marido de Sarah matou meu irmão anos depois. Acontece que Duke era um ladrão de gado e Sarah estava grávida de seu filho. Ela deixou tudo para trás para ir com ele. Acho que cavalgar pela pradaria era mais emocionante do que ser a esposa de um fazendeiro.

— Sinto muito, Owen. Não posso imaginar a dor que sentiu ao perder

alguém que ama.

Owen deu um gemido curto.

— Nós não nos amávamos. Se aprende a amar alguém. Eu esperava que pudéssemos nos apaixonar em algum momento, mas não era para ser. Em vez disso, seria tolice destruiu duas famílias.

— Não entendo.

— O nome dela era Sarah Hartman.

— Hartman? — Ellie levou os dedos aos lábios. — Como a irmã de Chat Hartman?

— Sim. Eu estava noivo da filha de Randall e Verna.

— Oh Céus! — As palavras que ele acabou de falar tomaram conta dela. Deveria ter sido algo sobre esse assunto que causou a ruptura entre as duas famílias. Ellie não queria se intrometer mais.

Ela se virou no banco e pegou a mão de Owen na sua.

— Ainda há muito tempo para se casar. Peça para alguém trabalhar ao seu lado enquanto constrói seu sonho.

— Acho que não existe. — A tristeza em sua voz partiu o coração de Ellie.

— Por que não? — Perguntou.

— Não há muitas mulheres por aqui. Aquelas que existem, ou são minhas parentes, ou trabalham no saloon ou são bandidas.

— Poderia escrever uma carta.

Owen deu uma risada.

— Como Frank fez?

Ellie sentiu suas costas eriçar.

— Foi uma maneira perfeitamente razoável de encontrar uma esposa. Havia alguns anúncios no jornal.

— Então apenas escrevem cartas um para o outro?

Ellie assentiu.

— Pode conhecer alguém intimamente através da escrita. Pode até se apaixonar.

— Amava Frank?

Ellie não podia suportar o olhar assombrado em seus olhos. Ela colocou a mão em seu braço e sentiu os músculos se contraírem sob seus dedos.

— Achei-me afeiçoada a ele. Talvez até cedendo aos sonhos que ele tinha de fazer uma vida aqui sob o céu do Nebraska. Ele teve os mesmos sonhos que você, Owen. Talvez um dia eu encontre alguém e possa voltar aqui.

— Talvez eu devesse tentar — disse ele. — Escrever uma carta.

— Talvez deva.

— Devo dizer onde coloquei o anúncio?

Os olhos de Elle saltaram para os dele. — Como?

— Se eu colocar um anúncio no jornal e o visse, me escreveria?

— Não entendo.

Ellie olhou para a mão dele. Ela os traçou com o dedo.

— Ouça-me — ele exigiu, atraindo os olhos dela de volta para si. — Se eu colocar um anúncio no jornal, responderia?

— Como eu iria saber...

Owen passou o polegar pelas costas da mão de Ellie. Ela saboreou o formigamento que suas carícias enviaram para seu braço.

— Saberá. — Ele levantou a mão dela e abriu seus dedos para pressionar um beijo contra sua pele. Quando terminou, ele levantou o queixo dela e cobriu sua boca em um beijo.

Ellie se sentiu inebriante enquanto ele tomava seu tempo, mordiscando a parte inferior de seu lábio. Colocou as mãos nos ombros dele, sem saber se deveria empurrá-lo para trás ou puxá-lo para mais perto. Decidiu pelo último.

Quando ele finalmente quebrou o beijo, Ellie colocou a mão no peito e respirou fundo várias vezes. Quando conseguiu recuperar o fôlego, sorriu.

— Eu te escreveria.

— Não posso prometer palavras carinhosas, mas posso prometer que vou te amar, te proteger de touros furiosos e me casar contigo quando estiver pronta. Quando nós dois estivermos prontos. Eu gostaria de uma chance de cortejá-la adequadamente, Elenore Brooks.

— Eu realmente gostaria disso, Owen.

— Minha Ellie. — Se inclinou e a beijou mais uma vez. Quando finalmente quebrou o beijo, gentilmente a puxou para ele e colocou seus lábios suavemente contra seu cabelo. Ele a segurou por apenas um minuto. Ellie nunca se sentiu mais segura.

— Vamos entrar — ele disse suavemente. Ellie se levantou e Owen pegou sua Bíblia, juntando-se a ela no caminho. — Iremos ficar bem juntos, Ellie. Eu sinto isso em meus ossos.

Ellie também sentira quando eles roubaram outro beijo antes de voltar para casa.

EPÍLOGO



Ellie acordou na manhã seguinte e se espreguiçou na cama, antes de rolar e abraçar o travesseiro. Seus sonhos estavam cheios de palavras doces e beijos ainda mais doces de Owen. Mal podia esperar para vê-lo.

Uma batida na porta a fez se sentar.

— Sim? — perguntou.

— Sou eu, Alice.

Ellie saiu da cama e pegou seu xale. Era cedo porque o sol estava nascendo. Abriu a porta e Alice entrou, indo até a penteadeira para se sentar.

— O que é isso? — ela perguntou.

— O que?

— Isto. — Alice pegou um pedaço de papel pardo que havia sido dobrado em um envelope e amarrado com um barbante.

— Eu nunca vi isso.

Alice deu de ombros. — Tem o seu nome nele.

Ellie pegou o pacote e o virou. Seu nome foi escrito em traços largos. Seu coração pulou uma batida. Ela o leria quando Alice saísse.

— O que quer? — Ellie perguntou, impaciente para chegar ao conteúdo de sua carta.

— Oh. Eu queria pegar um vestido do guarda-roupa e queria saber se poderia me ajudar com meu cabelo.

— Claro.

Alice foi até o guarda-roupa. — Eu estava pensando sobre este — disse, puxando um vestido xadrez verde com gola bordada.

— É lindo. Acho que ele não vai conseguir tirar os olhos de você.

— Vou me casar com aquele homem — disse. Parou de mexer com o vestido. — Mas agora não. Não quero me casar com ninguém agora.

— Uma jovem da sua idade deveria estar pensando em coisas como casamentos e bebês.

— Acha que, se nos casássemos, ele concordaria em me deixar manter a lamparina acesa?

Ellie apertou os lábios. Que pergunta estranha.

— Tenho certeza que sim. Qualquer um que te ame faria algo para te fazer feliz.

Alice correu e deu um abraço rápido em Ellie.

— Obrigada. — Pegou o vestido e saiu.

Ellie rapidamente fechou a porta atrás de Alice e voltou a se sentar na cama. Com dedos trêmulos, ela desamarrou a corda que prendia o pacote fechado. Um pedaço de papel e dois livrinhos bege caíram em seu colo.

Ela os pegou e sorriu. Eram duas histórias que não tinha lido. Os livros eram macios como manteiga e gastos, como se alguém os tivesse lido várias vezes. Ela abriu o interior. O. Chapman – 1864 foi escrito no canto superior direito da primeira página.

Sorriu, pensando em Owen lhe dando algo tão precioso. Desdobrou o papel e viu quando viu o layout grosseiro do jornal desenhado à mão na página. Tinha a data e Flat River Gazette no topo da página.

Seus olhos percorreram as palavras e seu coração soube que ela encontrou onde pertencia.

Procura-se: Uma esposa e companheira para um fazendeiro sobrecarregado e às vezes rabugento. Construindo um futuro em cavalos ao longo da pradaria do Nebraska. Alguém cujo valor é mais do que rubis.

Deve amar romances exagerados escritos por pessoas que nunca viajaram para o Oeste. Exemplos desses romances estão incluídos.

Disposta a estar ao ar livre e ser uma verdadeira parceira. Eu tenho um touro, então ela precisa ter cuidado.

O Rancho é grande, às margens do Rio Flat com belas paisagens, cavalos selvagens e uma família onde será abraçada e amada.

Tenho 33 anos, mas a idade não importa. Preferiria alguém com cerca de 25 anos e cabelos da cor dos Mustang que percorrem a faixa, com destaques que existem da grama de verão. Lábios da cor de bagas que crescem selvagens na praia. E uma tez da cor da lua quando espreita do céu noturno.

Por favor, responda, por escrito, a Owen Chapman, e deixe sua resposta selada no banco do outro lado do jardim de Marmee, pouco antes do pôr do sol.

É meu futuro. Minha futura esposa.

Ellie não tinha certeza de como seria sua tarde. Quando contara seu plano a Chat, ele conduziu a charrete até a residência dos Hartman em vez de uma área que corria pelo riacho.

Sr. Hartman era difícil, assim como os irmãos de Chat. Ellie deu um suspiro de alívio por não ter que passar tempo com toda a família Hartman.

Embora não estivesse feliz em vê-los, Ma Hartman teve a decência de ser uma anfitriã graciosa. Até fez um bule de café fresco.

Não parecia tão dura quanto quando Ellie a conheceu. Os anos não foram bons, mas podia ver que Marmee estava certa. Se Ellie entendesse as

experiências de Ma, veria que havia uma mulher honrada por trás de toda a mágoa e raiva.

Uma pessoa que ficou encantada em vê-los foi Annamae. Ela e Alice eram melhores amigas durante a escola.

Annamae parecia ser uma garota frágil, embora tivesse dezenove anos. Seu rosto estava limpo, revelando traços pequenos, Ellie a comparou a elfos e fadas da floresta de histórias que sua mãe lia para ela.

Pequenas gentilezas foram trocadas em um bule de café e alguns biscoitos, ainda quentes do forno.

— Vou sentar um pouco do lado de fora — disse Chat depois de terminar o pequeno lanche. — Gostaria de se juntar a mim, Alice?

Os olhos de Alice se arregalaram e ela assentiu, seguindo Chat porta afora.

— Tem uma linda casa, Sra. Hartman — Ellie disse olhando ao redor. Embora não fosse tão grandiosa quanto a dos Chapman, era quente e aconchegante. A mobília era funcional. As únicas decorações eram uma mesa redonda com um guardanapo de renda e algumas litografias emolduradas. Ellie se aproximou e admirou a exibição. Pegou uma foto emoldurada de uma jovem. Quase parecia Annamae, exceto que o cabelo era mais escuro. A mulher era bonita, mas seus olhos pareciam tristes na fotografia. Quase como se toda a alegria da vida lhe tivesse sido roubada.

— Esta é Sarah? — Ellie perguntou.

Ma Hartman correu e arrancou a foto das mãos de Ellie. Ela correu os dedos pelo rosto sob o vidro antes de segurá-lo contra o peito.

— Esta foi tirada um dia antes de ela se casar.

— Por Owen? — Ellie viu os olhos da mulher mais velha se abrirem com surpresa.

— Como sabia?

— Owen me contou.

— Não era uma união de amor. Era estritamente negócios. Ia unir nossas famílias. Então aquele terrível Duke Richards apareceu.

— Duke Richards?

— A coisa mais suja e o maior ladrão que já viu. Levou minha Sarah embora.

— Onde ela está agora, se posso perguntar?

— Isso é tudo que eu sei. — A voz de Ma Hartman ficou mais suave quando ela colocou a foto de volta na mesa. — Nós não falamos sobre ela. Como se nunca tenha estado aqui. Só tenho essa foto para me lembrar. — De repente, ela levantou a cabeça e estreitou os olhos.

— Não veio aqui para admirar minha casa, senhorita Brooks, ou falar sobre fantasmas. Por que simplesmente não me diz por que está aqui?

Ellie enfiou a mão na pequena bolsa que trouxe com ela, removendo as cartas e a fita.

— Quero que fique com isso — disse Ellie, colocando o maço de cartas

nas mãos de Ma Hartman.

— O que são?

— Essas são as cartas que Frank me escreveu durante nosso namoro. Eu quero que as tenha.

— Eu não posso tê-las. Foram escritas para você.

— Sempre me lembrarei de suas palavras, mas para seguir em frente e encontrar uma nova vida, tenho que deixar essas memórias de lado. Parece apropriado dá-las a senhora.

— Não consigo ler muito bem. Meus olhos estão falhando.

— Tenho certeza de que pode conseguir alguém para lê-las para a senhora.

— Sobre o que elas estão falando?

— Frank me contou histórias a seu respeito e sua família. Como ele tinha grandes planos para o futuro. Queria se estabelecer aqui em seu rancho e ter uma futura geração de Hartmans. Ele amava sua família; era sua força vital. Ele não podia imaginar estar em outro lugar.

— Não o estava levando?

Ellie negou com a cabeça.

— De jeito nenhum. Frank me trouxe aqui para ser parte de sua família, não para começar uma nova. — Ela enrolou os dedos de Ma Hartman ao redor da pilha de cartas. — Vai entender quando ler.

— Foi um choque tão grande. Sei que me comportei mal, fazendo com que ele fugisse. Custou-me meu filho. Eu já tinha perdido tanto. Simplesmente não suportaria perdê-lo também.

Ellie passou o braço ao redor da mulher mais velha. Os ombros de Ma pareciam frágeis sob o toque de Ellie.

— Eu sei — sussurrou. — Mas não deixe que isso lhe custe outros.

Ellie olhou pela janela onde Chat e Alice estavam sentados em um banco sob uma árvore. Alice não tinha certeza sobre acompanhar Ellie, especialmente porque achava que isso machucaria Owen, mas quando Ellie lhe contou a verdade, Alice aproveitou a chance de sair um pouco da casa.

— Obrigada — disse Ma Hartman, apertando a mão de Ellie.

Ellie assentiu e se levantou.

— Obrigada por esta hora adorável. Eu gostaria de passar mais tempo com a senhora. Provavelmente já deveríamos estar voltando para casa.

Ela se virou para sair, mas Ma Hartman rapidamente a agarrou em um abraço. Ellie podia sentir os ombros da mulher mais velha tremerem, mas sabia que Ma não choraria na frente dela. Ellie retribuiu o abraço e então se separou para encontrar Chat e Alice.

— O que vai fazer agora? — Ma Hartman perguntou.

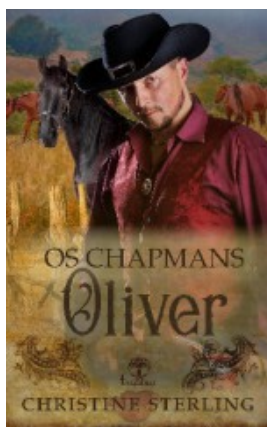
Ellie sorriu.

— Vou voltar para os Chapmans e escrever uma carta.

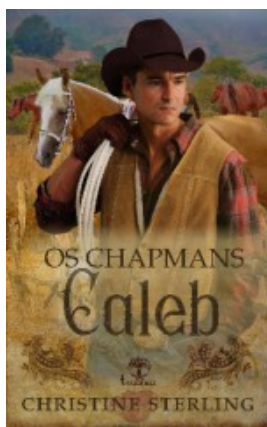
A história de Owen e Ellie não acabou. Ele é retomado na história de Oliver, que será lançada em breve. Espero que você continue a aventura com

os Chapmans. Veja a seguir o que ainda vem por aí dos livros da Saga Chapman, de Christine Sterling.

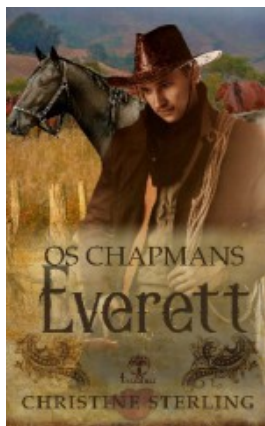
MAIS DOS CHAPMANS POR VIR



Trabalhar com seu irmão gêmeo em seu rancho é a melhor vida que Oliver podia imaginar. Isso é, até que uma mulher assustada e machucada aparece em sua porta. Do que ela está fugindo e Oliver pode protegê-la?



Caleb nunca se recuperou da morte de seu irmão. Ele se culpa por não estar lá para protegê-lo em um tiroteio. Em uma viagem de gado do Texas, ele encontra uma mulher e seu filho na trilha. Ela não se lembra de quem ela é ou para onde ela estava indo. Caleb se pergunta se esta é sua chance de redenção, ou trazê-la para casa separará ainda mais duas famílias?



Everett é o pacificador. Mesmo que sua família tenha brigado com o rancho mais próximo há anos, Everett sempre um jeito carinhoso com a moça que mora lá. Quando ele tem uma ideia maluca para fazer suas famílias ouvirem, isso vai aproximá-las ou separá-las?



Cansada de quatro irmãos mais velhos assustando todos os pretendentes, Alice decide resolver o assunto com as próprias mãos. O que ela não esperava era que o amigo de infância da família percebesse como ela era adulta e jurasse protegê-la; mesmo que fosse de sua própria família.

SOBRE CRISTINA



Christine Sterling publicou seu primeiro livro de forma independente em 2017. Ela é a criadora da popular Pinkerton Matchmaker Series, Proxy Bride Series e North and South Series. É autora em várias colaborações, incluindo: The Belles of Wyoming, Cowboys and Angels, The Widows of Wildcat Ridge e Silverpines, onde seu livro Wanted: Medicine Man ganhou o melhor romance histórico de 2018. Ela recentemente se juntou à Sweet Promise Press como uma escritora histórica. autora de romances, escrevendo a série Pioneer Brides of Rattlesnake Ridge.

Ela escreve romances históricos de faroeste doces e saudáveis, bem como romances contemporâneos agradáveis. Ela mora na Pensilvânia com o marido, um Shih Tzu mimado, dois pastores alemães e um enérgico Border Collie, que a mantém alerta.

Ela passa seu tempo escrevendo, pensando em escrever e sonhando em escrever. Suas coisas favoritas são uma boa xícara de chá, cachorrinhos aconchegados, um filme que vai fazer você chorar e ouvir seus leitores.

INFORMAÇÕES LEABHAR

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail](#)
[Leabhar Books®](#)

Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Agradecimentos
5. Dedicatória
6. Os Chapmans
7. PRÓLOGO
8. CAPÍTULO UM
9. CAPÍTULO DOIS
10. CAPÍTULO TRÊS
11. CAPÍTULO QUATRO
12. CAPÍTULO CINCO
13. CAPÍTULO SEIS
14. CAPÍTULO SETE
15. CAPÍTULO OITO
16. CAPÍTULO NOVE
17. CAPÍTULO DEZ
18. CAPÍTULO ONZE
19. CAPÍTULO DOZE
20. CAPÍTULO TREZE
21. EPÍLOGO
22. Mais dos Chapmans por vir
23. Sobre Cristina
24. Informações Leabhar

Guide

1. Cover
2. Beginning

1. 1
2. 2
3. 3
4. 4
5. 5
6. 6
7. 7
8. 8

9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)

53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)

97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129
130.	130
131.	131
132.	132
133.	133
134.	134
135.	135
136.	136
137.	137
138.	138
139.	139
140.	140

- 141. [141](#)
- 142. [142](#)
- 143. [143](#)
- 144. [144](#)
- 145. [145](#)
- 146. [146](#)
- 147. [147](#)
- 148. [148](#)
- 149. [149](#)